NA 16.ª PÁGINA: PONTOS E SOLUÇÕES DOS EXAMES LICEAIS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1969 N.º 16 715 ANO 40.º UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

KENNEDY: APELO A FAVOR DE BIAFRA

WASHINGTON, 3 — (F. P.) — Edward Kennedy, senador do Massachusetts, pediu a Nixon para intervir a favor do recomeço dos voos transportando víveres e medicamentos para Biafra.

Kennedy, que falava no Senado, afirmou que as Nações Unidas «preferiram ficar em silêncio a respeito deste caso» seguindo-lhes na peugada os Estados Unidos.

Era, afirmou, para ganhar a guerra que a Nigéria tinha decidido pôr termo ás missões aéreas de transporte de víveres. Tratava-se de obrigar o povo biafrense a submeter-se pela fome.

«Talvez» — continuou Edward Kennedy — «que a fome de um povo inteiro no Biafra não faça parte dos

(Continua na 12.ª página)

O ciclista Joaquim Agostinho está a ser alvo da curiosidade da Imprensa francesa, que faz constantes referências a «le portugais» que anda no «Tour». Entretanto, não falta quem espere de Agostinho grandes proesas e o próprio director desportivo da «Frimatic» anunciou solenemente: **«Prometo não fumar enquanto Agostinho não ganhar uma etapa.»** (Ler em «Desportos»)

LEIA NO SUPLEMENTO

MESA REDONDA de amanhã:

Concepções diferentes, por José Magalhães Godinho

Um mundo fundado sobre a guerra, por Faure da Rosa

A renovação pedagógica, por Jorge Crespo

Sementes de liberdade, por Urbano Tavares Rodrigues

Os meios e os fins, e os princípios, por José Fernandes Fafe

Que entende por esquerda e direita?, inquérito a que respondem: dr.ª Esther de Lemos, eng.ª Virgínia Moura e prof. dr. Adelino da Palma Carlos

Função Social da Crítica, mesa-redonda

A Morte de Tchombé, por A. U. C.

SOLNADO ENTRE CIGANAS

Raul Solnado (cada vez mais popular) esteve na festa cigana que ontem, á noite, se realizou no Jardim Público de Évora, integrada na Feira de S. João. Solnado, que apareceu de improviso, conversou com o público, particularmente com ciganos que se encontravam entre a assistência. Mas o actor não foi só: uma equipa de reportagem do «Diário de Lisboa» acompanhou-o para fazer, acerca do acontecimento, a crónica e as fotografias que publicamos na página central.

Após a sua investidura como príncipe de Gales, Carlos da Grã-Bretanha e sua mãe, a rainha Isabel II, atravessou as ruas de Caernarvon. Entretanto, o herdeiro do trono viaja através do País de Gales, por entre aclamações populares e ameaças de atentados. Ontem foram descobertos dois objectos suspeitos a algumas centenas de metros de Betwys-Y-Goed, numa estrada deserta por onde o príncipe deveria passar. O primeiro era, afinal, uma lata de biscoitos cheia de pedras. O outro parecia uma lata de conservas donde saiam dois fios eléctricos. Os peritos fizeram-na rebentar mas verificou-se que não era uma bomba

VOCÊ PODE REPRESENTAR PORTUGAL EM TÓQUIO

O «Diário de Lisboa» levará uma jovem portuguesa ao Japão. Assim o garantimos e assim será, de facto. Mas a notícia, como é evidente, despertou o maior entusiasmo entre as leitoras do nosso jornal. Começaram imediatamente os pedidos de informações sobre as bases do regulamento que já ontem

(Continua na página seguinte)

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

«As diligências e negociações terminaram por uma afirmação do Estado de Direito»

—diz o bispo do Porto na mensagem aos diocesanos

O bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, enviou de Fátima, onde ainda se encontra, a seguinte mensagem aos seus diocesanos

«Assinado na presente data, 2 de Julho de 1969, o decreto de revogação da Administração Apostólica, o bispo do Porto entra, «ipso facto», no exercício da sua jurisdição própria e ordinária, reintegrando-se, deste modo, a Igreja do Porto na autonomia eclesiástica que lhe é própria, dentro da unidade geral da Santa Igreja.

Precisamente por este facto da reintegração automática, não haverá transmissão de poderes nem tão-pouco, por esse próprio facto e em resultado de considerações óbvias, se dará ocasião ou se aceitará recepção pública, tanto na cidade episcopal como em qualquer outro lugar da diocese. O bispo do Porto reconhece e agradece as tão numerosas quanto amáveis e insistentes propostas e moções neste sentido, mas espera que todos compreendam que esta sua atitude não obedece a qualquer intenção ou desejo de se furtar a contactos e incómodos nem de frustrar os diocesanos da manifestação dos sentimentos que podem experimentar neste momento, tanto mais que uma permanência de duas semanas em Fátima, antes da reintegração, sempre ao dispor de todos, deve ter bastado a mostrar o contrário.

Por esta ocasião extraordinária e neste dia que Deus fez, o bispo do Porto, invocando de novo e mais vivamente o Pai das Luzes, junto do qual não há mudança nem sombra de vicissitude, nosso Pai, presente na Igreja pelo espírito de seu Filho Unigénito, nosso Irmão, Mestre e Senhor, que só nos pode julgar e em quem nos é dada a unica verdadeira luz—*in lumine tuo videmus lumen* — o bispo do Porto professa, como sempre e sempre mais, a sua adesão e comunhão na unidade da Santa Igreja e na aspiração á unidade efectiva de todos os cristãos, elevando, por isso, um pensamento especial grato e fervoroso ao primeiro servo dessa unidade, o nosso Sumo Pontífice, Paulo VI, e saudando os servidores dessa mesma unidade no espaço português que integram o nosso venerando Episcopado.

Não pode, também deixar de reconhecer e assinalar o alto espírito de compreensão, boa vontade e rectidão do sr. Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, na condução das diligências e negociações que terminaram, finalmente, por esta tão evidente afirmação do estado de direito, que do mesmo passo e reconhecimento da liberdade religiosa de uma notável fracção do povo português, e isto tanto nas relações diplomáticas como, também, num diálogo, empenhado e empenhativo com o laicado e clero do Porto. E neste pensamento de apreço e consideração, não pode o bispo, como de certo toda a diocese do Porto, deixar de associar ao Chefe do Governo todas aquelas autoridades e personalidades publicas que contribuiram para o mesmo propósito, quer estabelecendo amigáveis contactos oficiosos, quer veiculando até ao cimo do Estado as expressões da opinião publica.

A estes notáveis e mesmo extraordinários fenómenos do progresso da cidadania é mais que justo supor-se agora no reconhecimento como desde o princípio dos factos, a firme, constante e magnífica atitude da consciência e vontade de uma Igreja que, posta pelo Papa na pessoa do seu bispo perante as suas responsabilidades, soube afirmar-se serena mas corajosamente como unidade livre e adulta do povo de Deus, quer na resignação e disciplina, quer na guarda do seu espírito e liberdade interior, quer, finalmente, na reivindicação da sua autonomia eclesial. Certamente, nem a diocese nem o bispo podem esquecer o conforto e o apoio da opinião publica, nem o empenho e gentileza dos seus órgãos normais de comunicação, aos quais será levada oportunamente a justa expressão do nosso apreço e reconhecimento.

Que doravante todos os diocesanos, sem excepção, participem na comunhão de alegria e acção de graças da paz, unidade e liberdade essencialmente restauradas — que nada do que se ganhou se venha a perder —, que se esqueça tudo o que diminui e divide, que este crescimento espiritual nos leve á plena maioridade dos filhos de Deus, que todos estejamos e sigamos unidos para os grandes trabalhos que nos esperam, no plano diocesano como no nacional e universal, isto é, no enorme esforço de reflexão, crítica e acção para vencer e crescer com esta crise de civilização, em que estamos todos embarcados, muito particularmente para vencer crescendo os contragolpes desta crise de civilização sobre a Igreja universal e sobre a nossa particular. Resta-nos, ainda, um grande caminho, o caminho escatológico do reino.

Sempre no instante do fim sem fim: que, companheiros no êxodo e esperança, não nos fechemos sobre nós mesmos, não nos dispersemos no deserto, não nos ignoremos mutuamente nesta unidade de destino que é o nosso, que é a tradição e o futuro da diocese do Porto.»

*

Entretanto foi tornado publico que D. António Ferreira Gomes proveu já vários cargos da sua diocese, a saber: vigário-geral para toda a diocese e universalidade de negócios o rev. dr. Manuel da Silva Martins, antigo professor e vice-reitor do Seminário Teológico e mais tarde pároco da Cedofeita, cargo que agora ocupava; secretário-geral o rev. Artur Martins da Silva, seu antigo secretário particular e actual pároco de Espinho; e tesoureiro-geral o rev. José J. Rebelo Pinto Ferreira, actualmente professor e ecónomo do Seminário do Sagrado Coração de Jesus. O rev. Arnaldo Cardoso de Pinto será o secretário particular do bispo.

UMA PORTUGUESA NO JAPÃO

(Continuação da pág anterior)

publicámos mas hoje repetiremos, para total elucidação.

O Concurso Internacional de Beleza, no Japão, é uma iniciativa anual, promovida regularmente, e onde Portugal vai estar presente pela primeira vez por iniciativa do «Diário de Lisboa». A edição deste ano destina-se a promover a selecção da Rainha Internacional de Beleza 1969.

Jovens de inumeros países vão deslocar-se a Tóquio para participar num grande concurso internacional de beleza. E uma portuguesa estará com elas, eleita entre as muitas que serão candidatas.

Não esqueçam porém: a data de nascimento das concorrentes (naturalmente saudáveis), terá de ser posterior a 1 de Setembro de 1951. Apenas serão admitidas candidatas solteiras, cidadãs portuguesas pelo menos desde 1 de Março de 1969. Como atributos: boa presença, carácter, personalidade, «charme», beleza de rosto e de figura.

Como já referimos, o Concurso Internacional de Beleza, no Japão, é patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Governo Japonês, pela Associação Japonesa para a Exposição Mundial de 1970 e pelo Congresso de Beleza do Japão.

A partir de amanhã, começaremos a publicar o cupão destinado ás concorrentes.

Estudos médicos em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 3 — Hoje, ás 21 e 30, haverá na Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa, uma nova sessão de trabalho do Centro de Actualização de Estudos Médicos, durante a qual o professor da Faculdade de Medicina do Porto, sr. dr. Cerqueira Magro, desenvolverá o tema: «Considerações sobre algumas nefropatias».

ACTUALIDADE religiosa

Concordância entre o bispo e os padres

—segundo o comunicado final da reunião do Conselho Presbiteral

Terminou, ontem, ao fim da tarde a reunião do Conselho Presbiteral que, desde terça-feira, vinha a decorrer na Casa de Retiros da Buraca.

Findos os trabalhos, o Patriarcado forneceu o seguinte comunicado:

«O Conselho pronunciou-se sobre a forma de realizar entre nós o rito da paz do novo Ordinário da Missa e ouviu uma exposição sobre o funcionamento e actuais problemas do Secretariado das Novas Igrejas. Presidiu e tomou parte em todos os trabalhos o sr. cardeal-patriarca, que ás missas concelebradas pronunciou duas alocuções cujo texto foi dado oportunamente á Imprensa.

O Conselho manifestou particular interesse pelo projecto de cursos de actualização do clero, discutindo em trabalho de grupo e plenário vários aspectos da sua organização, que lhe foram apresentados por uma comissão constituída por iniciativa do Secretariado de Acção Pastoral, tais como objectivos, temática, participantes, duração, etc. O Conselho concluiu pela necessidade e urgência destes cursos e deu numerosas sugestões para a concretização do projecto proposto, que globalmente lhe agradou.

A proposta de bases de regulamentação do Fundo Diocesano do Clero deu ocasião a que se considerassem mais largamente os problemas económicos e administrativos do Patriarcado, manifestando-se o desejo de que eles sejam sempre encarados e resolvidos numa perspectiva vincadamente pastoral. A maneira como a proposta foi apresentada e a discussão em torno dela revelaram a concordancia entre a autoridade diocesana e o presbitério na determinação de se caminhar para um sistema mais de acordo com as orientações do Concílio Vaticano II. Neste sentido foram feitas algumas sugestões concretas. As bases de regulamentação do Fundo do Clero foram objecto de discussão e globalmente aceites. Este Fundo foi criado em 1961 e destina-se a assegurar a equidade na remuneração dos párocos e outros padres de todo o Patriarcado.»

EMISSORA NACIONAL

PAGAMENTO DE TAXAS

AVISO

Devem ser pagas durante o corrente mês, as taxas correspondentes ás licenças de rádio e de televisão anuais com numeros terminados em 5 (cinco), e semestrais em 0 (zero) ou 1 (um).

Este pagamento pode ser efectuado, até ás 18 horas, em qualquer estação dos Correios do continente ou ilhas adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional — Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, ou nos Emissores Regionais, ás horas normais do expediente.

Também até final deste mês podem ainda ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças anuais com numeração terminada em 4, ou semestrais com numeração terminada em 8 ou 9, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio destinados ao pagamento de taxas, devem mencionar o numero da licença, sem o que serão recusados.

DE ONTEM PARA HOJE

NA CASA DE MOÇAMBIQUE

Na Casa de Moçambique, instituição de convivência de todos os naturais daquela província, e onde os interesses dessa mesma província são tidos a peito e defendidos com entusiasmo natural, foram ontem homenageados dois homens públicos de singular relevo e que a Moçambique prestaram altos serviços, embora em sectores diferentes. O almirante Sarmento Rodrigues esteve na costa oriental mais de uma vez na sua vida de marinheiro e funcionário ultramarino, culminando com o Governo-Geral da Província; o prof. Edgar Cardoso, engenheiro com uma obra notável que marca lugar aparte entre os técnicos portugueses e mundiais, pôs a sua ciência e capacidade de realização ao serviço de Moçambique. Daí a homenagem que os naturais da Ilha de Moçambique, testemunho de história unico no índico, ontem renderam a ambos. Disse-o o presidente da Casa de Moçambique e depois o dr. João Ferreira dos Santos, dali natural. Tanto um como outro acentuaram quanto o povo da Ilha de Moçambique deve ao almirante Sarmento Rodrigues e ao prof. Edgar Cardoso. E, ao agradecer a homenagem o prof. Edgar Cardoso afirmou que todo o mérito da obra que liga ao continente aquela jóia que é a Ilha de Moçambique pertence totalmente ao então governador da Província, almirante Sarmento Rodrigues que, por sua vez, historiou os antecedentes que levaram á construção da ponte, destacando a colaboração desinteressada do prof. Edgar Cardoso no projecto e realização da obra que há dois anos, em 25 de Junho, foi inaugurada.

INSTITUTO INDUSTRIAL DE COIMBRA

Efectuou-se na Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário do Ministério das Obras Publicas, o acto de abertura de propostas para o concurso de arrematação da importante empreitada orçada oficialmente em 28 587 347 $00, da construção civil do Instituto Industrial de Coimbra. Compareceram sete concorrentes, sendo a oferta mais baixa de 25 847 800$00 e a mais elevada de escudos 95 335 858$80.

Também naquela Junta se realizou um concurso para adjudicação da construção da Escola Quinta da Lageosa (Belmonte), empreitada que tinha a base de licitação de escudos 2 017 958$00 e á qual se apresentaram dois concorrentes com as propostas de 2 127 000$00 e 2 215 000$00.

«VASCO DA GAMA NA HISTÓRIA UNIVERSAL»

No prosseguimento do ciclo de conferências promovido pela Casa das Beiras, tomou ontem a palavra o prof. Hernani Cidade, Tema da conferência: «Vasco da Gama na História Universal». O professor jubilado da Faculdade de Letras focou nomeadamente os aspectos científico, diplomático e militar, e ilustrou a sua conferência com diversas estrofes de «Os Lusíadas» que imortalizaram o navegador e a obra das descobertas e conquista dos portugueses.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência no Palácio Nacional de Belém, os srs. dr. Luís Supico Pinto, presidente da Camara Corporativa; general Kaulza de Arriaga, presidente da Junta de Energia Nuclear; comandante Gabriel Teixeira, deputado José Vicente de Abreu, dr. Frederic Marjay e António de Medeiros e Almeida. O sr. Presidente da Republica recebeu ainda o português mais antigo do Brasil, o sr. Angelino José Simões que ora se encontra de visita ao País.

FÁBRICA DESTRUÍDA

Uma fábrica de ceras e pomadas, em Carnaxide, foi inteiramente destruida por um violento incêndio. Levará muitos meses a reinstalar essa fábrica que pertence á Sociedade Industrial e Comercial de Produtos Químicos, Lda. O incêndio parece ter sido provocado por um curto-circuito.

Operacões de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

SUHARTO: O SUESTE ASIÁTICO DEVE SER DEFENDIDO POR NACIONAIS E NÃO POR TROPAS ESTRANGEIRAS

por JACQUES DECORNOY

DJAKARTA. — O presidente Suharto viu-se, finalmente, obrigado a adiar para mais tarde a sua viagem á Europa. A étapa de Belgrado começou por ser suprimida, por razões de política interna jugoslava. A demissão do general de Gaulle, depois os preparativos da campanha presidencial tornaram impossível a sua ida a França, em fins de Maio.

O general queria estudar em Paris as possibilidades da cooperação entre a França e a Indonésia. A seu ver, existe «grande semelhança entre a posição de Paris perante a Europa e a de Djakarta perante a Ásia». Foi sobre esta Ásia que recaiu, naturalmente, a entrvista com o chefe de Estado indonésio.

— Qual será em sua opinião, o futuro do Sueste Asiático depois de concluída a guerra do Vietnam? Como irá estabelecer-se uma cooperação regional nesse sector? Será necessário sublinhar as questões de defesa? Ou então: como será possível essa cooperação, enquanto continuarem as querelas bilaterais?

— Penso que o tipo de solução encontrada para o Vietnam irá ter influência no futuro desta região. Mas, seja qual for essa solução, o futuro do Sueste asiático deverá ficar totalmente nas mãos dos povos que aí vivem. Trata-se, claro, de uma questão de princípio, de um objectivo pelo qual devemos lutar, de um objectivo que devia ser profundamente compreendido por todos nós, na região.

«No domínio da cooperação, já começámos a trabalhar no quadro da Associação das Nações do Sueste Asiático (A. S. E. A. N.), que agrupa as Filipinas, a Malásia, Singapura, a Tailandia e a Indonésia. Esta cooperação refere-se, sobretudo, a questões económicas e culturais.

«A questão da defesa é fundamental; trata-se, em sentido lato, de edificar uma poderosa força nacional, que se adquire, graças, fundamentalmente, a uma forte ideologia de tipo nacional, que deve ser conforme á personalidade da própria nação e que, por essência, deve ser não-expansionista.

«Quanto ás querelas bilaterais, as partes devem encontrar a melhor solução graças á sua boa vontade. A Indonésia, por si, já lá chegou. E nenhuma defesa regional é possível enquanto durarem os conflitos bilaterais.

«Seja como for, a A. S. E. A. N. acentua os problemas económicos e culturais. Repito: devemos reforçar a ideologia nacional. Uma força militar, mesmo importante, não pode ser o unico meio de nos defendermos. Sabemo-lo por experiência: a ideologia nacional é essencial. Convido os países vizinhos da Isdonésia a tomarem em consideração a nossa própria experiência neste domínio.»

TRAVAR A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA

«Há ainda bases e tropas estrangeiras nos outros países do Sueste Asiático. Esses países ainda precisam das bases, porque são ainda incapazes de edificar uma forte ideologia nacional, uma força nacional, uma economia poderosa. Mas eu penso que, quando conseguirem edificar tudo isso, não quererão mais tropas estrangeiras no seu território.

Tudo isso é positivo: contudo, temos consciência dos perigos que a nossa política de estabilização e de reconstrução corre ainda. Por isso creio que chegou a altura de aplicarmos, sem demora, o nosso plano quinquenal. Os seus objectivos estão fixados, e nós devemos, por outro lado, travar a explosão demográfica graças a um «planning» familiar voluntário.»

— O senhor reclamará um novo prazo para o reembolso das dívidas?

«Precisamos do auxílio estrangeiro sob duas formas: novos créditos e novo prazo de reembolso. Precisamos de reembolsar anualmente 200 milhões de dólares. Se o montante dos novos créditos se elevar a 400 milhões de dólares, isso significa que teremos apenas 200 milhões para o nosso progresso (os nossos recursos locais continuam a ser muito fracos). Com um prazo, podemos contar com 400 a 500 milhões de dólares utilizáveis plenamente para o nosso desenvolvimento.

«Dos investimentos estrangeiros também carecemos. Carecemos deles para explorarem os nossos importantes recursos naturais: nós somos incapazes de o fazer por nós próprios, na agricultura, no sector mineiro, na industria.

«Além destes objectivos económicos, devemos, a partir dos investimentos estrangeiros, reforçar o nosso domínio da tecnologia e especialização. É evidente que os investimentos estrangeiros deveriam ser orientados de maneira a não destruirem o nosso potencial nacional.»

— Washington afirmou que as suas tropas não ficariam eternamente no Vietnam; os britanicos vão partir de Singapura e da Malásia. Será que se pode ficar á espera que os E. U. A., a U. R. S. S., a China vão ter juntos um papel — e qual? — na região? As nações pequenas industrializadas não poderiam agir como contrapeso á influência dos grandes? Que lhe parece?

«Não me inquieto com o «vazio» deixado pelas tropas estrangeiras, na medida em que os países desta região são capazes de constituir nações fortes.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

«É evidente que as grandes nações tentam, aqui como em qualquer outro ponto do mundo, exercer influência. A questão primordial é a de saber se essa influência é boa ou má. Se os seus actos forem conformes com as nossas aspirações e os nossos programas nacionais, pensamos que essa influência é inofensiva. Se, pelo contrário, houver contradição entre o nosso interesse nacional ou violação da nossa soberania de país livre, então combateremos por todos os meios ao nosso alcance. Armados dos princípios de que já lhe falei — o poder nacional, em sentido lato e a independência perante os «grandes» — não penso que os países da região, unidos e prósperos, possam deixar intervir á vontade as potências estrangeiras no interior do seu território.»

— Como encara as relações com Moscovo e Pequim?

«A nossa política estrangeira quer-se independente e activa e, portanto, entendemos dever ter boas relações com todos os países.

«A China... entendemos que o seu comunismo é com ela e isso, embora tenhamos esmagado aqui o comunismo já por duas vezes, em 1948 e em 1965. Não podemos aceitar que se imiscua nos nossos assuntos; o mesmo com a U. R. S. S.

«As nossas relações com a China não dependem, em todo o caso, das relações entre Moscovo e Pequim. Se a China não se imiscuir nos nossos assuntos, se quiser cooperar connosco no interesse mutuo de ambas as partes, então é possível reatarmos relações.

«Quanto á U. R. S. S., a sua política a nosso respeito não pode ser examinada sem considerarmos a nossa posição quanto aos nossos próprios comunistas. Moscovo ainda fundamenta a sua atitude nesse passado. Os russos solidarizaram-se com o que restava do partido comunista indonésio; assim o mostraram quando aqui se estavam a julgar os chefes principais do P. C. Foi também essa a razão por que criticaram o nossos plano de cinco anos. Se este plano for um êxito, constituirá para nós

(Continua na 8.ª página)

Nota do dia

ACORDAR A TEMPO

VAMOS TER CENTRAIS NUCLEARES? Visto que o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, reunido anteontem, aprovou o plano de estudos para a respectiva instalação, isso quer dizer que há estudos e, naturalmente, a intenção de os levar por diante no caminho das concretizações. Conclusões daqui? Não devem tirar-se apressadas, em primeiro lugar porque se sabe pouco, pois que a matéria envolve melindres por motivos a que por toda a parte se clamam de segurança por se relacionarem, como se entende, com o potencial militar. Em segundo lugar porque se trata de instalações complexas, que não se põem de pé de um dia para o outro.

Parece que fez curso durante muito tempo a ideia de que a instalação de centrais de energia de origem nuclear viria a traduzir-se pela possibilidade de electricidade a pataco. Parece também que tal ideia é meramente superficial e que, hoje, feitas as contas, nos devemos fixar na conclusão de que os custos da produção não deverão trazer consigo a possibilidade de profundas alterações nos preços para o consumo. A matéria-prima, chamemos-lhe assim, têmo-la em casa, como se sabe, mas a instalação e a exploração aparecem com valores de custo muito elevados.

Mas então, sendo assim, o que é que determina a opção? A electricidade que se consome no País provém, como se sabe, de duas origens: de centrais térmicas e de centrais hídricas. A rede hidroeléctrica tem vindo, como também se sabe, a ampliar-se. Mas não será possível, é bom saber-se, contar com uma grande ampliação do sistema, porque as maiores disponibilidades existentes no País se encontram pràticamente aproveitadas, pelo menos aquelas consideradas de rendimento útil. Daí o não estarmos longe do esgotamento desse nosso potencial.

As centrais hidroeléctricas, todavia, dependem de haver mais ou menos água nos rios. Isso, por seu turno, depende da quantidade de chuva caída na estação. A irregularidade bem conhecida das quedas pluviais faz o resto: não chove quanto ou quando se esperava, as albufeiras vão abaixo, as turbinas deixam de ser accionadas. E é preciso correr a pedir socorro às estações térmicas de apoio para que não deixe de assegurar-se o consumo. Mas não é apenas de apoio a electricidade fabricada a carvão. A verdade é que a de origem hídrica já não chega.

Não é preciso ser grande especialista para perceber que as centrais térmicas nos dão electricidade muito mais cara, pelo menos constituem um ónus muito grave para a nossa balança de pagamentos, pois os carvões são de importação. E este é um sector onde não é possível esperar nem recomendar restrições. Pelo contrário, o consumo tem de ser estimulado, como sinal e indispensável impulso do desenvolvimento que se reclama. Bastará fazer o mapa das zonas rurais onde a electricidade ainda não chegou para se ver a curva das necessidades.

O recurso à energia nuclear aparece, por isso, como uma alternativa inevitável. Além de ser uma técnica do nosso tempo, temos a nossa própria posição como detentores de importantes recursos de materiais cindíveis, devendo haver de momento apreciáveis reservas de urânio na Urgeiriça. É o caminho. A Junta de Energia Nuclear, que elaborou o plano de estudos agora aprovado, deve ter considerado todos os aspectos do problema da entrada em exploração das novas energias que hão-de substituir os combustíveis clássicos. Ou concorrer com eles.

Nesse problema inclui-se o que nos parece ser uma constante das nossas inquietações para qualquer lado que nos voltemos. É o pessoal. Escolher e comprar um modelo de reactor, aplicar até uns centos de milhares de contos, localizar e erguer as instalações, haja dinheiro e em cinco anos faz-se tudo. Mas os técnicos, cientistas e auxiliares, têmo-los bastantes em quantidade e qualidade? Como esse problema tantas vezes aparece sob a forma de surpresa, daqui nos permitimos a ingenuidade de julgar que poderão situar-se aí mesmo algumas das nossas grandes interrogações. Fazer os homens leva mais tempo que fazer as obras.

RECTÂNGULOS DA VIDA

A ESTRANGEIRA

O «racismo», essa terrível palavra que separa tantos homens nos quatro cantos do mundo, não está só presente quando há uma pigmentação de pele diversa. Todos os dias tropeçamos num racismo diferente, chame-se ele xenofobia, religião, língua, e por aí fora. Irmãos, nós? Ora, sonhos que vêm de longe, quando alguém, de nome Jesus Cristo, pregava o amor. Coisa pelos vistos com reduzida aplicação real nos tempos que correm e nos que correram. Coisa que sempre esteve mais ou menos no campo das utopias. Digo «esteve» porque o futuro a Deus pertence.

Não tenho lido com atenção o caso de Maria Baptista. Hoje, porém, deparei com a notícia de que ela vai mesmo ser expulsa da ilha de Jersey, e as 2000 pessoas que assinaram a petição para a salvar, nada conseguiram. Parlamento «dixit». Há uma lei que prevê casos como o de Maria e contra leis não há argumentos. Maria vai pois ser expulsa da sua ilha de adopção, ou pelo menos, tolerada até conseguir um lar noutro lado, e isto porque é estrangeira. E não interessa o facto de ela ser uma óptima trabalhadora estimada por colegas e patrões, não interessa o facto de poder criar o filho á sua custa. Esses são os tais argumentos contra os quais tudo podem as leis.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Não vem a propósito falar da protecção dada (ou não dada) ás mães solteiras em Jersey e arredores. É até possível que em Jersey elas sejam protegidas; as de lá, quero dizer. Porque as estrangeiras...

E aqui voltamos nós ao princípio. É que o caso de Maria Baptista tem um desagradável e amargo travo a racismo. Porquê expulsar uma mulher com um filho nos braços só porque ela é estrangeira? O que é ser-se estrangeiro? O que é isso quando afinal a solidariedade (embora ineficaz porque as leis, etc.) existiu? Serão as gentes de Jersey tão puras — ou puritanas — que as suas leis receiam por elas o contacto com a pecadora de outras terras? Serão as gentes de Inglaterra — que a vão receber — tão impuras que não receiam o contacto?

É um caso de qualquer modo triste e chocante, que faz pensar, este de Maria Baptista, aqui perto, em Jersey, neste fim do século XX.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

PARIS CONTINUA A ARDER (2)

SAINT-MAUR E PARIS

— PARALELAS NUNCA SE ENCONTRAM

PARIS (Do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA) — Bob Dylan, em «Nashvil e Skyline», ou Miles David em «Filles de Kilimanjaros» cantam em todos os «boulevards».

— Este vai ser o ano de Serge Reggiani. E de Georges Moustaki. Apesar de tudo.

Evelyn Mesquita nasceu em Alicante, na Espanha. Agora mora em Paris, na Rua des Annelets. Estuda de manhã: à tarde trabalha como secretária de Bernard Hilda, o senhor-todo-poderoso da RTF.

— Note que os Beatles (diz-me a rapariga) **continuam no mercado. Já ouviu a «Balada de John e Yoko»?**

O DONO DA NOITE

Bernard Hilda foi o que se chama «uma criança prodígio». Aos seis anos tocava violino e com oito dava o primeiro concerto público. Frequentou o Conservatório de Paris e apresentou-se no «Ciros» regendo a primeira orquestra integralmente constituída por instrumentos de corda.

— Disse adeus aos saxofones e entrei por campo diferente — diz-me Hilda, no seu escritório do n.º 33, nos Campos Elíseos. *«Depois, dei a volta à Terra...»*

Hilda esteve em Hollywood, no Rio de Janeiro, na Cidade do México, em Londres e em Tóquio. Durante três anos residiu em Madrid. Durante duas épocas tocou em Portugal: no Estoril, em Espinho, na Póvoa e na Figueira da Foz. Teve composições que conquistaram diversas latitudes: «Mademoiselle» «Le vagabond», «Insensiblement» «Oh, la la», «Te quiero señorita» O público começou a gostar de «yé-yé» e Bernard Hilda fixou-se em Paris como empresário. Hoje, com «Pista das estrelas», domina a Televisão e o «Music-Hall» de França.

— Neste momento, detenho o exclusivo da actuação de 120 vedetas de primeiro plano. Para Portugal, dentro de dias, envio três delas — Lenny Kuhr, Frida Boccara e Salomé.

(Três das intérpretes distinguidas no Eurofestival de Madrid vêm à Figueira da Foz e à Póvoa de Varzim. «Cachets» oscilantes: entre 60 e 75 contos.

— Gostaria de incluir artistas portugueses nos meus programas para a Televisão francesa. Acho, porém, que eles não têm tratado convenientemente da sua divulgação além-fronteiras. Sem serem conhecidos, como podem pretender contratos?

Hilda é o encarregado do *abastecimento* de cançonetistas para a cadeia de Hotéis Hilton. Acabou de firmar compromisso com Madalena Iglésias: 5000 contos por quatro meses de actuações, início previsto para Agosto em Hong-Kong

— O público divide-se em preferências. Ainda gosta de Josephine Baker e Jacqueline François mas já aplaude Audrey Arno e Lulu.

Jacqueline François: «a veterania ao serviço do capitalismo»

(Enquanto os Beach Boys não assentam arraiais no «Olympia», na sala que Bruno Coquatrix tornou «rendez-vous» elegante, exibe-se o «Primeiro Festival Mundial da Bruxaria», com barbudos em êxtase, frenéticas danças de sabor africano e coelhos a escapulirem-se de pequenos copos de vidro. Jacqueline François, os 50 anos já cumpridos, prepara as malas para viajar até Telavive).

— Vai trabalhar para as tropas israelitas. Dar mais contacto entre a França de hoje e Israel.

— Emendar ou manter uma posição?

Hilda, confortàvelmente instalado na vida, fala de outra coisa.

COQUELUCHE-69

Audrey Arno é uma rapariga pequena, de cabelos castanhos e olhos maliciosos.

— O meu nome autêntico? Adriana Medini.

Audrey (Adriana) nasceu numa «roulotte»: o avô era director do Circo Perier, o pai trabalhava como «clown» e a mãe passeava sobre cavalos, montando em alta escola.

— Os meus irmãos ainda lá estão: um é «jongleur» e os outros dois são trapezistas.

A história da sua vida, tal como Audrey Arno a conta, é um misto de fantasia, de extravagância e (talvez) também de pequenas realidades. *«Gostei de Mickey e de Sitting Bull. Aprendi aritmética com um antipodista chinês. Aos seis anos já fazia acrobacias. Aos 18 dei por mim em Madrid: Bernard Hilda levou-me a gravar um disco («Le mal de leurs 20 ans»). Logo a seguir fiz uma «tournée» com Claude François, Polnareff e Richard Anthony. Cantei na América do Norte, no Canadá, nas Caraíbas, no Médio-Oriente, na Argentina. Num ano percorri 170.000 quilómetros, visitei 149 cidades em 18 países diferentes. Consegui o que queria — ser uma cançonetista internacional».*

Hoje, Audrey é o «dernier-cri» de Paris. Ganha o que quer. Decorou o seu apartamento em Montmartre com quadros que lhe custaram muito dinheiro. Nas paredes tem autógrafos de colegas célebres: Patachou, Chevalier. Quando os compromissos profissionais não a obrigam a sair de Paris, Audrey Arno corre para as pequenas discotecas da margem esquerda e fica junto ao Sena ouvindo Bach, Gillespie e Mulligan, os seus favoritos.

— Gosto de «champagne», da côr verde, de rosas, da cozinha chinesa e de «spaghetti». O meu ídolo histórico? Robespierre.

Audrey, a estrelinha — 69 de Paris, é uma pequena rainha da Ilha de S. Luiz e do Faubourg Saint-Honoré. Por isso os amigos que ali moram estão tristes: durante dois meses ela ficará em Munique, a filmar «A rapariga dos meus sonhos («Das Mädchen Seiner Traume»).

— Amo a vida. E quero vivê-la — diz ela para definir o seu rumo.

A MIRAGEM

Helder, um moreto que jogou futebol no Benfica e passou por duas selecções nacionais (de juniores e militares) está em Paris há quatro anos. Trabalha como pintor de construção civil. Ganha durante o dia, gasta durante a noite.

Audrey Arno: «amo a vida»

— Continuo a sentir dores neste joelho (aponta para a rótula esquerda). Como já não servia, o Benfica dispensou-me. Andei em Lisboa sem um centavo no bolso mas aquilo não era vida.

— Aos domingos vou ao futebol. Um derivativo. E uma saudade...

Helder morou bastante tempo no Quai du Parc, em Saint-Maur, num dos três pavilhões em que o italiano Mavilhões em qu o italiano Marioni alberga 100 portugueses, a 80 francos mensais por cabeça.

— Na mesma cama dormiam dois homens: um, de dia; outro, uma parte da noite. Fazíamos tempo correndo de bicicleta ou jogando as cartas. O costume.

(Helder tem lembrança dos estágios futebolísticos).

— Nas paredes dos pavilhões tínhamos muitas fotografias. Equipas de futebol, artistas de cinema. E desenhos. Muitos desenhos.

Confidencialmente:

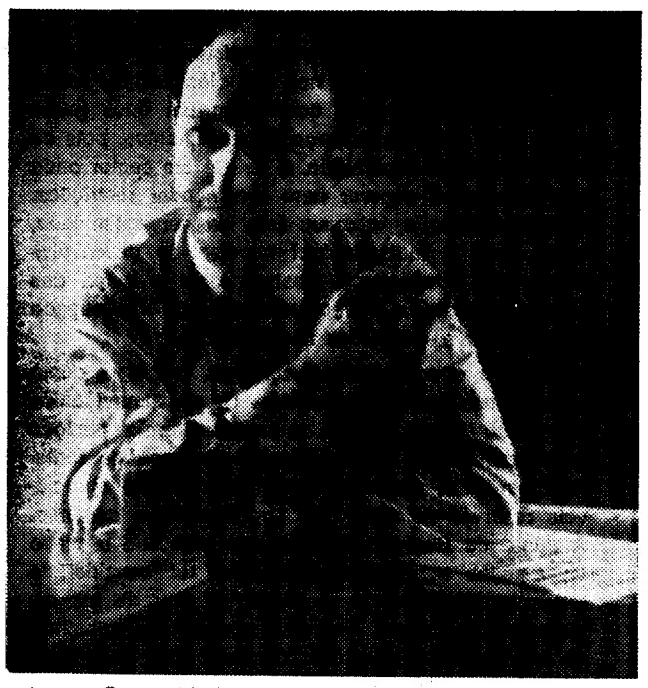
— Nunca ali entraram mulheres.

Paris, a meia hora de autocarro. Uma utopia. Algo de quase inacessível para o anónimo emigrante que velo *lá de baixo* atrás de uma miragem.

Paris. Uma vida nocturna que atinge em Pigalle o frenesi. (Num vão de loja, dentro de um caixão, um grego protesta a seu modo contra a política do seu país. Mais adiante, em promiscuidade absoluta, «hippies» e desleixados mastigam goma elástica para entreter o estômago).

Paris. 279 cinemas em funcionamento; dois teatros com ópera e três salas apenas com «ballets»; (Molière, Musset, Corneille, Feydeau, Marivaux, Rostand, Racine e Pirandello sobre as tábuas da «Comedie»); as «Marionetas de Moscovo», no Bobino; Ionesco, no «Huchette»; Pierre Brasseur («Tchao...») no «Saint-Georges»; 65 teatros com peças no cartaz; seis «zoos»; concertos orquestrais em 18 salas; 53 Exposições de pintura; 30 museus; Flores, beleza, ritmo, e, ainda, 292 «boites» com atracções.

Paris. Um mundo paralelo de Saint-Maur. Duas rectas que jamais se encontram.



Bernard Hilda: um dono das noites de Paris

SALDOS DE LIVROS

Grande variedade de livros nacionais e estrangeiros de todos os géneros em saldo na LIVRARIA BERTRAND — Rua Anchieta, 15.

KARL MARX FOI DEMITIDO!

Com pouca propaganda, mas grande alcance, a Hungria está manobrando para livrar a sua economia da rígida fiscalização estatal e encaminha-se para um sistema de mercado no qual o lucro é a mola mestra. Leia este artigo no número de Julho de «Selecções», distribuição da Livraria Bertrand.

OS DRAMAS DA LOUCURA

PROENÇA-A-NOVA, 3. — Foi a povoação de Padrão, na freguesia de São Pedro do Esteval, distante 25 quilómetros, alarmada com a notícia de que a sr.ª Sofia Martins, casada, de 60 anos, aparecera afogada num poço na sua horta do Linhar Cágado.

A infeliz dava indícios de alienação mental; e, por não haver suspeitas de crime, foi-lhe feito o enterro para o cemitério de São Pedro do Esteval.

3.º SALÃO DE EXPOSIÇÃO NSU

Todos os modelos NSU se encontram em exposição, das 9 às 24 horas

NOVO STAND

AV. DA REPÚBLICA, 84 (frente à feira popular) TEL. 77 80 73 • LISBOA

MESTRES DO CINEMA AMERICANO

Iniciando a sua carreira como actor, constituindo dupla com Dean Martin, Jerry Lewis cedo se emancipou, passando a recair sobre ele todo o peso da protagonização de comédias assinadas por Norman Taurog, Frank Tashlin, George Marshall, Don McGuide, etc. Em 1960, porém, Jerry Lewis passa a dirigir-se a si próprio em películas de profunda originalidade, reatando a grande tradição americana do burlesco, adormecida nos E. U. A. desde os tempos de ouro de Chaplin, Buster Keaton ou Bucha e Estica.

Documentando o trabalho de Jerry Lewis como actor (num filme assinado por Frank Tashlin) e como realizador-actor (em «Jerry 8 3/4»), a Casa da Imprensa apresenta hoje, nos cinemas S. Luiz e Alvalade, integrados no ciclo Mestres do Cinema Americano, *dois filmes deste autor polémico.*

FILMOGRAFIA DE FRANK TASHLIN

Nasceu a 19 de Fevereiro de 1913 em Weekhaven, Nova Jersey. Foi mandarete nos estudios de animação dos irmãos Fleischer. Depois de praticar desenho animado na R. K. O., ingressou na equipa de Leon Schlesinger, sendo realizador principal de desenhos animados da Warner. Fez parte dos estudios de Disney, foi argumentista de Laurel e Hardy. Entre os livros de desenhos humorísticos que publicou, figuram: «The Bear That Wasn't», «The Possum That Didn't», «The World That Isn't», «The Turtle That Couldn't». 1951: «The Lemon Drop Kid» (O Vigarista). 1952: «The First Times»; «Son of Paleface» (O Filho do Valentão). 1953: «Marry Me Again» (Uma Noiva dos Demónios). 1954: «Susan Slept Here». 1955: «Artists and Models» (Pintores e Raparigas). 1956: «The Lieutenant Wore Skirts» (O Tenente Usava Saias); «Hollywood or Bust» (Um Espada para Hollywood); «The Girl Can't Help It» (Uma Rapariga com Sorte). 1957: «Will Sucess Spoil Rock Hunter?» (A Loira Explosiva). 1958: «Rock-a-Bye-Baby» (Jerry Ama-Seca); «The Geisha Boy» (Jerry no Japão). 1959: «Say One for Me» (O Céu por Testemunha). 1960: «Cinderella» (Cinderelo dos Pés Grandes). 1962: «Batchelor Flat» (Apartamento de Solteiro). 1963: «It's Only Money» (Dinheiro e Só Dinheiro); «The Man from the Diner's Club» (O Homem do Diner's Clube); «Who's Minding the Store?» (Um Namorado com Sorte). 1964: «The Disordely Orderly» (Jerry Enfermeiro sem Diploma). 1965: «The Asphalt Murders» (O Alfabeto do Crime). 1966: «The Glass Bottom Boat» (A Espia de Calcinhas de Renda). 1967: «Caprice» (Um Perigo Chamado Caprice).

FILMOGRAFIA DE JERRY LEWIS

Nasceu a 16 de Março de 1926, em Newark, na Nova Jersey. Estreou-se aos cinco anos como cantor, num hotel de Nova York. Aos quinze anos, foi vedeta de «cabaret». Encontrou Dean Martin em 1946, iniciando uma colaboração artística que se manteve até 1957. Contratado por Hal Wallis para o cinema. Tem mantido uma constante actividade na rádio e na televisão. Fundou, em 1956, a sua própria produtora. Interpretou numerosos filmes e dirigiu os seguintes: 1960: «The Bellboy» (Jerry no Grande Hotel). 1961: «The Ladies' Man» (O Homem das Mulheres); «The Errand Boy» (O Mandarete). 1963: «The Nutty Professor» (As Noites Loucas do Dr. Jerry). 1964: «The Patsy» (Jerry 8 e 3/4). 1965: «The Family Jewels» (Jerry e os Seis Tios). 1966: «Three on a Couch» (Uma Poltrona para Três. 1967: «The Big Mouth» (O Charlatão).

OS FILMES DE HOJE

● **«Jerry Enfermeiro sem Diploma»**

Título original: «The Disorderly Orderly»; realização: Frank Tashlin; argumento: Frank Tashlin, segundo uma história de Norm Liebmann e Edward Haas; fotografia: W. Kelley (Technicolor); cenários: Hal Pereira; música: Joseph Lilley; montagem: John Woodcock; intérpretes: Jerry Lewis, Glenda Farrel, Everett Sloane, Karen Sharpe, Kathleen Freeman; produção: Paul Jones, para Paramount (1964); tempo de projecção: 89 minutos; distribuição em Portugal: Paramount Filmes; classificação: doze anos.

● **«Jerry 8 e 3/4»**

Título original: «The Patsy»; realização: Jerry Lewis; argumento: Jerry Lewis e Bill Richmond; fotografia: Wallace Kelley (Technicolor); efeitos especiais: Paul K. Lerpae e Farciot Edouard; cenários: Hal Pereira e Cary Odell; música: David Raksin; montagem: John Woodcock; intérpretes: Jerry Lewis, Everett Sloane, Phil Harris, Keenan Wynn, Peter Lorre, John Carradine, Hedda Hopper, George Raft, Ed Sullivan, Rhonda Fleming, Bill Richmond; produção: Ernest D. Glucksman, para Paramount (1964); tempo de projecção: 100 minutos; distribuição em Portugal: Paramount Filmes; classificação: doze anos.

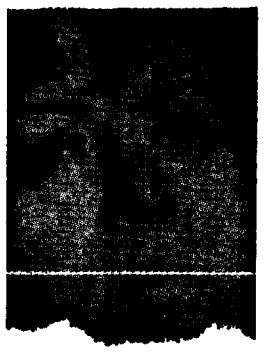
● SÓ ATÉ DOMINGO ●

ADULTOS

SEXTA-FEIRA, ÀS 21.45 H., ESPECTÁCULO A FAVOR DO CENTRO HELLEN KELLER
(Bilhetes á venda)

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam hoje ás 21.45 h.
UM EMOCIONANTE ESPECTÁCULO

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa



BLACK-OUT
OLHOS NA ESCURIDÃO

com JO ALVARENGA na protagonista e por ordem de entrada em cena ADRIANO REYS — JOÃO GUEDES — SINDE FILIPE — ROLANDO ALVES — CÉLIA DE SOUSA — GILBERTO GONÇALVES — COSTA VAZ

UMA EXCITANTE EXPERIÊNCIA EM «SUSPENSE»

O MAIS SURPREENDENTE ÊXITO CINEMATOGRÁFICO DA PRESENTE TEMPORADA NA EUROPA

O EXTRAVAGANTE SENHOR RUGGLES

COM
CHARLES LAUGHTON
Mary Boland ● Charlie Ruggles
Zasu Pitts ● Roland Young
PRODUÇÃO DE
ADOLPH ZUKOR
REALIZAÇÃO DE
LEO MCCAREY

UMA COMÉDIA GENIAL PARA UM ACTOR GENIAL

VOX

UNIVERSAL — SONORO FILME HOJE MAIORES DE 12 ANOS

cockpit
VDO

os trunfos para o seu carro

A primeira regra da boa condução é a confiança absoluta no automóvel.

VDO cockpit
oferece-lhe os trunfos para o conseguir:

Uma nova linha
que lhe permite obter, a todo o momento, o diagnóstico exacto do seu carro através de informações rigorosas sobre o seu funcionamento.

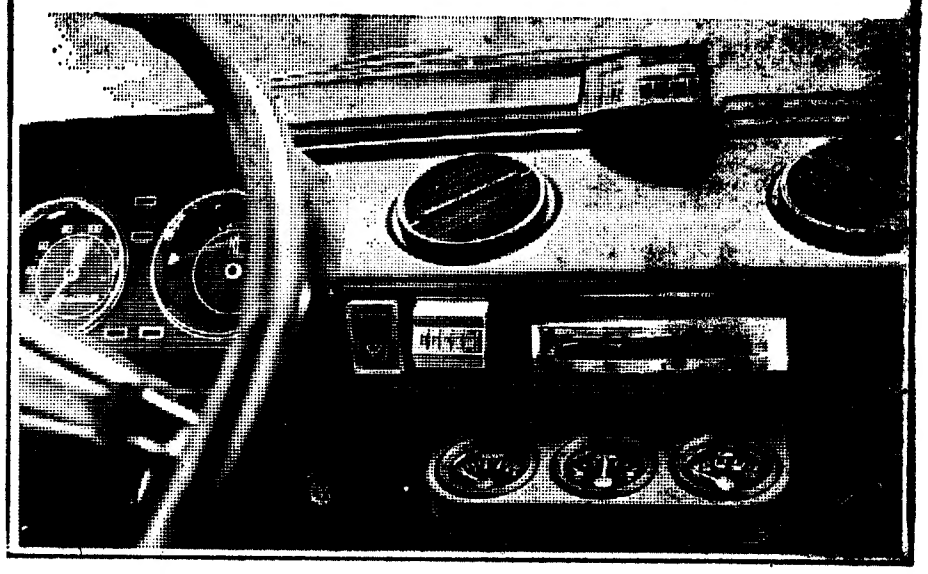
Uma linha completa:
manómetros de pressão de óleo, amperímetros, termómetros, relógios, voltímetros, conta-rotações e os famosos suportes em borracha maleável e anti-choque para 1, 2 ou 3 instrumentos.

Uma linha moderna
concebida por grandes especialistas, e segundo as últimas descobertas da técnica: mostradores em preto fosco, ponteiros vermelhos, fundo preto e números brancos de modo a proporcionar uma leitura pronta e fácil.

Uma linha desportiva:
reflexos prontamente apoiados, tranquilidade, descontracção, ou seja: segurança e condutor em forma, num carro que se sabe sempre em forma.

DÊ AO SEU CARRO OS TRUNFOS VDO.
SÃO TAMBÉM TRUNFOS PARA SI

Em todos os agentes e revendedores de
ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.



DOIS HOMENS VIOLENTOS

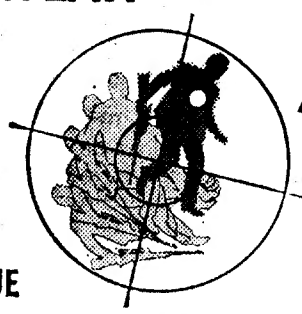
... um acusado de homicídio...

... outro, rude detective australiano, percorreu 15.000 kilómetros para o prender e levar a salvo.

ROD TAYLOR · CHRISTOPHER PLUMMER
LILLI PALMER · CAMILLA SPARV
DALIAH LAVI

RANK FILMES

CLIVE REVILL
LEE MONTAGUE



NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE

(NOBODY RUNS FOREVER)

Da novela de JON CLEARY "The HIGH COMMISSIONER" · Argum. de WILFRED GREATOREX · Prod. de BETTY E. BOX · Realiz. de RALPH THOMAS

COLORIDO

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

UM ESPECTÁCULO DE CANDENTE ACTUALIDADE

NO SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

«...HÁ FILMES QUE SE DEVEM VER!...
«NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE»
É UM DELES...»

Da crítica do «MORNING STAR»

12 ANOS

ROMA

HOJE

ÀS 21.45

REGRESSO DE UM DOS MAIORES ACONTECIMENTOS DO CINEMA EUROPEU!

A OBRA-PRIMA DE

LUCHINO VISCONTI

ALAIN DELON, ANNIE GIRARDOT
RENATO SALVATORI
CLAUDIA CARDINALE

ROCCO e seus irmãos

UMA OBRA FUNDAMENTAL DO MODERNO REALISMO CINEMATOGRÁFICO, GALARDOADA COM O **«LEÃO DE PRATA»** DA BIENAL DE VENEZA

UM FILME DE RARA INTENSIDADE DRAMÁTICA E HUMANA!

FILMES OCIDENTE ADULTOS

A Grande Revista

DOS PARODIANTES DE LISBOA

com

CAMILO e FLORBELA

NO **MONUMENTAL**

TEATRO COM AR REFRIGERADO
UM ESP. DE VASCO MORGADO
HOJE 2 SESSÕES 20,45 e 23 H.
DOMINGO, À TARDE, ÁS 16 HORAS

MAIORES DE 12 ANOS
COLORIDO
FILMES LUSOMUNDO

HOJE NO POLITEAMA

DE NOVO O GRANDE ÊXITO DA PRESENTE TEMPORADA

Um homem para Ivy

COM

Sidney Poitier

1.º PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO DO FESTIVAL DE S. SEBASTIAN

UM CONFLITO HUMANO QUE VAI DIREITO AO CORAÇÃO DE TODO O PÚBLICO
COM AS DUAS GRANDES REVELAÇÕES
ABBEY LINCOLN • BEAU BRIDGES
REALIZAÇÃO DE DANIEL MANN

COLISEU

AMANHÃ, ás 21.30
(Maiores de 12 anos)
Inauguração do Ciclo de Filmes de Excepção
O GRANDIOSO FILME

A TUNICA

com Richard Burton

Aos Sábados e Domingos espectáculos á tarde

★ ÚLTIMOS DIAS! SÓ ATÉ DOMINGO! ★

NO • MARIA VITÓRIA •

Hoje às 20,45 e às 23 horas

SALVADOR no «compère»

A SENSACIONAL REVISTA

• MÃOS À OBRA! •

O TRIUNFO de UM GRANDE ELENCO, com

■ SALVADOR ■ VIANA
■ MARIEMA
● MAX ● ANITA ● DORA ● VÍTOR MENDES ● HELENA CARDINALI ● MARIANO FRANCO ● VÍTOR ESPADINHA ● DINA MARIA E A ATRACÇÃO
INÊS MARCO

JOSÉ VIANA no «Mouro»

★ DOMINGO, ÚLTIMA «MATINÉE» ÀS 16 HORAS ★

● UM ESPECTÁCULO QUE DIGNIFICA O TEATRO DE REVISTA! ●

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

TÍTULO — «Vidas Perigosas» («The Hell with heroes»).
REALIZADOR — Joseph Sargent (1968).
INTÉRPRETES — Rod Taylor, Claudia Cardinale, Harry Guardino.

«Somos o que somos, e não o que fomos», é este o princípio de clara inspiração existencialista que norteia toda uma história de aventuras bastante banais. Trata-se de um ex-oficial do exército americano que, juntamente com um companheiro, se instalou no Norte de Africa com um avião que utiliza para ganhar a vida. Um dia, aparece-lhe uma encomenda que o levará a muitas complicações. A narrativa é vulgaríssima, e por vezes enfadonha, mas o filme distingue-se por duas coisas: uma «filosofia» muito ingénua de valorização da vida, de desalienação, de aproveitamento do instante que passa; uma realização por vezes ambiciosa, que joga com a inclusão de fragmentos de um passado não inteiramente explicitado e ainda com muito frequentes desajustamentos entre a imagem e o som. Certas sequências aparecem assim recuperadas, e por momentos o filme ganha um certo interesse. Por momentos...

EM COMPLEMENTO — Além de ficarmos a saber sobre «Saude e desportos para trabalhadores», temos mais um Jornal de Actualidades Portuguesas, que começa a preto e branco e termina a cores. Esta ideia da cor (embora justificada por razões publicitárias) é boa: ela vai permitir num futuro próximo que comecem publicamente a corar de vergonha. — *E. P. C.*

• NO AVIZ

TÍTULO — «O Alto, o Baixo e o Gato» («Il Lungo, Il Corto, Il Gatto»).
REALIZADOR — Lucio Fulci (1968).
INTÉRPRETES — Franco Franchi, Ciccio Ingrassia, etc.

O humor de Franco Franchi e Ciccio Ingrassia não é «coisa» de subtilezas, nem se compadece com qualquer forma (mesmo a mais rudimentar) de estilização de processos. A facilidade dita regra e a comercialização do produto justifica os meios utilizados aos olhos dos próprios responsáveis que se interessam, unica e exclusivamente, por apresentar fitas rendosas, descurando toda a possível qualidade das obras propostas ao mercado.

Interpretando filmes a um ritmo verdadeiramente diabólico (quatro ou cinco filmes por ano), esta parelha vai continuando a desfrutar de uma (certa) boa aceitação por parte das camadas menos exigentes do publico cinéfilo das áreas subdesenvolvidas. Ora a filmografia destes dois cómicos de baixa estirpe é exemplar. O circuito dito vicioso está fechado. «O Alto, o Baixo e o Gato» nada mais faz do que confirmar as nossas conclusões.

L. A.

• NO CONDES

TÍTULO — «Cartouche» («Cartouche»).
REALIZADOR — Phillippe de Broca (1961).
INTÉRPRETES — Jean-Paul Belmondo, Claudia Cardinale, Odyle Versois, Noel Roquevert, etc.

E' com indiscutível agrado que se revê «Cartouche», quarto filme de Philippe de Broca, primeiro a ser estreado entre nós.

«Cartouche» encontra-se perfeitamente integrado numa via característica do cinema francês que teve em «Fanfan-la-Tulipe» (de Christian Jacques) ou «Festas Galantes» (de Clair) outros exemplos de assinalar. Festas galantes, folhetim ou romance de capa e espada, «Cartouche» demonstrou, em 1961, a versatilidade e a invenção de uma *vaga* que se dizia *nova* e á qual, mais ou menos directamente, Broca se encontrava ligado (até pelo facto de ter sido assistente de Chabrol, Schoendoerf e Truffaut, entre outros...). A verdade é que a película agora reposta mantém, oito anos depois, toda a frescura de concepção e a espontaneidade que lhe admirámos aquando da estreia. Obra de grande sensibilidade, construída com uma irreverência e uma ternura contagiantes, «Cartouche» atinge momentos de inigualável beleza, como seja toda a sequência final, onde Broca logra composições de um barroquismo invulgarmente bem conseguido.

Não sendo um filme excepcionalmente ambicioso, «Cartouche» justifica o interesse do espectador lisboeta, tanto mais que nos protagonistas se contam os nomes de Jean-Paul Belmondo (então na fase ascendente de uma carreira triunfal que os cineastas da *nouvelle vague* lhe destinaram) e Claudia Cardinale.

L. A.

As estreias de hoje

No São Jorge

Título em português — «Ninguém foge para sempre»
Título original — «Nobody Runs Forever»
Produção — Americana
Realização — Ralph Thomas
Intérpretes — Rod Taylor, Christopher Plummer, Lilli Volmer e Camila Spaw
Género — Romance
Distribuição — Rank Filmes
Processo — Colorido
Classificação — 12 anos

ora diga-nos...

— Concorda com a abolição das gorjetas?

No primeiro dia do próximo mês as gorjetas deixarão de ser dadas aos empregados de cafés e restaurantes. Um dos hábitos mais arreigados entre nós recebe assim uma machadada legal, embora sem dúvida assaz parcial. Sem saber a opinião das pessoas, contudo, fazer considerações a respeito seria extemporâneo.

● *O pracista sr. José Fernandes, primeiro inquirido de hoje, disse-nos:*

— Concordo, pois então! Acho que todo o funcionário deve ter um ordenado certo, garantido. Claro que terão que aumentar o salário daqueles, e torná-lo acessível, de acordo como está a vida.

— Costuma dar gorjetas?

— Sim. Nos cafés e nos táxis.

— A seu ver, qual será a causa da gorjeta?

— A simpatia da pessoa pelo empregado, talvez (...) Bom, claro que se ganhassem mais...

● *Auscultámos seguidamente o sr. Abel da Silva, empregado da distribuição de uma empresa de «yogurtes». Contestou-nos:*

— Sim. Os empregados precisam de um ordenado certo, garantido. É muito importante poder-se contar com a mesma coisa no fim do mês. E a gorjeta, afinal, é uma questão de sorte...

— Habitualmente dá gorjetas?

— Olhe, a «bica» por exemplo, pago-a sempre a dois escudos e não a dezasseis tostões.

● *Finalizámos com o depoimento do sr. Lopo de Carvalho, empregado de uma casa editora. O seu teor é o seguinte:*

— Absolutamente. Além disso, segundo parece, as gorjetas só existem nos países subdesenvolvidos. É uma esmola, e até pode ser humilhante para quem a recebe.

— Portanto, deve acabar?

— Bom, enquanto necessidade, sim. Mas, se uma pessoa for bem servida, acho bem que dê mais qualquer coisa, como gratificação — isto já não é vexatório. Aliás, sucede assim nos países desenvolvidos

PLANETÁRIO GULBENKIAN

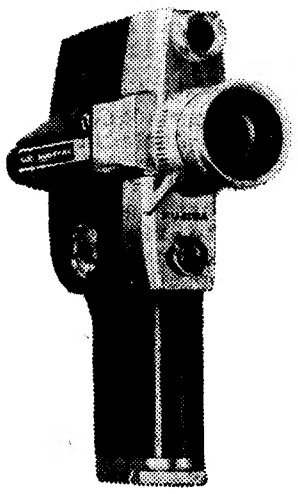
É o seguinte o programa das sessões a realizar durante este mês no Planetário Calouste Gulbenkian, no Museu de Marinha: nos dias 9, 16, 23 e 30 — sessão geral; dias 5 e 6 — o sistema solar e sessão geral; dias 12 e 13 — movimento da terra e sessão geral; dias 19 e 20 — identificação das estrelas e constelações, coordenadas celestes e sessão geral; dias 26 e 27 — equinócios e solstícios, sol da meia-noite e sessão geral.

As sessões têm início ás 15 e 30, ás 16 e 45.

A tradicional qualidade japonesa *a preços de mercado europeu*

FUJICA
carregamento instantâneo
Single-8
P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

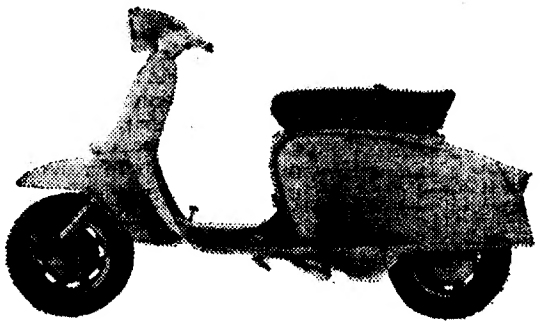
REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL
HITZEMANN & C.ª, LDA.
PORTO — R. de Sá da Bandeira, 520/526 Telefs. 22135/6 e 36501
LISBOA — R. de Filipe Folque, 2-C e D Telefs. 59788/9

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
HOJE ÀS 22 HORAS
(M. 17 anos)
«O 2.º TIRO»
de Robert Thomas
Com Maria Dulce — Pedro Lemos — Batista Fernandes — Varela Silva e Paiva Raposo.
Sábado: Tarde às 16 horas
Últimas representações

SOLAR DO MINHO
de Eduarda Maria
FADOS * FOLCLORE
R. do Vigário, 60
ALFAMA
Telef. 866811 (M/17 anos)

APERITIVO 115
(LICOR)
Pedir pelo telefone 67 99 65
Rua Poço dos Negros, 147
LISBOA

SÃO SENSACIONAIS!
AS SCOOTERS
Lambretta
DE 50, 150 E 200 c. c.



EXPERIMENTE-AS HOJE MESMO
NO DISTRIBUIDOR
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS
S. A. R. L.
RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 261 — LISBOA
E NOS AGENTES EM TODO O PAÍS
IMPECÁVEL SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E PEÇAS

FÉRIAS NO ALGARVE? AQUAZUL.
O fabuloso sol do Algarve e os APARTAMENTOS AQUAZUL: a melhor garantia para umas férias felizes.
Graças às condições especiais de aluguer e venda dos apartamentos AQUAZUL, as férias no Algarve estão agora ao alcance de todos.

Apartamentos para aluguer e venda COM RENDIMENTO GARANTIDO.
PARA INFORMAÇÕES:
Aquazul
LISBOA — Av. Duque de Loulé, 47-4.º D — Telefs. 53979/4/7
PORTO — Rua 31 de Janeiro, [illegible]
COIMBRA — Praça 8 de Maio, 42-1.º — Telef. 2352
LAGOS — Rotunda da [illegible]
PRAIA DA ROCHA — Edifício Aquazul — Telef. 439

HOTEL PARQUE
S. MARTINHO DO PORTO
BAR-ESPLANADA JARDIM — TÉNIS
Tel. 98.108

Um novo hotel
; um parque de campismo
le valor para a região de Ilhavo

ILHAVO, 3 — Em local prazível, num extenso terreno, cheio de sombra e frescura, entre a ria e o mar, vai a Camara Municipal, em colaboração com o corpo directivo do Illiabum Clube, estabelecer um parque de campismo, correspondendo, assim, aos desejos das colectividades de recreio e desporto da região. O Secretariado Nacional de Informação e Turismo concedeu um subsídio de 40 contos, e as obras vão começar por estes dias, pelo que o referido parque entrará em funcionamento nesta época balnear.

Perto do parque, entre as praias da Barra e da Costa Nova, vai ser construído um grande hotel, que muito contribuirá para o desenvolvimento turístico desta encantadora região.

O troço de estrada que estabelece a ligação daquelas duas praias com a da Vagueira, ao sul da Costa Nova, já foi reparado, e a rodovia que segue do Pontão para o mar, na Vagueira, foi revestida a betuminoso.

Filarmónica Ilhavense

A Filarmónica Ilhavense, fundada em princípios do ano de 1836 pelos ilhavenses conselheiro dr. António José da Rocha e José Ferreira da Cunha e Sousa, apaixonados amadores dramáticos, estreou o seu novo uniforme.

Conta, portanto, o apreciado agrupamento artístico, 133 anos de existência, o que representa valiosa actividade no concelho. Para se poder apresentar com o novo e vistoso fardamento foi preciso que os seus actuais dirigentes recorressem a uma subscrição publica, coroada do melhor êxito.

Para festejar o acontecimento, a filarmónica percorreu as ruas da vila, visitando as autoridades locais, as colectividades e entidades diversas.

A DEFESA DO SUESTE ASIÁTICO

(Continuação da 3.ª página)

uma arma extremamente importante para evitarmos aqui o regresso do comunismo. Mas como revelamos sinceramente a nossa vontade de triunfar neste plano, há russos que começam a mostrar interesse por ele.»

A SITUAÇÃO ECONÓMICA ESTÁ A MELHORAR

— A propósito disso, como acha a actual situação económica da Indonésia?

«Grosso modo» é bem melhor do que era em fins de 1965. Veja os resultados do nosso programa de estabilização e de reconstrução, que visava a moderar a inflação, a assegurar um aprovisionamento suficiente em produtos alimentares e têxteis, a desenvolver as nossas exportações e a pôr a nossa infra-estrutura em condições de funcionar. Em 1966 a taxa de inflação era de 650 %; em 1967 já estava em 120 %, depois em 85 % em 1968, e, finalmente, em 2 % mensais, no ultimo período. A rupia pôde ser assim razoàvelmente estabilizada. Em 1968, a produção de arroz foi superior á de 1967 em 15 %. Foi até superior ao objectivo fixado.

«Tudo isto é muito importante, porque o preço dos produtos alimentares determina, em grande parte, o dos outros produtos de consumo corrente.

«Com todos os meios ao nosso alcance, conseguimos igualmente voltar a pôr a nossa infra-estrutura em ordem. No ano passado, as nossas exportações foram superiores ao nível conseguido nos ultimos sete anos; dispusemos de bastantes produtos alimentares, graças ás importações e á produção local, que ultrapassou os 40 % de 1967. A nossa balança comercial passou a ser ligeiramente excedentária. A política das importações foi mais bem concebida, concentrada, primeiro, nos produtos essenciais para nós.

«Devo acrescentar que esses resultados se devem a um combate: puderam atingir-se, graças ao auxílio da população e á sua compreensão para com as medidas severas que adoptámos. Além disso, o adiamento dos reembolsos dos empréstimos estrangeiros e a obtenção de novos créditos — entre os quais provindos da França, que nos auxiliou muito utilmente na construção da barragem de Djatibehur — o que representa um auxílio de peso.»

— O senhor mencionou os investimentos estrangeiros na agricultura. Não receia, nesse domínio, uma reacção popular de tipo nacionalista?

«Os investimentos operam-se no quadro da nossa legislação e foram tomadas as necessárias precauções para que os indonesianos não fossem lesados. Por outro lado, quando falo da agricultura, entendo-a em sentido lato: trata-se das plantações, das florestas.»

— O Exército tem hoje um importante lugar no seu país. Como definir o seu papel e como encará-lo no futuro?

«Constitucionalmente uma dupla função é atribuída ás forças armadas: forças de segurança e defesa e grupo funcional. É neste quadro que se preocupam com os problemas com que a nação se defronta. O papel das forças armadas é hoje realmente importante; têm plena consciência das suas pesadas responsabilidades. Este papel muito activo não pode ser dissociado da evolução da situação criada pela revolta comunista de fins de 1965. As forças armadas lutam para restaurarem a estabilidade da nação para que o progresso seja mais bem assegurado e para que a independência da nação seja reforçada. Em conformidade com os textos constitucionais a dupla função das forças armadas será conservada no futuro. Pode acontecer que, em função dos progressos realizados, seja modificada a importancia do seu papel perante as necessidades existentes.»

— Pensa que o arranque da sua economia possa ser assegurado sem uma mudança das mentalidades, sobretudo rurais? Uma certa estabilidade política e o progresso económico serão possíveis sem a mobilização das massas?

«Claro que não. Precisamos de nos esforçar por convidarmos o povo a participar no sucesso do plano, a sentir-se responásvel por esse sucesso. Ao centro deste plano situa-se a agricultura: trata-se do sector de que vive a maioria da população. Uma das chaves do sucesso é efectivamente a mudança das mentalidades. Penso que se fará, ao mesmo tempo, que o próprio progresso se for verificando. O factor essencial é o progresso da sociedade rural.

«Gostaria de acrescentar que agora a população conhece de novo a liberdade e a democracia e isso provoca uma larguíssima iniciativa das massas. É possível, por via da Imprensa ou graças aos outros *massmedia* discutir livremente as questões importantes para a Indonésia.»

(EXCLUSIVO «LE MONDE»-«DIÁRIO DE LISBOA»)

PESSOAL DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa, recebem-se, até ao dia 25, declarações de candidatura para o lugar de segundo-assistente, além do quadro, do grupo de Zoologia e Antropologia.

Os candidatos devem ser licenciados em Ciências Biológicas ou possuir um curso superior que inclua as disciplinas do referido grupo.

É CONSUMIDO EM LONDRES CONCENTRADO DE TOMATE PROVENIENTE DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, Julho — (Serviço INFORMA) — A provincia de Moçambique deu inicio á exportação de concentrado de tomate para o estrangeiro, com uma remessa de 250 toneladas, destinadas a uma importante empresa de sumos, em Londres.

O produto, que segue enlatado, está avaliado em cerca de 2000 contos, compreendendo um total de 8340 cartões em 50 040 latas.

O concentrado de tomate é fabricado pela Cooperativa Agrícola do Limpopo, situada aproximadamente a 200 quilómetros de Lourenço Marques.

Aquela exportação foi assinalada com um almoço de confraternização, nas instalações da cooperativa, na Aldeia da Madragoa. Estiveram presentes várias individualidades, e mais tarde, a bordo do navio sul-africano «Karroo» que veio ao porto de Lourenço Marques receber o carregamento, foi servido um beberete a que assistiram diversas entidades ligadas á economia de Moçambique.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo que reune um terço dos colonos do Vale do Limpopo, é uma organização que promete desenvolver-se cada vez mais, graças ao aproveitamento de todos os excedentes da produção agrícola.

Exportação escalonada

Está previsto que a exportação de concentrado de tomate seja escalonada, por forma a aumentar gradualmente, uma vez que a cultura do tomateiro exige muitos cuidados e bastante tempo antes de poder contar-se com uma produção regular.

A remessa de 8340 cartões para Londres corresponde à produção de 1968, num total de 700 toneladas e a um aproveitamento parcial da produção de 4200 toneladas de tomate verde, de 1967, nos terrenos controlados pela cooperativa.

Em relação ao ano corrente, aquele organismo prepara-se para uma larga campanha, nomeadamente no que se refere ao fomento deste tipo de cultura, estando prevista uma produção de cerca de 10 000 toneladas de tomate verde e de 1500 toneladas de concentrado.

Falta de tomate em Lourenço Marques

Merece referência o facto de que tem vindo a faltar tomate no mercado de Lourenço Marques devido à escassês de meios técnicos para combate às pragas que na quadra quente do ano invadem os tomateiros. Por outro lado, legislação bastante antiquada, que data do princípio deste século, proibe a importação do tomate, com o objectivo de se evitar a propagação de certas doenças que este produto pode trazer dos territórios vizinhos da República da Africa do Sul e da Rodésia.

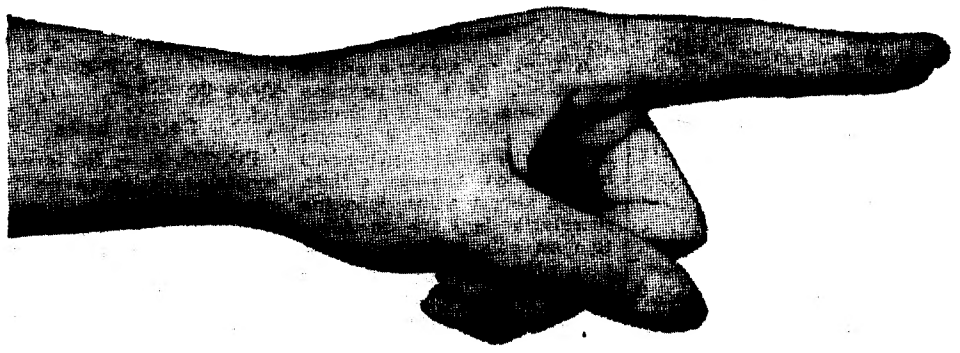
Com vista ao abastecimento da capital, a Cooperativa Agrícola do Limpopo providenciou para obter maior produção, cultivando cinco hectares na Aldeia da Graça. Trata-se de produção para fornecimento exclusivo a Lourenço Marques.

Aceitação nos mercados internacionais

O sr. António Lopes de Almeida, vice-presidente da Cooperativa Agrícola do Limpopo afirmou que os produtos industrializados de Moçambique tinham excelente aceitação nos mercados internacionais, e aludiu à forma elogiosa por que têm sido referidos os artigos exportados pela Cooperativa Agrícola do Limpopo. E acrescentou: — «A Cooperativa recebeu uma proposta que nós, òbviamente, não aceitámos. Essa proposta foi-nos feita por uma importante empresa sul-africana de enlatados, que pretendia nada mais do que isto: *a nossa fábrica faria entrega ao mercado de Moçambique dos produtos da Cooperativa com o rótulo da empresa sul-africana, e sem qualquer referência ao Limpopo ou à indústria portuguesa*».

As razões que levaram a firma estrangeira a fazer uma proposta daquele género, embora trouxessem imediatas vantagens, com certeza redundariam em nefasto prejuízo para a nossa economia. Daí a nossa recusa.

torralta dá



8 a 12 % na compra de um apartamento em Alvor, no Algarve.

Os nossos técnicos elaboraram um rigoroso estudo da valorização dos apartamentos, nessa zona. Em consequência garantimos, na compra de um apartamento, o rendimento de 8 %, nos primeiros cinco anos, 10 % nos cinco anos seguintes e 12 % no período entre os 10 e os 15 anos.

SE JÁ É POSSUIDOR DE ACÇÕES «TÍTULOS DE FÉRIAS» E QUISER COMPRAR UM APARTAMENTO, PODE PARA PAGAMENTO DAR AS SUAS ACÇÕES.

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A Telefs. 51748, 54479 e 555681

LAGOS — Hotel Golfinho — Telefs. 302-481/2

PRAIA DE ALVOR — Telefs. 3128 e 3211 (Portimão)

TORRALTA A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

TORRALTA

CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS SARL

ATROPELADO MORTALMENTE

OVAR, 3 — Ao princípio da tarde de ontem, na estrada nacional Porto-Aveiro, perto de Ovar, foi atropelado mortalmente um rapazinho de 5 anos, Germano Manuel de Oliveira, residente, com seus pais, no Bairro da Rabor, no Lugar de Ações (Ovar), por um automóvel de praça conduzido pelo motorista António Francisco Bastos, de 40 anos, residente na Rua Joaquim Nicolau de Almeida, 453, em Vila Nova de Gaia, que, de Aveiro, se dirigia para esta vila.

O rapazinho, que estava a brincar com outras crianças nas traseiras de sua casa, em certo momento desatou em correria e atravessou a estrada nacional, na altura em que surgiu o veículo e não houve maneira de evitar o acidente.

Conduzido imediatamente pelo condutor do automóvel ao Hospital de Ovar, o médico de serviço confirmou o óbito.

A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

«A MARINHA DE COMÉRCIO É ESSENCIAL PARA O PAÍS»

— DISSE O MINISTRO PEREIRA CRESPO NA JUNTA DA MARINHA MERCANTE

«E' viável um comércio marítimo português próspero, que represente para a economia do nosso País um factor positivo e válido» — afirmou, esta manhã, na Junta Nacional da Marinha Mercante, o sr. contra-almirante Manuel Pereira Crespo.

O titular da pasta da Marinha, que chegou ali acompanhado pelo seu ajudante de ordens, primeiro-tenente Contreras de Passos, era aguardado pelo vice-presidente da Junta, comodoro Gomes Ramos, e pelos drs. Manuel Ramos de Sousa, presidente da União dos Sindicatos; dr. Luís Gregório, pelo Grémio dos Armadores, e Henrique Davies Louro, pelos vogais da Junta.

Em breve sessão, que decorreu no salão nobre, usou, em primeiro lugar, da palavra o vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, que, após saudar o ministro, referiu a importância da acção daquele organismo na coordenação e no desenvolvimento da actividade económica nacional.

Falou, depois, o sr. contra-almirante Pereira Crespo, que afirmou, nomeadamente:

— A nossa Marinha de comércio é essencial para o País. E a Junta desempenha um papel que hoje tem aspectos tanto mais significativos se atendermos á evolução brusca do material naval. Todo o meu desejo é que o Armamento se sinta aqui como em sua casa — porque esta é a casa dos armadores.

O ministro da Marinha, ao falar, esta manhã, na Junta Nacional da Marinha Mercante

A visita à Escola de Mestrança e Marinhagem

O ministro seguiu, depois, para Caxias, a fim de presidir á entrega da Escola de Mestrança e Marinhagem, ali instalada, á Direcção-Geral do Fomento Marítimo. Acompanhado pelos srs. almirantes Morgado Belo e Joaquim David Carlos, comandante Albano de Oliveira, dr. Alfredo Santos Junior e comodoros Monteiro de Barros e Pires Antas, o sr. almirante Pereira Crespo percorreu as instalações e assistiu a parte de uma aula. Seguidamente, presidiu a uma reunião, durante a qual se fez a citada entrega, usando da palavra o vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; o director da Escola, sr. comandante Alfredo Luís Soares de Melo; e os presidentes da União dos Sindicatos e do Grémio dos Armadores da Marinha Mercante.

O titular da pasta da Marinha visitou, por fim, os alojamentos e refeitórios dos alunos, após o que almoçou.

UMA CRIANCINHA CAIU DENTRO DE UM TANQUE COM SULFATO

VISEU, 3 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia o pequenito Horácio Teixeira dos Santos, de 4 anos, de Lourosa de Baixo (São João de Lourosa) intoxicado por ter caído dentro de uma vasilha com sulfato preparado para videiras.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Olívia da Natividade Barreiros

COVILHÃ, 3. — Faleceu a sr.ª D. Olívia da Natividade Barreiros, de 84 anos. Era mãe da sr.ª D. Clotilde Quental Calheiros, viuva e irmã do sr. conde da Covilhã, e avó das sr.as D. Maria Helena, D. Maria Luísa e D. Vera Quintal Calheiros.

SUFRÁGIOS

Clarisseau Marcial de Abreu

Na igreja da Pena, foi hoje celebrada missa de sufrágio por alma do sr. Clarisseau Marcial de Abreu, que faleceu no passado dia 28.

O extinto tinha 69 anos, era natural do Funchal e funcionário bancário aposentado.

Casado com a sr.ª D. Adriana Mesquita de Abreu, o sr. Clarisseau Marcial de Abreu era pai dos srs. eng.º Eduardo Francisco Mesquita de Abreu, administrador da Compnhia de Seguros Império, casado com a sr.ª D. Maria Margarida Morais Salgueiro Mesquita de Abreu e do sr. eng.º Clarisseau Mesquita de Abreu, director da Fábrica de Celuloses do Guadiana, casado com a sr.ª D. Isabel Morais Salgueiro Mesquita de Abreu.

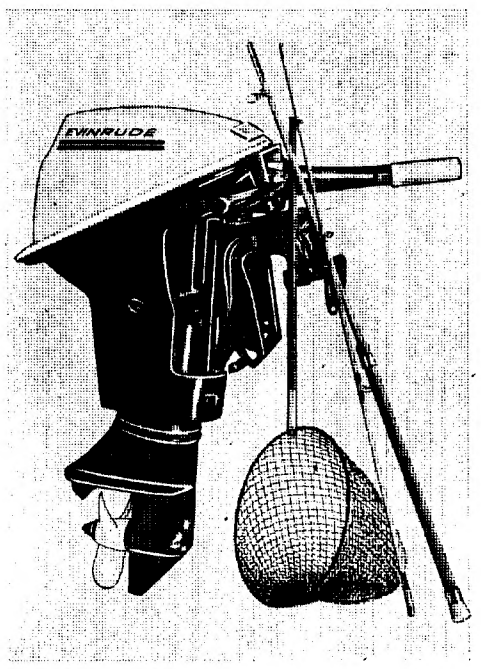
Sotero Leite

PORTO, 3. — Na igreja do mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, celebra-se amanhã, ás 9 horas, missa de sufrágio, do 7.º dia por alma do nosso saudoso camarada Sotero Leite.

EXCURSÃO A ÉVORA

A Casa do Alentejo está a organizar, para o próximo dia 6, uma excursão a Évora, em autocarros de luxo que inclui visita aos principais monumentos daquela cidade.

Está aberta a inscrição (na secretaria da Casa do Alentejo ou pelo telefone 369231) pelo preço de 120$00 que inclui o almoço.



EVINRUDE
O poder da experiência

A linha esticou? Não há problema. Prevendo esses casos, o perfil do Evinrude de 9,5 CV foi rebaixado ao máximo a fim de facilitar a manobra.

Não há o perigo de os assustar. Este é o motor de popa ultra-silencioso que os peixes não receiam. Pode deslizar suavemente, sem ruidos, sobre as maiores profundidades: o motor fixa-se em 16 posições diferentes.

Que enorme peixe! Não importa. Mesmo com o barco completamente carregado, o Evinrude de 9,5 permite-lhe regressar a cerca de 20 milhas horárias. E depois, quando chega o momento de guardar na mala do automóvel, temos a certeza de que apreciará a leveza deste Evinrude e a boa colocação da sua pega de transporte, cómoda e perfeitamente equilibrada.

De todos os robustos motores de popa Evinrude — desde o pequeno 1,5 CV até ao Super potente 115 CV, que pulveriza todos os máximos — o 9,5 é o incontestado favorito dos pescadores. E este ano mais do que nunca com o seu painel de comandos tão engenhosamente concebido.

Totalmente tratado contra a corrosão, tal como todos os modelos Evinrude, o 9,5 CV beneficia da famosa Garantia EVINRUDE e Serviço de Asssistência após venda. Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo: MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L. — Av. 24 de Julho, 52, A/G - Lisboa — Telef. 66 77 10.

José Manuel, o pescador, com o seu Evinrude em acção - o único fora-de-borda de 9,5 CV que se fixa em 16 posições diferentes.

DOMINGO, 6 DE JULHO
ÀS 17.45 HORAS
GRANDIOSA
CORRIDA DE TOIROS

INTEGRADA NAS TRADICIONAIS FESTAS DO COLETE ENCARNADO

VILA FRANCA

M. 6 anos

CAVALEIROS
MESTRE BATISTA • JOSÉ LÚPI

ESPADAS
A COMPETIÇÃO QUE O PÚBLICO DESEJAVA
JOSÉ JÚLIO • MÁRIO COELHO

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
COMANDADOS POR SALVAÇÃO BARRETO

8 TOIROS
DE CASTA ESPANHOLA DA SOC. AGRO-PECUÁRIA DO VALE DO SADO

VENDA DE BILHETES: Lisboa — AG. ABEP, Praça dos Restauradores; TAB. FREITAS, Rua 1.º de Dezembro, 85.

Vila Franca — CAFÉ CENTRAL, E LOCAIS DO COSTUME.

José Júlio

Mário Coelho

NA NOITE DE SÁBADO, 5, PARA DOMINGO, 6, ÀS 2.45 H.
Festival Tauromáquico da Sardinha Assada
ENTRADAS E LARGADAS DE TOIROS

VINTE E UMA HORAS DE PALAVRAS E MÚSICA «VÃO» DO RIBATEJO PARA O LESTE EUROPEU

No Dia de Natal de 1951 era retransmitido o primeiro programa da Rádio Europa Livre, estação emissora que emite maciçamente para a Europa de Leste. O local de retransmissão era então um pequeno posto situado na Glória do Ribatejo, não longe de Salvaterra de Magos. Em plena guerra-fria, os Estados Unidos começavam a exportar assim, por intermédio das ondas sonoras, e em doses industriais, a sua propaganda para os países do bloco Este-europeu. O «american way of life», profundamente mergulhado num banho de anticomunismo, passou a ser diáriamente (horáriamente) bombardeado em cinco línguas para a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Checoslováquia e a Polónia. A Raret principiara a actuar.

Centenas de empregados

Ontem, após quase dezoito anos de actividade, a Raret (sociedade portuguesa que é a ramificação local da R. E. F., Rádio Europa Free) abriu pela primeira vez as suas portas aos jornalistas, mostrou-lhes as suas instalações e contou-lhes a sua história. Aliás, e segundo nos foi dito, a discrição com que a Raret tem rodeado a sua actividade foi imposta por considerações internas portuguesas, recentemente modificadas.

O posto de retransmissão e anexos (não contando pois com o de recepção, que fica na Machuqueira, perto de Benavente) ocupa uma área de dez hectares e conta com quatro emissores de 250 kW cada. Retransmite (vinte a vinte e uma horas diárias) os programas que a central europeia da Free produz em Munique, Alemanha Federal. Considerações técnicas que não interessa especificar aconselham a retransmissão relativamente longínqua dos programas desta frequência, para melhorar as condições de recepção do *ricochete*. Só o posto da Glória (excluindo, portanto, a Machuqueira e a sede em Lisboa) emprega trezentos indivíduos, na sua quase totalidade portugueses. O chefe do centro operacional é o sr. Willi Kluche, norte-americano, e o superintendente do centro operacional é o engº Horácio Soares Campos Neto.

À volta das diversas edificações técnicas, erguem-se alguns edifícios com o que aí se designam «instalações sociais», ou seja, escola e centro de enfermagem. Estes serviços tentam captar as populações locais (evidentemente muito pobres) e parece terem-no conseguido em algum grau, pelo menos. O presidente da freguesia de Glória é empregado na própria Raret — trata-se do sr. José Augusto Catarino. De resto, a instituição da freguesia nesta localidade é de fresca data, e teria sido conseguida a pedido da Raret.

Música «first»...

As características da programação não nos foram explicadas pelos técnicos portugueses ao serviço do «Tio Sam», pois embora passem o dia a ouvi-los, eles são nas cinco línguas dos países já indicados, das quais só a romena é relativamente perceptível. No entanto, contaram-nos qualquer coisa e o resto é fácil de imaginar.

A musica *moderna* é o prato forte da programação «para não ofender as pessoas, saturando-as com doutrinação política» (esta é a explicação oficial), mas os noticiários e os comentários políticos não deixam de surgir com regularidade. Os responsáveis portugueses afirmaram que os acontecimentos hungaros de 1956 e checos do ano passado foram largamente influenciados pelas suas emissões, que pretendem «fazer infiltrar a ideologia e os hábitos ocidentais» (sic).

Mas quem sustenta este gigante de propaganda «yankee», esta máquina tentacular de disseminação dos valores U. S. A.? A Raret (e a Free, a que esta pertence) são organismos particulares, financiados por dádivas de particulares americanos, os chamados Cruzados.

Foi-nos revelado que a guerra do Vietnam tem feito baixar as doações mais recentes, sem as ter estancado. Espera-se que o fim da guerra no Sudeste asiático determine um novo «boom».

Artes plásticas

Masaru Nakanishi na S. N. B. A.

O pintor japonês Masaru Nakanishi, professor da Universidade de Mori, encontra-se neste momento a expor os seus trabalhos na S.N.B.A.

Borges Lopes na Galeria Panorama

Borges Lopes, pintor e escultor conhecido, apresenta os seus trabalhos na Galeria Panorama, á Rua Alberto Aldim, em Alfragide, Damaia.

Apresenta ainda trabalhos de pintura a fogo sobre papel. A exposição mantem-se aberta ao publico até ao dia 17 deste mês.

O artista brasileiro Duílio Galli no S.N.I.

No Palácio Foz inaugura hoje, a sua exposição de pintura o artista brasileiro Duílio Galli.

Ford à frente em elegância
Ford 17M o carro concebido para si

O Ford 17M tem a performance que V. pretende. As linhas elegantes que V. idealizou. É certamente o carro que sempre ansiou ter. E ao preço que sempre desejou pagar. Os Ford 17M asseguram-lhe viagens confortáveis. Maior suavidade resultante das jantes e via mais largas e suspensão traseira mais aperfeiçoada. Multi-segurança: travões de disco à frente, servo-freio, dois circuitos de travagem independentes, coluna de direcção com dispositivo amortecedor e muitos outros pormenores que poderá apreciar. Alavanca de velocidades no piso no modelo de duas portas. Modelos de 2 e 4 portas e Station (5 portas). Versões especiais. Para ainda maior luxo e performance — o Ford 20M.*

Ford 17M

Ford

CIESA-NCK-ADAPT. 5-11

* 20M — 1.º lugar da classe 3 no Concurso de Elegância e Conforto Automóvel no Estoril • Maio 1969

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONARIOS FORD EM LISBOA

STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

Actualidade internacional

DEPOIS DO VOO DA APOLO-11

NOVE VIAGENS À LUA PREVISTAS PELOS E. U. A.

VIENA, 3 — (F. P.) — «Depois do voo da Apolo-11, os Estados Unidos prevêem ainda nove voos com destino á Lua, escalonados por vários anos» — declarou o professor Wernher von Braun, responsável pelos voos lunares norte-americanos, numa entrevista concedida ao semanário austriaco «Wochenpresse».

«Estes voos terão por objectivo fazer progredir as investigações científicas na Lua», acrescentou o cientista. «Far-se-ão com auxílio de foguetões Saturno-5, para os quais foram já concedidos créditos».

O prof. von Braun passou em revista as experiências que deverão ser feitas na Lua depois do desembarque dos primeros homens, em 21 de Julho próximo: estadia de três dias, viagem de vários quilómetros com uma viatura lunar, envio de uma escavadora com vista a levantamentos geológicos a diversas profundidades, aterragens em diferentes pontos.

«Uma estação espacial habitada rudimentar, que está actualmente em construção, será posta em órbita terrestre em 1971», acrescentou o pai dos foguetões Saturno, antes de anunciar que a N.A.S.A. previa o envio de várias sondas para Marte. Salientou que a primeira aterragem de uma sonda norte-americana em Marte deveria ter lugar em 1973. Esta sonda, disse ainda, será dotada de muitos aparelhos científicos que deverão estabelecer se existe alguma forma de vida neste planeta.

EXPERIÊNCIA

CAPE KENNEDY, 3 — (R.) — Os astronautas da Apolo-11 envergam hoje os seus fatos espaciais e entram para o módulo da cápsula, a fim de participarem num lançamento da missão de desembarque lunar, marcado para este mês.

Os astronautas Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins estarão dentro da cápsula quando funcionários da agência do espaço simularem um disparo do gigantesco foguetão Saturno-5, no qual será lançada a missão em 16 de Julho.

Os três astronautas entrarão na Apolo duas horas e 40 minutos antes das 9 e 32 locais (13 e 32 T.M. G.), hora do lançamento simulado, que faz parte da continuação da demonstração de contagem decrescente, destinada a vistoriar todas as fases da missão.

A seguir ao lançamento simulado, os astronautas entrarão na nave espacial — Armstrong e Aldrin no módulo de desembarque lunar e Collins na Apolo — para ensaiarem as técnicas da missão.

«BONNY»

Entretanto, cientistas estão a estudar cuidadosamente a forma como dorme o macaco-astronauta «Bonny», realizando uma missão orbital de 30 dias no espaço.

«Bonny» foi lançado no sábado no Biossatélite-3 como uma experiência para estudar os efeitos da imponderabilidade no espaço exterior.

Cientistas mostram-se especialmente interessados nos sonhos durante o sono de «Bonny», visto ser a primeira vez que são estudados num homem ou num animal durante um voo em condições de imponderabilidade.

Henry Miller, fotografado recentemente em Londres, por ocasião do lançamento em Inglaterra de «Sexus», uma das obras-chave do grande escritor norte-americano. Interrogado pelos jornalistas acerca das suas preferências, Miller respondeu que «andar de bicicleta» é a sua distração favorita. Um desapontamento para presentes e ausentes...

Apelo de «Teddy»

(Continuação da 1.ª página)

nossos interesses vitais, mas fere a nossa consciência e essa é uma razão suficiente para que o nosso país actue pela paz e para aliviar a miséria.»

Por outro lado, o secretário de Estado, William Rogers, fez um apelo ás duas partes em causa no conflito da Nigéria para que cooperem na maneira de fazer chegar os socorros ás vítimas da guerra civil.

Numa declaração publicada pelo Departamento de Estado, Rogers pede:

1) ás autoridades biafrenses para aceitarem voos de auxílio de dia, garantindo corredores aéreos neutros;

2) ás autoridades do Governo militar federal para facilitarem os voos de dia em condições que permitam iniciá-los no mais breve prazo;

3) que o Governo militar federal permita o recomeço dos voos nocturnos por duas semanas;

4) ás duas partes para darem o seu acordo ás disposições tentadas pelo embaixador Clyde Ferguson, o coordenador especial dos Estados Unidos para as operações de socorro.

O EGIPTO E A JORDÂNIA NÃO ESTÃO PREPARADOS PARA UMA NOVA GUERRA

—DIZ O MINISTRO ISRAELITA GALILI

TEL AVIV, 3 — (R.) — O objectivo a longo prazo dos ultimos ataques israelitas contra territórios do Egipto e da Jordania é impedir esses países de acreditarem que estão novamente preparados para uma guerra com Israel — segundo afirmou a noite passada nesta cidade o ministro das Informações israelita, Israel Galili.

Os ataques tiveram também objectivos a curto prazo, disse ainda o ministro numa conferência com editores de revistas.

Prosseguiu: «Os ataques provam aos árabes que se tentarem tornar a nossa posição difícil, nós podemos, como represália, tornar a sua posição impossível».

Referindo-se ás conversações das quatro potências sobre o Médio Oriente, que foram adiadas anteontem em Nova Iorque, Galili declarou que Israel não podia concordar que essas conversações se realizassem em a ua participação.

Israel não poderia, portanto, aceitar as propostas norte-americanas, para uma solução do Médio Oriente. Se os Estdos Unido e a União Soviética chegarem a acordo, a laçuna entre a atitude de Israel e a adoptada pelos Estados Unidos alargaria, acrescentou.

Malogro da greve geral no Uruguai

MONTEVIDEU, 3 — (F. P.) — A primeira parte da greve geral de 32 horas decidida pela Convenção Nacional dos Trabalhadores foi um malogro quase total. Com efeito, não se registou ontem nenhum comício, nenhuma manifestação e o trabalho foi normal na administração pública e privada.

Só os empregados bancários respeitaram a ordem de greve. Na industria privada, o trabalho foi feito parcialmente. Os transportes publicos estiveram interrompidos por 15 minutos.

ROCKEFELLER EM S. DOMINGOS

S. DOMINGOS, 3 — (F. P.) — Muitos incidentes durante a noite passada assinalaram as primeiras horas da visita de Nelson Rockefeller á Republica Dominicana. Em muitos pontos da capital explodiram bombas, e grupos de jovens andaram pelas ruas manifestando a sua hostilidade ao enviado especial do presidente Nixon.

MAIS DOIS ASSALTOS NO BRASIL

SÃO PAULO, 3 — (F. P.) — Nove homens fortemente armados assaltaram ontem dois estabelecimentos bancários desta cidade, apoderando-se de 85 000 cruzeiros novos (cerca de 590 contos).

Hanoi liberta prisioneiros americanos

HONG-KONG, 3 — (R.) — O Governo do Vietnam do Norte anunciou hoje que vai libertar três norte-americanos capturados no Vietnam do Norte, para comemorar o dia da independência da América, que passa amanhã.

O comunicado, dado pela agência noticiosa oficial do Vietnam do Norte, informava também que o Governo autorizaria todos os americanos presos no Vietnam do Norte a receber presentes das suas famílias.

Não foi revelada a identidade dos americanos nem onde ou quando seriam postos em liberdade.

Anulada a visita dos dirigentes soviéticos a Bucareste

MOSCOVO, 3. — (F. P.) — A visita que os dirigentes soviéticos deviam efectuar num futuro próximo a Bucareste, foi anulada, anunciaram de fonte soviética informada.

Por enquanto não há qualquer data prevista para esta visita.

No entanto, não se afasta a possibilidade de Nicolas Ceaucesco e Ion Maurer irem a Moscovo para a semana. Esta eventualidade está a ser estudada actualmente mas ainda não foi tomada qualquer decisão, acrescenta a mesma fonte.

Jornais brasileiros apreendidos

RIO DE JANEIRO, 3 — (A.N.I.) — A Polícia federal brasileira apreendeu ontem, em S. Paulo, as edições do «Jornal do Brasil» e de «O Globo», do Rio de Janeiro.

Em círculos fidedignos afirma-se que a apreensão foi motivada pelo facto de aquelas edições trazerem referências — não autorizadas — aos recentes assaltos a bancos, na cidade de S. Paulo.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SOLAR DO MINHO
FADOS — FOLCLORE
de EDUARDA MARIA
RUA DO VIGÁRIO, 60 — TELEFONE 86 66 11
(a St.ª Estêvão — ALFAMA)
A Gerência informa que a sua sala se encontra reservada hoje, dia 3, para jantar de homenagem á Marcha da Mouraria, vencedora do concurso das Marchas Populares de 1969, jantar este, oferecido pelos ARMAZÉNS DO MINHO.

ARMAZÉNS DO MINHO
TECIDOS — CONFECÇÕES
FATOS DE BANHO P/ SENHORA DESDE ..... 75$00
MELHARES DE TOALHAS P/ PRAIA DESDE ..... 12$50
COLCHÕES P/ PRAIA A ..... 35$00
★ ★
SEDE: Rua José Duro, 19 a 31-A — ALVALADE
FILIAIS: R. DOS CAVALEIROS, 60 a 64 — MOURARIA
R. 5 de Outubro, 22 — CARCAVELOS
R. Palmeiras, 7 — ESTORIL

TERRENO A 10$00 M2 A 15 KM DE LISBOA
Zona grande futuro, Cabeço de Montachique com vista deslumbrante. Vendo barato por ser só 5 quintinhas áreas superior a 5000 m2. Trata o próprio na Rua Luciano Cordeiro, 83, 2.º esq.º
Telefone: 562097/8

Seiscentas prisões na Argentina

— segundo informações oficiosas

BUENOS AIRES, 3 — (F. P.) — Centenas de dirigentes sindicalistas, políticos e estudantis têm sido presos na Argentina desde que foi instaurado o estado de sítio na segunda-feira. Segundo o ministro do Interior, general Francisco Imaz, teriam sido presas umas 300 pessoas devido á vaga de atentados e ao assassinato de Augusto Vandor, chefe da C.G.T. «colaboracionista», mas, de acordo com informações oficiosas, o número exacto de prisões seria pelo menos duas vezes mais elevado.

Entre os detidos figuram Raimundo Ongaro, chefe da C.G.T. «rebelde», Arturo Mathow, antigo deputado radical e antigo embaixador na Colômbia, e Ricardo Rojo, advogado que esteve preso com Régis Debray na Bolívia.

A Polícia e os serviços de informações lançaram também uma verdadeira «caça aos terroristas» para desmantelar os grupos que cometeram numerosos atentados nestes ultimos tempos. Para incendiarem os treze supermercados pertencentes á família Rockefeller, os sabotadores utilizaram pelo menos 80 mecanismos de relógio de grande precisão e abundantes quantidades de explosivos.

Segundo a Polícia, os autores dos atentados deram provas de técnica apurada, muito mais aperfeiçoada do que a que empregavam anteriormente. Entretanto, foi feito um retrato-«robot» dos pretensos assassinos de Augusto Vandor, distribuído a todos os serviços de segurança do país e aos jornais.

A autópsia de Vandor revelou que este tinha sido atingido por sete balas, que lhe perfuraram o peito e a omoplata. Soube-se também que os assassinos tinham colocado duas bombas no gabinete do sindicalista com o fim de destruirem o corpo, mas os companheiros de Vandor conseguiram retirar o corpo antes de o engenho explodir.

Entretanto, mais de 10 mil pessoas, á frente das quais seguiam os dirigentes da C.G.T., participaram no cortejo funebre que ontem conduziu o chefe sindicalista Auguste Vandor ao cemitério de Chacarita. Um orador falou em nome de Péron.

Aproveitando a greve que paralisou os comboios do país, ferroviários italianos sentam-se sobre os carris, numa estação de Roma, «matando» o tempo

JORNALISTA ENFORCADO

SEUL, 3. — (R.) — Foi hoje enforcado numa prisão desta cidade o célebre jornalista da Coreia do Norte, Soo-Keun Lee, que em Maio passado tinha sido condenado á morte por espionagem.

Lee, ex-vice-presidente da Agência Central da Coreia do Norte passou para a Coreia do Sul em 22 de Março de 1967, na aldeia de Panmunjom.

O tribunal de Seul, ao ler a sentença, afirmou que Lee tinha fingido passar para a Coreia do Sul por instruções da Coreia do Norte, como agente secreto.

Este ano tentou chegar ao Cambodja, mas foi preso em Saigão.

Brian Jones, nos anos grandes dos Rolling Stones

Morreu Brian Jones — ex-Rolling Stone

LONDRES, 3 — (R.) — Brian Jones, que abandonou no mês passado o conjunto de «pop-music» dos Rolling Stones, foi encontrado morto ás primeiras horas de hoje.

A Polícia de East Grinstead, no sul de Londres, disse que amigos descobriram o seu cadáver na piscina iluminada da sua residência, que custou 30 000 libras (2100 contos), situada nas proximidades.

Jones foi o membro mais discutido dos Rolling Stones desde que o conjunto principiou a tocar o seu próprio tipo de «pop-music» em 1962.

Foi condenado por duas vezes devido a acusações de possuir drogas, e no tribunal afirmou-se que Jones estivera a ser submetido a tratamento psiquiátrico devido a «pressões e tensão».

Abandonara repentinamente no mês passado os Rolling Stones, após anunciar: «A música dos Rolling Stones não é já do meu gosto. Desejo tocar o meu próprio género de música».

Acrescentou que planeava dedicar o seu futuro a um novo conjunto, que estava prestes a formar.

CHINA POPULAR

A INTEGRAÇÃO DOS JOVENS COM OS CAMPONESES

por STANLEY KARNOV

HONG KONG — O regime de Pequim está a intensificar, desde os fins de Dezembro passado, a transferência de grande numero de jovens para as zonas rurais e para as fronteiras do país.

Trata-se de acelerar a «integração» dos jovens com os camponeses e «tornar assim possível uma maior extensão da revolução.»

Os observadores ocidentais avaliam em cerca de 20 milhões o numero de chineses que foram assim locados, no quadro da migração forçada mais gigantesca da História.

Esta campanha de «rusalização» conheceu um certo abrandamento em virtude da atenção que Pequim teve de desviar para os incidentes fronteiriços sino-soviéticos e para a reunião do IX Congresso do P C chinês.

Mas retomou nova força desde a celebração do aniversário do «Movimento de 4 de Maio» (um levantamento de jovens, em 1919, em protesto contra as cláusulas do Tratado de Versalhes que fizeram perder certas partes do território á China).

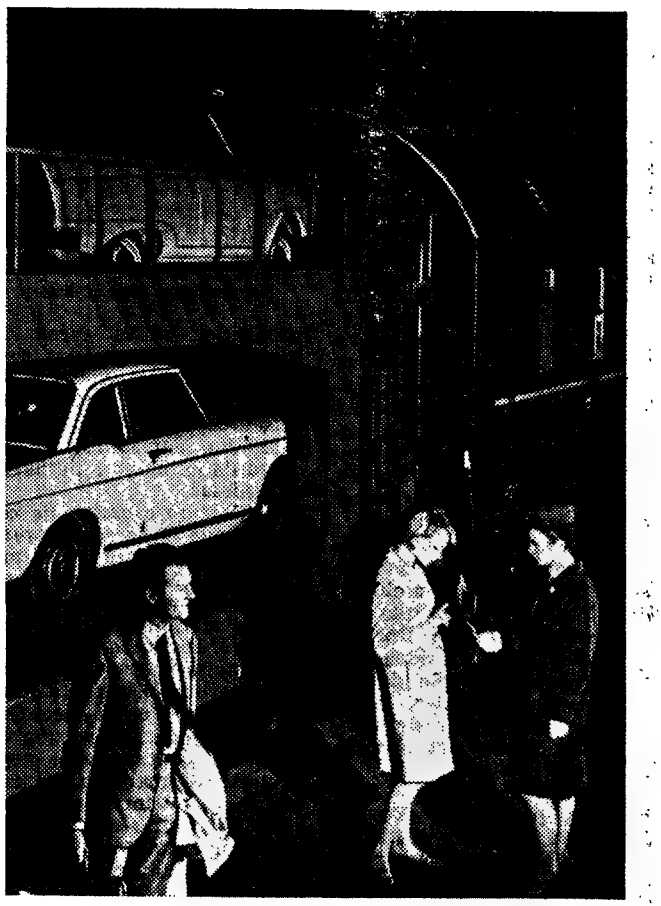
O facto de a campanha ter conhecido novo entusiasmo deve-se a duas razões principais: 1) corresponde á convicção pessoal de Mao de que os jovens chineses não poderão vir a ser verdadeiros revolucionários-proletários, a não ser que sejam «reeducados» pelos camponeses pobres; 2) esta migração parece operar-se no quadro da descentralização da China, para facilitar o problema da alimentação nas grandes cidades e também para reforçar a auto-subsistência das aldeias em caso de invasão inimiga.

Não são apenas os estudantes que são objecto destas medidas: professores, médicos, enfermeiros, empregados de escritório, funcionários do partido seguem para as zonas rurais num esforço de apegar de vez as barreiras tradicionais entre «mandarins» e camponeses.

Mas este movimento de migração não se processa sem atritos: os jovens mostram-se por vezes pouco entusiastas com as perspectivas da vida no campo e os camponeses acabam por perder a paciência perante a «verbosidade» dos citadinos.

A migração processa-se sobretudo para as províncias do Norte e do Oeste, Manchúria, Mongólia Interior e Sequião, isto, supõe-se, por se entender que é a U. R. S. S. que oferece agora a ameaça real de «uma invasão inimiga».

«The Washington Post»-«Diário de Lisboa»



Combate a sueste de Da Nang

SAIGÃO, 3 — (R.) — Tropas norte-americanas mataram 15 soldados inimigos num combate que se travou a sueste de Da Nang — segundo revelou hoje o comando militar dos Estados Unidos.

Foram mortos quatro norte-americanos e ficaram feridos mais oito durante a luta que se registou ontem a 168 quilómetros do centro da grande base militar de Da Nang, no Norte do país.

Entretanto, a pausa na luta continuou e o comando anunciou apenas quatro ataques «significativos», em consequência dos quais houve baixas ligeiras, em todo o Vietnam do Sul durante a noite.

NOVIDADE SENSACIONAL
HAN SUYIN
A CHINA NO ANO 2001
Ilustrado c/ 336 págs. 60$
JOHN L. HESS
O CASO DE GAULLE
E O DESAFIO AMERICANO
com 256 págs. 45$
Mais dois grandes êxitos da
Editorial Início
Av. Almirante Reis, 23, 4.º-Esq. — LISBOA
A VENDA NAS LIVRARIAS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Serviço auto-expresso
LISBOA↔PARIS
Todos os dias de 1 de Junho a 27 de Setembro
Entregue*
o seu carro hoje
e levante-o, em Paris,
depois de amanhã,
após uma viagem tranquila
e repousada
no comboio
da sua preferência.
*A entrega dos carros é feita na estação de Santa Apolónia, em Lisboa, entre as 15 e as 18 horas no dia anterior ao da partida do viajante ou entre as 7 e as 8 horas do próprio dia.
SNCF
MARCA dépt.-AE-69
Para mais informações:
Est. Santa Apolónia — Departamento Comercial — Telf: 86 41 81
ou TOURISME FRANÇAIS — R. Aurea, 242-3.º — Telf: 32 53 68 - 9
CHEMINS DE FER FRANÇAIS

CIDADE DOS CIGANOS, CIGANOS DA CIDADE...

Évora: trinta e tal graus á sombra. No Jardim Publico alinham-se as cadeiras, em volta de um grande estrado: vai haver festa. «Festa cigana» — elucida o padre Filipe, o homem que se dedica desde há anos, á esforçada obra de integrar na sociedade os legendários descendentes dos Faraós.

— *Tudo começou há dois anos* — explica. — *Organizámos então a primeira excursão a Fátima. O ano passado repetimos a iniciativa, e o numero de inscritos foi maior. Agora resolvemos organizar este encontro. Um encontro baseado na fé em Cristo, na esperança e na caridade.*

Por trás dos óculos de vidro espesso, os olhos do padre Filipe luzem de alegria. A' noite, durante o espectáculo, vimos cerca de uma centena de ciganos, sentados num sector junto do palco, que lhes havia sido préviamente destinado. Todo o jardim, entretanto, se enchera de milhares e milhares de pessoas.

— *E' sempre assim, de cada vez que se passa qualquer coisa cá em Evora* — afirma alguém. — *Não temos teatro, não temos espectáculos, isto é uma terra morta. Quando há festa, acorre toda a gente.*

Na noite quente os trajos garridos dos ciganos (alguns emprestados, outros confeccionados pelas jovens que os exibiam) contrastavam com os vestidos curtos das damas que se sentavam nas primeiras filas e que (oh, espanto, oh Évora, como te estás a mudar) fumavam, na sua maioria.

— *Eu também uso fatos curtos* — disse Maria Marlene Maia, de 17 anos, uma linda cigana de longos cabelos louros — *mas hoje vesti o trajo tradicional, a pedido do sr. padre Filipe.*

Veio um locutor e anunciou

Veio um locutor e anunciou, entre outras coisas, que não somos racistas na Metrópole, como o não somos no Ultramar. Do seu sector, os ciganos aplaudiram. Veio um militar cigano e leu uma mensagem de exaltação dirigida aos seus irmãos de raça. Veio padre Filipe e leu um discurso de agradecimento a todas as pessoas que se interessavam por manifestações como a que decorria ontem á noiote em Évora. Do seu sector os ciganos aplaudiram. Os risos abriam-se em rostos tisnados. «A maior parte destes homens, quase todos estes homens, não têm sequer a 4.ª classe». Os risos mantinham-se nas caras magras, morenas.

«Coitadinhos dos pobres de Jerusalém... São tão infelizes... Mas cheiram tão mal, os desgraçados...» (Mário Cesariny de Vasconcelos).

Para lá do sofisticado dos fatos, estes dois rostos femininos documentam toda a beleza e toda a expressão da raça cigana

E porque o dever da assistência é assistir

E porque o dever da assistência é assistir, assistiu. O rancho infantil e orquestra da Escola da Imaculada Conceição exibiu-se em primeiro lugar. Crianças alegres, eles vestidos á campino, elas de qualquer coisa. Uma freira acompanhava musicalmente o pequeno coro. «*Vamos na marcha a cantar / os olhos postos no céu / corações a bailar / na alegria de Deus*».

Seguiu-se o desfile dos ciganos e eleição pelo publico do par mais típico. «A Lua hoje vai ter um cravo vermelho nos cabelos».

E foi então que Solnado...

E foi então que Raul Solnado subiu ao palco. «Uma estrela do nosso firmamento artístico encontra-se entre nós...» Era a voz do locutor. Solnado lá estava, de facto. Subiu ao palco e contou uma história:

— Uma vez, estava eu numa casa típica, em Lisboa, e ouvi um rapaz cigano cantar o fado.

Solnado conta que gostou. Que ajudou o rapaz. Que lhe tornou possível a gravação de um disco.

— Esse rapaz chama-se José Maia e vai cantar.

No programa das festas, diz-se de José Maia: «E' um cigano que recebe os aplausos do publico como grande fadista português. Tem 17 anos e não fez a 4.ª classe. Sabe cantar e pouco mais. Mas repara bem: se o quiseres ver vai a Lisboa, que ali vive, nos arredores de uma metrópole civilizada. E' na Quinta do Rosal, um aglomerado de barracas. Mas todos lhe podemos estender a mão. Não é com desprezo que o ajudamos a salvar. Esta é a finalidade da obra de promoção social dos ciganos: caridade e amor pelo próximo.»

José Maia cantou o fado.

Vocês têm algum chefe?

— Vocês têm algum chefe, aqui em Évora?

— Temos, sim senhor, o sr. Vieira.

O sr. Vieira (Carlos Manuel) tem 54 anos e é negociante de gado.

— Chefe não, aqui não há chefes. Enfim, sou estimado entre os ciganos, é o que é...

— Mas vocês têm alguma associação?

— Não, nada de associações. Somos todos irmãos em Cristo. Todos filhos de Deus. Nada mais.

O sr. Vieira fez o curso de cristandade.

— Sou cursista, sabe o que é?

O repórter sabia.

Assistiram ao espectáculo

Assistiram ao espectáculo, entre outros: o arcebispo de Évora, o presidente e a vereação da Camara, Azinhal Abelho, Orlando Vitorino, etc.

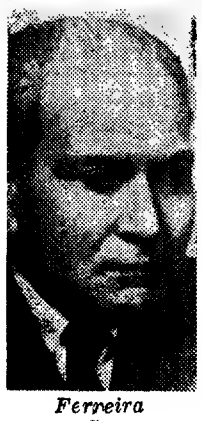
A família Vieira: um cigano cursista que ganhou prestígio em Évora

«Oh ciudad de los gitanos»

«Oh, ciudad de los gitanos / quien te vió / e no te recuerda?» (Lorca).

Quem vê, não a «ciudad de los gitanos» mas os «gitanos de ciudad» que pode, porém, recordar?

«HOMENAGEM A JOÃO DE BARROS» por Ferreira de Castro



Ferreira de Castro

Ferreira de Castro de quem há pouco saiu em França mais uma linda edição de «*A Selva*», no «Club des Femmes», continuando um êxito literário que dura há quase cinquenta anos, publicou agora em elegante «plaquette» a palestra proferida na festa da comunidade luso-brasileira, no Rotary Clube da Figueira da Foz, em «*Homenagem a João de Barros*».

Essa homenagem verificou-se há um ano e poucas semanas há foi toda a cidade da Figueira da Foz que homenageou João de Barros, o cidadão alto de duas pátrias, na sua missão de estreitar, compreender, unir, nisso se irmanando com Ferreira de Castro. E não só nisso.

Ferreira de Castro lembrou o poeta do «Eterno Mar», da grandeza, da harmonia, da comunhão perene com a terra, a água e os homens, nessa homenagem ao «grande poeta, que acreditava, como eu, nas infinitas virtualidades do Homem e amava a Liberdade com o mesmo fervor com que eu a amo, grande poeta e grande amigo, dos mais devotados que eu tenho tido ao longo da vida».

Dois artistas, escritores, cidadãos de duas pátrias se unem nesta «Homenagem a João de Barros».

Solnado no meio dos ciganos: dará «

Continuam sem entrar os directores eleitos do Si dos Operários Metalúrgicos

A lista eleita, no dia 26 de Fevereiro, para a direcção do Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do distrito do Porto continua sem entrar em efectividade de funções. Segundo dados oficiais, os trabalhadores metalúrgicos portugueses são em número de aproximadamente 100 mil, quase um terço dos quais pertencem ao distrito do Porto.

Entretanto, 630 metalúrgicos daquele mesmo distrito enviaram ao ministro das Corporações um documento em que expõem a situação e reclamam seja dada urgente solução ao problema. Essa carta é do seguinte teor:

«Dirigimo-nos a V. Ex.ª, como sócios efectivos do Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto, para manifestar — em nosso próprio nome e no de muitos outros colegas filiados no mesmo Sindicato — o grande descontentamento que sentimos perante os entraves levantados à validação da lista B de Candidaturas dos corpos gerentes eleitos para o triénio de 1969, 1971.

Para que V. Ex.ª possa avaliar melhor das razões que sem dúvida nos assistem, pedimos a V. Ex.ª atenção para o relato resumido das origens do caso que iremos expor e, bem assim, para o teor do recurso a enviado ao sr assembleia ge to, que junta

— MOTIVOS DATURA

Foi por n apoiada a list derarmos que tualmente em longo de mais muito pouco prol dos asso

Foi

O homem Apenas as mã -lhe a força gular. Foi ass

O nada de atirado entre para meter o tas de crime, sos velados d insinuações pes ão, que o ambiente; a de toda e ger como o fraco enganar; as c nas suas cos na sua prese que o indica e as palavra

ROTARY CLUBE LISBOA-OESTE

O Rotary Clube Lisboa-Oeste efectuou hoje, no restaurante da Feira Internacional de Lisboa, a sua habitual reunião.

A palestra do dia esteve a cargo do sr. dr. Manuel Joaquim Freire, que desenvolveu o tema: «Curiosidades da multiplicação das espécies».

AS JÓIAS, AS PRATAS DA Ourivesaria da GUIA SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PAPELARI

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

s: dará «Zip-Zip»?

rar em funções
Sindicato Nacional
cos do Porto

recurso a devido tempo
ado ao sr. presidente da
mbleia geral do Sindica-
que juntamos em anexo.

MOTIVOS DA CANDI-
DATURA DA LISTA B

i por nós proposta e
ada a lista B, por consi-
mos que a direcção ac-
mente em exercício, ao
o de mais de vinte anos,
o pouco tem feito em
dos associados do nosso Sindicato. Diremos, até, que nem executou ainda tudo a quanto é obrigada pelos respectivos estatutos.

— INTENÇÕES DOS CANDIDATOS PELA LISTA B

Os candidatos pela lista B, agora eleitos, apenas desejam melhorar a assistência que o Sindicato tem presta-

(Continua na 20.ª página)

Torre de Babel

por João Medina

O jornal e o pássaro de Minerva

LER UM JORNAL É UMA ARTE

Leão Trotsky

Dizia Hegel que os jornais eram a oração matinal do filósofo. Se bem interpreto o pensamento do mestre alemão, esse aforismo não significava que os amigos do saber se precipitassem sobre os jornais ao saltarem da cama, mas que a leitura do diário fornece, apesar do seu quotidiano fragmentado, uma espécie de instantaneo da marcha da Ideia. Todavia, para que essa leitura transcendental se transforme de facto em decifração do Processo Histórico num curto momento do seu devir, em intelecção do Espírito no seu caminhar temporal e concreto, creio ser necessário que o filósofo saiba mesmo «Ler», isto é, que consiga prescrutar nas colunas um tanto arbitrárias e ocasionais de uma gazeta a surda e necessária promoção da Ideia, a marcha desta como que fotografada pelos prelos todas as vinte e quatro horas, divisando assim nas entrelinhas do fragor e do acervo quotidianos aquilo que é fundamental, a gestação do «Espírito» (isto para usar a mitologia do Herr Doktor de Berlim).

Compreende-se que poucos leitores dos jornais matutinos ou vespertinos possam caber na categoria dos que, segundo Hegel, sabem intelegir dia a dia a marcha da Ideia, distinguindo com olho de lince da Beócia aquilo que é anedótico e aquilo que exprime o perfil diamantino do Processo, separando do joio do «fait divers» o trigo do verdadeiro Evento. Parece-me que muito poucos leitores das gazetas conseguem, como o Super-homem das histórias aos quadradinhos, ver através do emaranhado enganador das banalidades quotidianas o oiro do Real autêntico. E isto porque diante do borbotar dos factos e dos eventos ao mesmo tempo fortuitos e necessários, a leitura do progresso da «Ideia» se revela tarefa aspérrima e ao alcance de raros mortais. Quando percorremos com os olhos o jornal da tarde, somos todos, de um modo ou doutro, seres daltónicos: as cores essenciais passam-nos despercebidas, retemos o pormenor anedótico mas deixamos escapar o camelo invisível que transporta as sementes do tempo, confundimos planos e cromatismos distintos, trocamos Juno pela nuvem. Este daltonismo pode mesmo transformar-se numa espécie de cegueira tremenda, como no caso daquele membro da dinastia dos Capetos que escrevia no seu diário íntimo, na data de 14 de Julho de 1789: «Mardi, 14: Rien.» Para esta cegueira não há colírio nenhum á superfície da terra que valha.

Mas o caso de Luís XVI é tão extremo que podia ter servido a Hegel como exemplo negativo da tal leitura transcendente (ou meramente correcta) do quotidiano através da Imprensa. Receio contudo que sejamos todos, em maior ou menor grau, miniaturas de Luís XVI diante dos 14 de Julhos que passam debaixo dos nossos narizes e em frente dos nossos olhos embaciados. Observava Debray que nunca somos completamente contemporaneos do nosso presente. Mas é ainda o mestre alemão que nos vai ajudar, graças a outra metáfora particularmente engenhosa; dizia pois o filósofo além-renano que a ave de Minerva só levanta o seu voo ao fim da tarde, quando cai o crepusculo (quem imaginaria tanta habilidade imagética num catedrático tedesco!). Significa este pensamento que a intelecção é tardia, exige recuo, demora, «digestão»: o mocho só abre os olhos quando o dia se retira e o comum dos mortais se recolhe para dormir.

Somos sempre tardios em relação ao nosso próprio presente; só sabemos o que se passa depois de o presente se ter convertido em pretérito, não obstante todos os esforços de ubiquidade e de omnisimultaneidade dos meios audiovisuais hodiernos. Mas em vão o jornal multiplica as suas edições e o transistor ou a televisão sonham transmitir a notícia do evento no momento exacto em que este se engendra: a nossa consciência do significado do evento demora, a compreensão profunda dos factos chega atrasada. Sim, o velho mestre germanico tinha imensa razão quando comparava a compreensão da história (e do quotidiano) ao voo da ave nocturna que só ergue as suas asas quando o trabalho prático está feito e espera apenas que o interpretem, o compreendam e lhe tracem uma genealogia «a posteriori». O voo do mocho é «póstumo», mau grado os meios vertiginosos da comunicação audiovisual. Que interessa saber que Kennedy (John ou Robert) foi assassinado há meio minuto se nos escapa a razão, a finalidade, a semente venenosa que armou a mão do assassino, que o levou a premir o gatilho?

Todos nós somos aves de Minerva a lerem o jornal ao fim da tarde, no combolo ou no autocarro, a caminho de casa, quando a actualidade já sedimentou o seu estrato quotidiano. Mas em vão abrimos os olhos ao cair da noite: o mundo faz-se e desmorona-se sem nós. Somos sempre os que chegam depois, os que se limitam a «LER» aquilo que os outros (a História, as forças históricas) escreveram para nós. Tal como a ave inteligente mas inutil de Minerva, chegamos tarde, ao cair da noite.

Estrasburgo, Julho de 1969

O CRIME DA RUA DOS BISCAINHOS

Foi pelas mãos do marido que o povo a estrangulou

homem deu as mãos.
as as mãos. O povo deu
a força para a estran-
r. Foi assim.

nada de um remoque,
do entre dentes, chegou,
meter o homem ás por-
crime. Depois, os ri-
elados da má-língua; as
nações medonhas dum
, que se vira contra
ente; as perversidades
a e gente, apertando-o
e fraco que se deixa
ar; as conversas feitas,
uas costas, e caladas,
ua presença; os dedos
é indicam, á passagem,
palavras que marcam o gesto de quem deixa nos lábios a sugestão duma certeza; os ecos de uma expressão que, em terras como Braga, ainda são um passaporte para a vingança — essa nódoa medieval do corno — empurraram o marido para dentro da sala do crime. Foi assim.

Havia uma grande diferença de idades. O Francisco Alves tinha 63 anos feitos. A mulher, 34. Entre eles e os dichotes cruéis do povo, toda a gente, uma cidade inteira, o mundo em que viviam, havia um filho de 18 meses. E, assim, o que deveria ser um elemento de ternura, transformava-se, diáriamente, aos olhos e aos ouvidos do homem, numa duvida cada vez mais certa. Mais exacta. Mais trágica. Mais desencadeadora da violência. Ainda mais que tudo, o filho, inocente, frágil, serôdio, afastava-os para o desvão do abismo. Era a própria tragédia a levantar-se, entre ambos.

Def, as discussões. A raiva surda. O gosto de vingança mal contido. E, acima disto, o povo a gozar este espectáculo. A indicá-lo como o traído. A passar, para ele, os nomes que, mórbidamente, discretamente, diligentemente, chamava, por dentro, á mulher.

Virtude de Castro, para mais, tinha um nome que se prestava ao equívoco. À chacota de esquina. À conversa grotesca dos zeladores dos bons costumes. Virtude, fora do nome de baptismo, só tinha a do homem ser fraco. Complacente. Perdoador.

Mas, porquê? O povo não mata quem o desrespeita. Mas, quando pode, manda matar. E, então, o homem passava e, nas meias palavras: lá vai o gajo; aquele é o tal; a mulher põe-lhos. E mais isto e mais aquilo. Sempre. Em qualquer parte. No seu negócio. Nas suas horas livres. Nos seus passeios. Nas esquinas por onde passava. No seu dia diário...

Neste século XX (que alguém chamou de séxulo XX), uma ideia antiga, arreigada, popular, violenta, martirizante, a chamá-lo para uma realidade tradicional. A vingança. O crime. A tragédia.

Nem pensou no filho. Ou, se pensou, fê-lo com a raiva de quem, só para si, é o pai. O povo, a todo o momento, por olhares, por gestos, por entendimentos, deslegitimava-lho. Tirava-lho. Depois, metia-lhe a mão espalmada nas costas e indicava-lhe o caminho do mal que o libertasse, de vez, da mancha que alastrava no seu pano de marido velho.

Até que, ontem, depois de muitas noites insones, de muitas discussões cortadas por gritos, de muitos insultos moídos por todas as raivas, o povo deu forças ás suas mãos para estrangular a mulher.

Fê-lo por um apelo de tranquilidade. Fê-lo para cumprir um dever de macho. Fê-lo para dar uma satisfação ao maceramento da sua angustia diária. Fê-lo para cumprir uma sentença telúrica, mórbida, medieva, popular. Fê-lo, na verdade, mas o que é verdade é que não foi ele que o fez. Foi o orgulho canalha do povo que armou o crime nas mãos do marido.

O homem, agora, vai ser julgado. Condenado, talvez. Mas quem é o juiz que vai julgar — condenar, talvez — a força do povo que reza e mata, dando ás mãos do marido o toque sombrio da tragédia que matou a mulher de Braga.

O povo apenas acredita no amor limitado por convenções cediças, mas redime as inevitáveis frustrações no conluio da morte. Até quando?

E um homem só vai, no banco dos réus, tomar o lugar de toda uma cidade.

TAVARES DA SILVA

RIA DA MODA
REABRE
DENTRO DE DIAS

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas ●
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
T. 324564

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

ENSINO LICEAL

2.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Português

Texto

Os amigos que, podendo fazer boas obras a seus amigos, lhas não fazem, e no tempo das aflições se arredam e retiram, não têm de amigos mais do que o nome, e podem ser condenados como de furto.

Assim como a sombra nos não acompanha senão quando nos alumia o Sol, mas, toldando-se de nuvens o ar, logo desaparece, assim há também alguns que nos não acompanham senão no resplendor da prosperidade, mas vindo a adversidade, logo desaparecem.

Não quero amigos que me sigam quando me dá a claridade, que isso faz a sombra, mas que me acudam às necessidades com obras e conselhos e claros sinais de inteira benevolência, e que tenham para mim, como eu tenho para eles, abertas as arcas e as entranhas; porque nunca tem vazia a mão do bem-fazer quem tem o cofre do coração cheio de amor.

Os leais amigos hão-de ser participantes no prazer e no pesar, na riqueza e na pobreza

Heitor Pinto

I

1 — Porque afirma o escritor que certos amigos podem ser condenados «como de furto»?

2 — Com que propósito nos fala ele da «Sombra» e do «Sol»?

3 — Também concorda que «nunca tem vazia a mão do bem-fazer quem tem o cofre do coração cheio de amor»? Porquê?

4 — Que lição moral se pode extrair do texto que acaba de ler?

II

1 — Classifique a preposição «que isso faz sombra» e dê as razões da sua classificação

2 — Como justifica o emprego da conjunção «mas» no terceiro parágrafo?

3 — Qual o modo das formas «sigam», «acudam» e «tenham»? Justifique-o.

4 — O adjectivo «inteira», proveniente do latim *integra* —, é de formação culta ou popular? Justifique.

III

Imagine que, num país longínquo, reside um amigo seu que ignora tudo acerca do nosso País

Escreva-lhe uma carta com o título:

A minha Pátria é assim

Nela deve expor, ordenadamente, os aspectos que lhe parecem fundamentais na descrição do nosso País.

2.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Ciências Naturais

MINERALOGIA E GEOLOGIA

I

Suponha que tem para observar três amostras de calcário: *cré, calcário conquífero e tufo calcário.*

1. Como as distingue macroscópicamente?

2 Que se conclui acerca da origem da *cré*, quando observada ao microscópio?

3. Em que condições se poderá formar um *tufo calcário?*

4. Por que motivo inclui o *calcário conquífero* nas rochas *organigénicas?*

II

Estudou duas rochas magnéticas: o *granito* e o *basalto.*

1. Considerando a *textura*, como as distingue entre si?

2. Relacione as diferenças apontadas na resposta anterior com a respectiva génese.

3. Indique os minerais essenciais do granito.

ZOOLOGIA

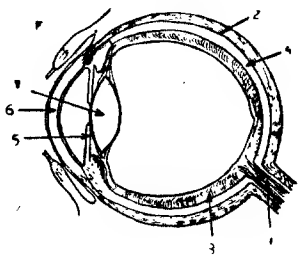


Fig.

O esquema (fig. 1) representa um corte do globo ocular do Homem.

1. *a*) Faça a legenda da figura.

b) Que função desempenham as formações assinaladas na figura pelas setas 3 e 7?

c) Qual a causa da *vista cansada* ou *presbitia* que se verifica nas pessoas de idade avançada?

2. As *glândulas lacrimais* são órgãos anexos do globo ocular

a) Onde se situam?

b) Qual o papel da secreção lacrimal?

3. *a*) Por que se diz que o *nervo óptico* é um *nervo craniano?*

b) Classifique-o quanto á função que desempenha.

4. Qual o centro nervoso que transforma a impressão luminosa em sensação?

BOTANICA

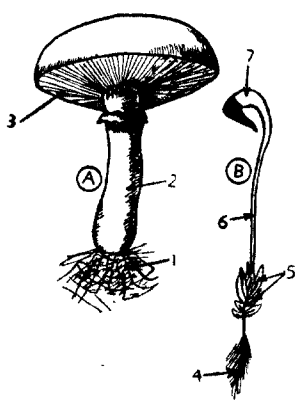


Fig. 2

Suponha que, ao dar um passeio, encontrava as plantas que a fig. 2 representa.

1. Que assinala o n.º 2 da fig. 2-A? E os números 4 e 7 da fig. 2-B?

2. Em que parte do corpo da planta A se formam os esporos? (Indique o número correspondente da fig. 2).

2. Que resulta da germinação dos esporos do cogumelo? E da germinação dos esporos da funária?

4. Quais as razões que o levam a afirmar que o cogumelo é *heterotrófico* e a funária *autotrófica?*

5 A que grupos sistemáticos (tipos) pertencem as referidas plantas? Justifique.

Comemorações em Leiria do «Dia da Mulher Portuguesa»

LEIRIA, 3 — Incluídas nas comemorações do «Dia da Mulher Portuguesa», a Acção Católica, a Cáritas, a Conferência Feminina de S. Vicente de Paulo, a Mocidade Portuguesa Feminina e o Movimento Nacional Feminino de Leiria promovem, amanhã cerimónias alusivas.

Às 11 horas, na capela das Aparições em Fátima, será celebrada missa por mons. dr. António Antunes Borges, reitor do santuário; ás 19 e 15, na igreja de Santo António Agostinho, em Leiria, será outra missa celebrada pelo bspo da docese; ás 21 horas, na Igreja Evangélica Baptista também serviço especial de oração. A encerrar o programa das comemorações, haverá, depois, no Salão do Teatro José Lúcio de Silva, uma conferência pela sr.ª dr.ª D. Maria dos Prazeres Couceiro da Costa Pizarro Beleza, que será apresentada pelo sr. dr. Tomás Duarte da Câmara Oliveira Dias e desenvolverá o tema: «A Mulher no mundo de hoje». Seguir-se-á um recital de poesia e piano, com colaboração, respectivamente, de Norberto Barroca e D. Maria do Rosário Font.

NOVAS COMISSÕES CONCELHIAS DA U. N.

LEIRIA, 3 — Foi aprovada pela comissão executiva da União Nacional a remodelação das comissões concelhias de Leiria, Marinha Grande e Porto de Mós, as quais ficaram assim constituídas:

LEIRIA — srs. brigadeiro Fernando Augusto Nogueira Velho de Chaby Júnior, presidente; eng.º Afonso Lemos Proença, António Areias, dr. António Augusto Lourdes Nunes, Francisco Clemente, Luís António Roda e eng. Manuel Garcia Leitão Simões Pereira.

MARINHA GRANDE — srs. dr. Henrique Coelho dos Santos, presidente; Albano Tomé Féteira, Leonel de Almeida Dias, professor José Duarte Quaresma, Augusto de Sousa e Júlio Duarte Sapateiro.

PORTO DE MÓS — srs. dr. Armando Gonçalves, presidente; Henrique Dias Baptista, António Edmundo Pereira Gorjão, José Cerca Serrano e Silvério dos Santos Martins.

Festival de «Ballet»

Para encerramento das actividades do ano lectivo, a professor de «ballet» sr.ª D. Isabel Afonseca, promove no sábado, no Teatro José Lúcio da Silva, a festa anual, que, normalmente, decorre no Cinema Tivoli, em Lisboa.

O programa inclui números de balado, pelas classes das Caldas da Rainha, Lisboa Leiria.

Conselho Municipal

Segundo determina o «Código Administrativo», o presidente da Câmara Municipal de Leiria, convocou para amanhã, ás 15 horas, reunião, no salão nobre, do Conselho Municipal, para se pronunciar sobre as seguintes deliberações camarárias: contracção de um empréstimo e venda de terrenos á Federação das Caixas de Previdência.

ENSINO TÉCNICO PROFISIONAL

1.ª chamada

CURSOS DE FORMAÇÃO COMERCIAL

Inglês

I

Text

Mr. Brown lived with his granddaughter, Mary Smith, and her husband. Every morning Mr. Brown went for a walk in the park and came home at half past twelve for his lunch.

But one morning a police car stopped outside their house at twelve o'clok, and two policemen helped Mr. Brown to get out. One of them said to Mary Smith, «The poor old gentleman lost his way in the park and telephoned to us for help, so we sent a car to bring him home». Mary Smith was very surprised, but she thanked the policemen and they left.

«But, Grandfather», she then said, «you have been to that park nearly every day for twenty years. How did you lose your way there?»

The old man smiled, closed one eye and said, «I didn't quite lose my way. I just got tired and I didn't want to walk home».

A — After reading the above story very carefully, answer the following questions with complete sentences:

1) With whom did Mr. Brown live?

2) What did he use to do every morning?

3) By whom was Mr. Brown taken home one morning?

4) Where did the police car stop?

5) For how long had the old man been taken to the park?

6) What made Mr. Brown telephone to the police?

B — Change to question form, beginning each question with the words in parentheses:

1) The Smiths' houve was not far from the park. (Whose).

2) The old gentleman coul walk in the park in the morning. (When).

3) The two policemen brought him home. (Whom).

4) Everygody likesto go for a walk in a park. «Where).

C — *Turn to reported speech:*

1) One of the policemen said, «Your grandfather telephoned to us for help».

2) Mary Smith asked the old gentleman, «How can you lose your way there?»

3) He closed one eye and said to Mary Smith, «I'll tell you why I asked for help».

D — *What would you thin if you saw two policemen and a friend of yours getting out of a police car in front of a police station?*

Write only two sentences about that (1——, 2——).

E — 1) *Make this plural:* This story tells about a very clever man, doesn't it?

2) *Begin this sentence from «He...»*

The two policemen brought him home.

3) *Make each pair of sentences into a single one by using relative pronouns:*

a) Mr. Brown went to the park every morning; he was a very old man.

b) The grandfather walked along the streets; his legs were very strong.

c) Mary Smith loved her grandfather; the two policemen saw her at the front door.

F — *Use some of the following words in the blanks. Copy the whole sentences:*

Only; each other; one another; neither... nor...; themselves; by; both... and...; not only... but also...

1) —— Mary Smith —— her grandfather lived in that house.

2) When the policemen arrived at the house door, Mary Smith, her husband and Mr. Brown looked at—.

3 Mr. Brown was —— tired —— ill.

4) He —— wanted to go home —— car.

II

Mr. Smith was not a rich man. He earned his living as a shop-assistant. His salary was so low that he could hardly meet his family expenses. Then Mrs. Smith decided to get a job to help her husband. She bought a newspaper — *The Times* — and read the following advertisement there.

«Wanted industrious woman as private secretary with some experience in public relations and acquainted with typing and foreign languages. State: age, address, qualifications, references.

Box 351, The Times — London».

— Suppose you also wanted this job. Will you write your own reply? Do it, please. Don't forget the date (tomorrow's) and the complimentary close. Don't sign the letter.

ENSINO TÉCNICO PROFISIONAL

SOLUÇÃO

Inglês

I

A —

1) Mr. Brown lived with his grand-daughter, Mary Smith, and her husband.

2) He used to go for a walk in the park.

3) He was taken home by two policemen.

4) It stopped outside the Smith's house.

5) He had been taken to the park for twenty years.

6) He got tired and didn't walk home.

B —

1) Whose house was not far from the park?

2) When could the old gentleman walk in the park?

3) Whom did the two policemen bring home?

4) Where does everybody like to go for a walk?

C —

1) One of the policemen said to Mrs. Smith that her grandfather had telefhoned to them for help.

2) Mary Smith asked the old gentleman how he could lose his way there.

3) He closed one eye and said to Mary Smith that he would tell her why he had asked for help.

D — Frases de carácter pessoal.

E —

1) These stories tell about some clever men, dan't they?

2) He was brought home by the two policemen.

3) *a)* Mr. Brown who was a very old man went to the park every morning.

b) The grand-father whose legs, were wery strong walked along the steets.

c) Mary Smith whom the two policemen saw at the grant door loved her grand-father.

F — 1) *Both* Mary Smith *and* her grand-father lived in that house.

2) When the policeman arrived at the house door Mary Smith her husband and Mr. Brown looked at *one another.*

3) Mr. Brown was *not only* tired *but also* ill.

4) He *only* wanted to go home *by* car

II

Exemplo de uma carta:

15, R. do Ouro
Lisboa
5 th July, 1969

Box 351
«The Times»,
London

Dear Sirs,

Y have read your advertisement in «the Times» of to-day and I wish to apply for that job.

I am 15 years old and I have just completed my Commercial Course at F. B. School. I have always been good at foreign languages and tyfung as I wold like very much to begin my practical experience.

All my teachers will be pleased to give you, any information as to my character and work.

Hoping that you will give me the opportunity of an interview,

Yours faithfully,

CURSO DE FORMAÇÃO INDUSTRIAL

(Excepto Formação Feminina)

1.ª chamada

Matemática

N. B. Indique os cálculos e raciocínios que efectuar.

I

Sabe-se que a distância focal duma lente se pode obter utilizando a fórmula seguinte:

$$f = \frac{p\,p'}{p+p'}$$

a) Calcule o valor de *f* para $p=2$ e $p'=\frac{2}{5}$.

b) Sendo $p'=2$, para que valor de p vem $f=1{,}6$?

c) Substitua p' por 2 e determine p em função de *f.*

II

Efectue as operações seguintes e apresente os resultados sob a forma mais simples que puder:

a) $\left(1-\frac{1}{b^2}\right) : \frac{b+1}{b} =$

b) $\frac{2}{a+1} + \frac{2}{a^2+a} =$

(Continua na pág. seguinte)

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO LICEAL

(4 de Julho — 6.ª-feira)

2.º ciclo — 2.ª chamada

História — 9 horas (90 minutos)

Inglês — 11 horas (90 minutos)

ENSINO TÉCNICO

1.ª chamada

Curso de Formação Comercial

Cálculo Comercial — 10 horas

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 537532

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

(Continuação da pág. anterior)

III

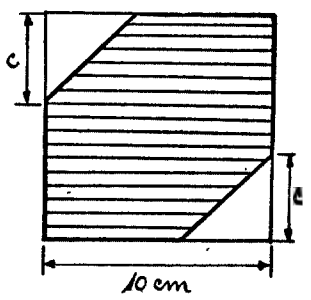
Considere as fórmulas seguintes, que relacionam grandezas eléctricas:

$$P=VI \quad ; \quad I=\frac{V}{R}.$$

a) Exprima P em função de V e de R.

b) Com base na fórmula $I=\frac{V}{R}$, podemos afirmar que I é proporcional a V? E a R? Justifique as respostas.

IV



De uma chapa metálica cuja base é um quadrado com 10 cm de lado, recortaram-se dois cantos, com a forma de triângulos rectângulos isósceles, como se indica na figura junta; a medida dos catetos está representada por c (em cm).

a) Exprima, em função de c, o perímetro da parte da chapa que se indica a tracejado.

b) Escreva a expressão que representa a área da mesma parte da chapa, também em função de c.

c) Decomponha num produto de factores binómios a expressão anterior.

d) Com base na decomposição obtida, faça o esquema dum rectângulo equivalente á parte tracejada da figura, exprimindo as suas dimensões em função de c.

V

Uma embalagem fechada contém 60 rolamentos de dois tipos diferentes, pesando cada um deles, respectivamente, 200 gramas e 300 gramas. Sabendo-se que o peso total dos 60 rolamentos é de 14,5 kg, quantos há de cada tipo, dentro da embalagem?

(Ponha o problema em equação e resolva-o).

IV

A área dum círculo é de 28,26 dm².

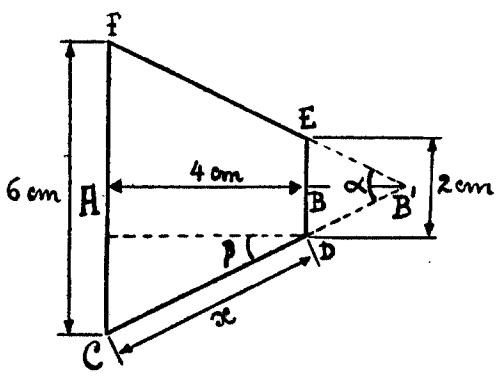
a) Qual é a área dum quadrado inscrito no mesmo círculo? (Use $\pi=3{,}14$).

b) Calcule o peso dum cilindro de revolução, de madeira, que tem por base o referido círculo e cuja altura é igual á diagonal daquele quadrado inscrito. Sabe-se que 1 dm³ de madeira pesa 0,8 quilogramas.

Observação: O aluno deve fazer um esquema na folha de respostas, para facilitar o seu trabalho.

VII

Na figura junta, representa-se o corte de parte duma peça metálica com um eixo de simetria. Utilizando as indicações do esquema, responda ás seguintes questões:



[CDEF] é um trapézio isósceles, $\overline{AB}=4$ cm, $\overline{DE}=2$ cm, $\overline{CF}=6$ cm $\overline{FA}=\overline{AC}$, $\alpha=D\hat{B}'E$,

β	tg β
25,0°	0,466
25,5°	0,477
26,0°	0,488
26,5°	0,499
27,0°	0,510

a) Calcule a medida do segmento indicado por *CD* ($\overline{CD}=x$)

b) Indique, por meio de letras, dois triângulos semelhantes da figura

c) Calcule a medida do segmento representado por *AB'*

d) Determine o valor aproximado do ângulo α, em unidades sexagesimais com base na tabela anexa

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL
SOLUÇÃO
Matemática

I

a) $f=\frac{2\times(-\frac{2}{3})}{2-\frac{2}{5}}=-\frac{4/5}{8/5}=-\frac{1}{2}$

b) $1{,}6=\frac{2p}{2+p}$

$3{,}2+1{,}6p=2p$

$p=\frac{3{,}2}{0{,}4}=8$

c) $f=\frac{2p}{p+2}$

$fp+2f=2p$

$2f=2p-fp$

$p=\frac{2f}{2-f}$ ✓

a) $\left(1-\frac{1}{b^2}\right)\times\frac{b}{b+1}=\frac{b^2-1}{b^2}\times\frac{b}{b+1}=\frac{(b+1)(b-1)}{b(b+1)}=\frac{b-1}{b}$

b) $\frac{2}{a+1}+\frac{2}{a(a+1)}=\frac{2a+2}{a(a+1)}=\frac{2(a+1)}{a(a+1)}=\frac{2}{a}$

III

a) $P=\frac{V^2}{R}$

$\frac{V}{I}=R$ Se R é constante, V e I são dir. prop.

$V=IR$ Se V é constante, I e R são inv. prop.

IV

a) As hipotenusas dos triângulos medem $\sqrt{c^2+c^2}=c\sqrt{2}$.

O perímetro a calcular será

$p=40-4c-2c\sqrt{2}=40-c(4+2\sqrt{2})$

b) $A=10^2-2\times\frac{c^2}{2}=10^2-c^2$

c) $A=(10+c)(10-c)$

d) O rectângulo a desenhar terá (10+c) cm de comprimento e (10−c) cm de largura.

V

Sendo x o número de rolamentos de 200 g, será (60−x) o número de rolamentos de 300 g.

$200x+300(60-x)=14\,500$

$200x+18\,000-300x=14\,500$

$100x=18\,000-14\,500=3500$

$x=35$

são 35 rolamentos de 200 g e 25 de 300 g.

VI

a)

$28{,}26=\pi r^2$

$r^2=\frac{28{,}26}{3{,}14}=9$

$r=3$ dm

$2l^2=(2r)^2$

$l^2=2r^2$ igual á área do quadrado $A=2\times9=18$ dm²

b) A diagonal do quadrado é $2r=6$ dm

Volume do cilindro

$V=28{,}26\times6=169{,}56$ dm³

Peso do cilindro

$P=169{,}56\times0{,}8=135{,}648$ kg

VII

a) CD é a hipotenusa dum triângulo rectângulo com 4 cm e 2 cm de catetos.

$x=CD=\sqrt{4^2+2^2}=\sqrt{20}\simeq4{,}472$ cm

b) Os triângulos AB'C e BB'D são semelhantes

c) $\frac{AB'}{BB'}=\frac{AC}{BD}$

$\frac{x}{x-4}=\frac{3}{1}$

$x=3x-12$

$x=\frac{-12}{-2}$

$=6$ cm

d) $\operatorname{tg}\frac{\alpha}{2}=\frac{AC}{AB'}=\frac{3}{6}=\frac{1}{2}$

Na tabela, a tangente de 26°.5 é dada com o valor 0,499 muito próx. de $\frac{1}{2}$. Tomaremos esse valor aproximado, que dá

$\alpha\simeq2\times26°{,}5\simeq53°$.

LICEU-INSTITUTOS

1.°, 2.° E 3.° CICLOS

2.° CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS

CURSOS DE LÍNGUAS

Francês ★ Inglês ★ Alemão

● Escola São Vicente:
— Rua do Paraíso, 28 — T. 86 59 04

● Externato Marquês de Pombal:
— Rua Carrilho Videira, 10 — T. 83 46 58
— Rua Edith Cavel, 8-1.° — T. 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

Diário do Porto

Ocorrências policiais

Na subdirectoria da Polícia Judiciária apresentou queixa o sr. Hermínio Tavares, residente no Alto do Calvário, em Oliveira de Azeméis, contra um indivíduo de Arcozelo (Vila Nova de Gaia) acusando-o de, tendo ele regressado do Ultramar, nos últimos dias do mês de Abril, ter recebido de um oficial em Moçambique, a importância de 16 000$00 que deveria entregar, o que, até agora, não fez. Mas sabe o queixoso que metade da referida quantia foi entregue pelo mesmo indivíduo a uma rapariga residente, também, em Vila Nova de Gaia.

Estão em curso as averiguações policiais.

☆

Queixaram-se na P. S. P. os srs. Manuel Mendes Correia, Rua do Ameal, 980, contra uma mulher que se recusa a entregar-lhe um gravador e um rádio portátil, que lhe emprestou há cerca de um mês; e José Fernando de Sousa Viana, comerciante, de São Cosme (Gondomar), contra um construtor civil por lhe ter passado um cheque de 3000$00, sem cobertura.

Espectáculos para esta noite

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Raposa e as Uvas» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Deus perdoa... Eu não!» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Balada para um pistoleiro» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «A maior balada do Mundo» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «No Sul do Pacífico» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Bonança & C.ª» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «A chave» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Noite de violência» e «Agente diabólico» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Os filhos de ninguém» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Amor de Perdição» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Vera Cruz» (12 anos).

Amanhã, à tarde

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Assalto á cidade» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Balada para um pistoleiro» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «A chave» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «No Sul do Pacífico» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Bonança & C.ª» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 15 e 30: «A maior balada do Mundo» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «Ódio por ódio» e «Os Cavaleiros da Távola Redonda» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «O Homem de Oklahoma» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «José do Telhado» (12 anos).

Exposição de flores no Palácio de Cristal

De amanhã a domingo, estará patente ao público, no Palácio de Cristal, uma exposição de begónias tuberosas cujos bolbos foram oferecidos ao Município pela Secretaria Belga dos Mercados Agrícolas e Hortícolas. Poderá ser visitada das 18 ás 0 horas.

Novas comissões concelhias da U.N.

Hoje, ás 21 e 30, no salão nobre da Câmara Municipal de Gondomar, decorrerá o acto da posse da nova comissão concelhia da União Nacional, com a presença do chefe do distrito. A posse será conferida pelo sr. eng.° Francisco de Nápoles Ferraz de Almeida e Sousa, vice-presidente da comissão distrital do Porto da U. N.; e a nova comissão é constituída pelos srs. dr. José Ricardo de Carvalho Figueira de Sousa Tavares, presidente; dr. Fernando Ferreira Casal dos Santos, Arlindo Vieira de Sá, dr. Joffre Pinto Fernandes, Manuel Fernando Mártis da Cruz, Manuel Joaquim de Sousa Lopes e Mário Domingues Marques dos Santos.

Calendário desportivo

BILHAR — «Taça Francisco Carvalho» — Jogos a partir das 21 e 30, no salão do Café Ceuta.

— «Taça José Jaime» — Jogos a partir das 21 h., no Café Astória.

FUTEBOL DE SALÃO — IV Torneio Infantil do Académico — Desp. Fontainhas-Lapa, Monte Aventino-Cerco, Olímpicos de F. Magalhães-Sp. Gaia e Bom Sucesso-Fábrica do Ameal. Jogos a partir das 21 e 15, no pavilhão do Lima.

HÓQUEI EM PATINS — Preparação das selecções do Porto: a partir das 21 e 30, treinos de seniores e juniores, no pavilhão do Infante de Sagres.

DIVERSOS — Conferência de Imprensa do Fluvial: reunião no Restaurante Regaleira, a partir das 20 e 30.

— Assembleia Geral do União de Lamas: ás 21 h., na sede do clube, para eleição dos novos corpos gerentes.

Juramento de bandeira

No Centro de Instrução e Condução Auto n.° 1, celebra-se amanhã, ás 10 horas, a cerimónia do juramento de bandeira pelos soldados recrutas do 1.° subturno do 2.° turno de 1969.

Farmácias de serviço esta noite (2.° turno)

ALBERTO FERREIRA, R. do Estação, 00 (Tel. 5-1302) ✲ **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 485 (T. 2-7936) ✲ **CAMPO ALEGRE**, Rua do Campo Alegre, 728 (T. 6-2245) ✲ **FÁTIMA**, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 6-5406) ✲ **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade (Tel. 2-4023) ✲ **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 25 (Tel. 4-7116) ✲ **PEREIRO**, R. do Precioso, 35 (Tel. 68-1027) ✲ **S. JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622 (Tel. 5-4526) ✲ **S. LÁZARO**, Av. Rod. de Freitas, 29 (Tel. 2-7043) ✲ **SARABANDO**, Largo dos Lóios, 36 (Tel. 2-170 ✲ **SAUDE**, Av. dos Comb. da Grande Guerra, 689 (Tel. 4-0576) ✲ **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 5-2225) ✲ **GONDARÉM**, Rua de 141 (Tel. 2-2145) ✲ **VITÓRIA**, R. de S. R. do Lameiro, 756 (Tel. Gondarém, 860 — Foz

«Europeu» de Bridge
DERROTA (0-8) DA EQUIPA PORTUGUESA

OSLO, 3. — (F. P.) — Resultados da 15.ª jornada, Torneio Aberto, classe de homens:

Israel-Holanda, 8-0; Noruega-Hungria, 8-0; Turquia-Bélgica, 8-0; Irlanda-Itália, 7-1; Áustria-Portugal, 8-0; Polónia-Grécia, 8-0; Espanha-Islandia, 5-3; Suécia-Finlandia, 8-0 e Alemanha-Dinamarca, 8-0.

Classificação: Itália, 96; Suécia, 87; Áustria, 82; Polónia, 81; Suíça, 76; Noruega, 74; Grã-Bretanha, 73; França, 70; Alemanha, 62; Israel, 60; Bélgica, 57; Turquia, 57; Irlanda, 55; Islandia, 53; Dinamarca, 52; Espanha, 48; Portugal, 46; Hungria, 44; Finlandia, 37; Holanda, 36; Grécia, 29.

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM, casa especializada.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.°, E.

PORTO: Praça da Batalha, 3

ESCOLA PORTUGÁLIA

CICLO PREPARATÓRIO

ENSINO LICEAL

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

RUA PALMIRA, 14 (Aos Anjos) Telef. 847500

DE COIMBRA

Problemas da habitação e relacionados com o turismo postos na reunião da Câmara

Na reunião da Camara Municipal o sr. eng.º Azevedo Sobral voltou a levantar a questão de casas para os economicamente débeis e sugeriu que, enquanto não surjam outras possibilidades, se estude a maneira de permitir que em terrenos adquiridos pelo Município para construção de casas desse tipo, a tarefa seja executada por intermédio de movimentos que, aqui procuram resolver a situação, tais sejam: M. O. J. A. F., Conferências de São Vicente de Paulo, etc.

O vereador sr. dr. Francisco Cortês alvitrou que essa solução fique dependente do termo do colóquio a decorrer no Ministério das Obras Publicas sobre o problema; e o sr. eng.º Azevedo Sobral insistiu na necessidade da aquisição de terrenos que sejam colocados á disposição das referidas instituições, independentemente da conclusão daquele colóquio.

O mesmo vereador acentuou, depois, a urgência da colocação dos semáforos na Praça 8 de Maio e em outros locais já indicados; e disse que estamos na época ideal para trabalhos, tanto pelas condições metereológicas como pela diminuição do tráfego. Referiu-se, ainda, ao estado deplorável da Rua Lourenço Almeida Azevedo, em obras, o que obriga a fazer-se o transito por artérias secundárias.

O presidente, sr. eng.º Araujo Vieira, prestou os esclarecimentos, afirmando que o prazo de conclusão vai ser antecipado, pois começa já no dia 13 a mudança dos carris da tracção eléctrica para o lado direito descendente, pelo que se espera que, em Setembro, comecem os trabalhos de pavimentação. Deu também, esclarecimentos sobre o andamento das obras na Rua Dr. António José de Almeida.

O sr. eng.º Azevedo Sobral deu ainda sugestões sobre o assunto e falou do mau estado da Calçada da Pedrulha. Sobre o assunto falaram os srs. dr. Francisco Cortês e o presidente da Camara.

Valorização turística da cidade

Depois, o sr eng.º Azevedo Sobral, a propósito da vinda de turistas em grande escala, disse que valeria a pena pensar-se na valorização nocturna da cidade, que — disse — não é das mais beneficiadas pela existência de grande numero de monumentos. Contudo, os que existem podem ser valorizados com uma iluminação apropriada.

O sr. dr. Viriato Namora declarou que as preocupações do sr. eng.º Azevedo Sobral eram muito oportunas, e disse que, acompanhado pelo chefe dos Serviços de Turismo e por um técnico, estivera a observar a cidade, de um ponto alto, assinalando as zonas escuras, para posterior estudo, com vista ás soluções. Acrescentou que há, na verdade, a intenção de estabelecer circuitos turísticos a pé, pelo que urge sejam determinados locais iluminados convenientemente.

A sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar louvou a obra do presidente, no que respeita a electrificação dos arruamentos, e recordou que, em tempos, se referiu ao assunto da iluminação dos monumentos, solicitando que sejam iluminados não só a torre da Universidade, mas, também, os edifícios circundantes. Lembrando, ainda, a necessidade de se valorizarem os parques e jardins com uma conveniente iluminação.

O sr. eng.º Araujo Vieira respondeu que o estudo referente ao Parque de Santa Cruz já fora pedido, mas que os preços exigidos são demasiado elevados para que possam, desde já, ser aceites. O sr. eng.º Azevedo Sobral, sugeriu, então, que uma iluminação simples dos lagos da Avenida Sá da Bandeira valorizariam o local.

Foi aprovado o primeiro orçamento suplementar dos Serviços Municipalizados, no montante de 11 290 353$60; foram concedidos subsídios a juntas de freguesia e tratados problemas de tracção eléctrica.

Iluminação da Praça do Comércio

Na parede de um prédio da Praça do Comércio foi colocado um lampeão dos que ali vão ser colocados para iluminação e construídos especialmente para o local.

O lampeão agora colocado está em regime de experiência, pois torna-se necessário saber a que altura devem eles ficar de modo a que seja aproveitado todo o sistema de iluminação sem prejudicar a estética da velha praça.

Juramento de bandeira

No Centro de Instrução e Condução Auto n.º 4, em Santa Clara, celebrou-se esta manhã a cerimónia do juramento de bandeira pelos soldados recrutas do 1.º subturno do 2.º turno da escola de recrutas de 1969.

Na parada do Convento da Rainha Santa as forças formaram em parada sob o comando do sr. capitão Coelho de Moura; e, depois da chegada das entidades oficiais, incluindo os srs. coronel Ilo Baptista, comandante da guanição militar da cidade e comandantes das unidades militares aqui aquarteladas houve a recepção ao estandarte regimental, ao qual foram prestadas as honras do estilo. Depois o sr. capitão Augusto Soares leu os deveres militares, e o sr. alferes-miliciano Rodrigues fez uma prática aos novos soldados, exortando-os a cumprir o seu dever. A leitura da fórmula do juramento foi feita pelo sr. major Rosa Carvalhal. A seguir, procedeu-se á retirada do estandarte.

Foram, depois, entregues diplomas aos soldados que mais se distinguiram durante a instrução e medalhas aos primeiros classificados em provas atléticas e de tiro.

A terminar, as forças desfilaram em continência.

Exposição de livros

Promovida pelo Centro de Documentação e Informação de Educação Física do Fundo de Fomento do Desporto, teremos, de 5 a 12, uma exposição de Livros Sobre Educação Física. Estará patente ao público, no salão da Delegação do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro».

Festividade em honra da Rainha Santa

No Mosteiro de Santa Clara, começa hoje, ás 21 horas, um tríduo solene, com pregação pelo rev. António Salgueiro, capelão militar.

No domingo, celebrar-se-á a festividade em honra da Rainha Santa, com missa solene ás 10 horas, rezada pelo rev. Carlos da Rocha Barbosa, reitor do Colégio Novo, e acompahada por um coro, sob a direcção do sr. professor Sousa Santos. A pregação está, também, a cargo do rev. Rocha Barbosa, que, á noite, no decorrer da cerimónia de encerramento, também pregará.

O regime de «semana inglesa» no comércio

Até ao fim de Setembro vigora o regime de «semana inglesa» nos estabelecimentos de papelaria e livraria-papelaria; material para electricidade, rádio, televisão, luz e som; artigos electro-domésticos, óptica e artigos de precisão; móveis e adornos domésticos; e ourivesaria e relojoaria.

O «Dia da Mulher Portuguesa»

A comissão distrital do Movimento Nacional Feminino manda celebrar amanhã, ás 18 e 30, na igreja de Santa Cruz, missa em glorificação de Deus e pelo bem da Pátria. No dia 5, primeiro sábado do mês, á mesma hora e no mesmo templo, será celebrada a missa habitual pela paz e por todos os soldados mortos no Ultramar e em combate.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Ás 21 e 30: «A Festa» (17 anos).

AVENIDA — Ás 21 e 30: «Os campeões de Oxford» (12 anos).

TIVOLI — Ás 21 e 30: «Cada bala tem um nome!» (12 anos).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS — Ás 21 e 45: «A Princesa» (12 anos).

NASCERAM E LOGO MORRERAM TRÊS GÉMEOS

Na Clínica Dr. Daniel de Matos, mais conhecida por Maternidade, deu à luz três gémeos a sr.ª D. Deolinda de Castro Figueiredo, de 39 anos, casada com o sr. José Augusto, servente de pedreiro, de 42, ambos residentes na Cruz dos Mourouços.

Os pequenos seres viveram apenas algumas horas; e foram registadas, respectivamente, para o Manuel José Figueiredo Augusto, 6 horas; para o Paulo José, 5,30 horas; e para o António José, 4,35.

Farmácias

LUCIANO & MATOS—Rua da Sofia (Tel. 22147 e 22148).

HIGIENE — Rua Fernandes Tomás (Tel. 22634).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (T. 23767)

M. NAZARÉ — Nazaré — Avenida João das Regras (Tel. 23033).

Evitar os intermediários nas indústrias transformadoras

— pretendem os Grémios da Lavoura da Beira Litoral

COIMBRA, 3.—Os Grémios da Lavoura da Província da Beira Litoral mostram-se interessados na resolução do problema florestal da região, e já solicitaram ao sr. secretário de Estado da Agricultura a criação de secções diferenciais junto dos mesmos grémios ou das cooperativas anexas, primeiro passo que se entende necessário para atingir a finalidade em vista.

Assim, na sala do Grémio da Lavoura e a convite da Federação, reuniram-se os Grémios associados. A reunião decorreu em ambiente de muito interesse e houve larga troca de impressões. Apareceram, assim, sugestões e propostas de muito valor, concluindo-se que se deve adoptar o critério da criação de secções diferenciais nos grémios da lavoura com o objectivo de tratarem directamente dos diversos assuntos junto da lavoura, evitando-se a perniciosa actividade de intermediários no âmbito das industrias transformadoras.

No final, foi enviado um telegrama ao sr. secretário de Estado da Agricultura, dando conta do interesse manifestado na reunião pelo problema das madeiras da região, procurando-se maior rentabilidade da lavoura produtora. Foram, ainda, solicitados daquele membro do Governo os meios necessários que possibilitem a execução da resolução da referida secção diferencial junto de cada grémio.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	—	546$	550$
Consolidado 3 1/2%	—	640$	650$
Centenários 4%	—	1.480$	1.500$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.010$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 1.ª Série c.	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	—	—
Externo 3.ª Série c.	890$	890$	—
Coutelas 3.ª Série	—	—	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	970$
A P T. 5% 56	—	—	965$
A P. T 5% 58	900$	895$	—
C P. 4 1/2% 65	—	990$	1.000$
C. P. 5 1/2% 67	—	1.005$	—
C. U F. 6%	—	1.016$	—
C U F 6% 68	860$	850$	870$
Gás Elect 4% 48	—	860$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	910$	920$
Gás Elect 5% 52	—	900$	925$
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	926$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	920$
Gás Elect 5% 65	—	—	920$
Gás Elect 5% 67	850$	845$	—
H E A Alentejo 5%	—	835$	845$
H E Cávado 5%	1.000$	—	—
H E Cávado 6%	—	830$	845$
H E Douro 5%	—	990$	1.000$
6%	825$	825$	—
H E. Norte Port. 5%	1.000$	—	998$
H E S Estrela 6%	—	850$	—
H E Zêzere 5% 55	—	850$	—
H E. Zêzere 5% 57	—	—	1.010$
Lisnave 6%	—	900$	—
Metropolitano 4%	—	1.025$	1.030$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	800$
Moçambique 5%	—	850$	855$
Nac Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul. 5%	920$	918$	925$
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P 4%	—	83$	—
U E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	83$	84$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.190$	1.160$	1.190$
Alentejo	739$	739$	740$
Angola	2.500$	—	2.560$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	2.650$	2.600$	2.700$
E Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	5.650$	5.630$	5.680$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p	—	6.500$	7.000$
Portuga. n.	2.950$	—	3.000$
Portugal p.	—	—	3.750$
Totta Aliança	6.800$	6.700$	6.800$
Ultramarino n.	2 230$	2.210$	2.250$
Ultramarino p.	2.520$	2.500$	2.540$
Seguros			
Alentejo	—	73$	75$
Douro	—	930$	1.200$
Mundial	530$	500$	530$
Sagres	—	1.500$	1.800$
Tranquilidade	—	45 000$	—
Ultramarina	—	15 000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	755$	750$	760$
Ag. Cassequel	705$	705$	710$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	300$	390$
Boror	—	—	—
Buzi	—	75$	79$
Cabinda	195$	190$	200$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.522$	1.520$	1.524$
H E Revué	630$	—	—
Ilha do Príncipe	—	950$	1.000$
Moçambique	112$	111$	112$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p	375$	373$	380$
Zambézia	75$	75$	75$5
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla			
Cim Leiria	—	7.500$	7.700$
Cim Tejo	—	—	—
Co. Navegação	6.000$	6.000$	6.050$
C. U F.	1.040$	1.000$	1.040$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.150$	3.250$
Petroquímica	—	—	2.280$
Port e Colónias	1.670$	1.660$	1.670$
Port Celulose	—	—	4.100$
Port Pesca	1.200$	—	1.210$
Port Tabacos	675$	670$	675$
Sacor	—	—	5.150$
Siderurg a Nac	1.400$	—	1.400$
Socel	2.850$	—	2.840$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	—
U F Azoto	750$	747$	750$
Agua. Electr. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	—	—
Águas Lisboa 34	—	—	—
Águas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	1.600$	1.590$	1.600$
Gás Electr.	410$	409$	411$
H E Alto Alentejo	—	156$	159$
H E Cávado	1.260$	1.256$	1.265$
H E Douro	1.255$	1.250$	1.260$
H E Norte Portugal	—	—	305$
H. E S. Estrela	1.750$	1.700$	—
H E Zêzere	1.330$	1.320$	1.340$
Nac Electricidade	—	1.390$	1.380$
Termoeléctr. Port.	—	1.365$	1.380$
U E P.	194$	194$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	180$	—
F I D E S.	—	116$8	120$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	25/6/69	1/7/69	2/7/69
ULTRAM.	132,4	130,1	128,4
GERAL	130,7	128,1	126,2
METROPOL.	144,9	145,1	144,5

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$50	37$00
— Rands de 5 e 20	35$50	38$00
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 e 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$40,2	$41,7
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$50	5$85
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	345$00	360$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$70	39$20

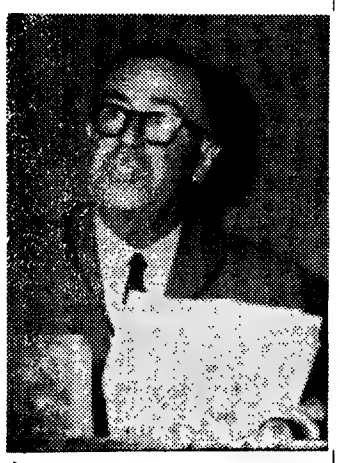
J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 23 Tel. 31273

COLÓQUIO SOBRE A POLÍTICA DE HABITAÇÃO

UM DÉCIMO DA POPULAÇÃO ABSORVE MAIS DE NOVE DÉCIMOS DA CONSTRUÇÃO

A questão do dia de ontem no Colóquio sobre Política na Habitação foi abordada em dois aspectos: os recursos e modalidades de funcionamento e os intervenientes na execução — sectores privado e cooperativo, autoconstrução e sectores semipublico e publico.

A mesa era composta pelos arquitectos J. Reis Álvaro e Nuno Teotónio Pereira; drs. J. Ferreira da Costa, Alberto Ramalheira e C. Guerra dos Santos; e eng.os Carlos António, A. Valadas Fernandes, Nelson Montes e Gastão Ricou.



Jaime Silva: O que deve fazer o Fundo de Fomento

Desempenhou as funções de coordenador o arquitecto J. M. Alves de Sousa, que, em introdução á sessão de trabalhos, se referiu á necessidade de alojamentos e facilidades comunitárias originada por causas como o crescimento demográfico, a prosperidade económica consequente da expansão industrial, os movimentos populacionais no sentido das zonas, áreas ou regiões mais dotadas, e a evolução sócio-cultural das populações.

O arquitecto Alves de Sousa acrescentou que as múltiplas necessidades das populações urbanas e rurais, beneficiando de crescente melhoria no nível de vida, determinam a criação de uma consciência colectiva que, reconhecendo o direito a alojamentos mais decentes e melhor organizados, «parece transcender já essa própria aspiração em favor de todo um conjunto de necessidades mais vastas no domínio da saúde, da educação, do trabalho, da cultura e de outros domínios, traduzindo o que se pode chamar o conjunto de valores humanos prioritários»

Prosperidade para quê?

Do princípio acima apontado, prosseguiu o orador, resulta que um nível de vida melhor e mais elevado deve, em geral, ser acompanhado de uma rápida melhoria da qualidade das habitações e bem assim do ambiente em que se integram.

— *É óbvio* — precisou o arquitecto Alves de Sousa — *que a amplitude dos problemas postos por tal evolução será maior nos países em fase de desenvolvimento económico, onde, em contrapartida, e justamente por razão desse desenvolvimento, serão menos disponíveis, serão menores, os recursos mobilizáveis em favor da resolução desses mesmos problemas.*

É justamente esta a situação em que nos encontramos. Entretanto, e comparando necessidades e recursos, as perspectivas não se afiguram nada encorajantes a muitos observadores, enquanto outros acham que dispomos de recursos suficientes, «embora — e neste campo parece haver unanimidade — deficientemente distribuídos». A preocupação de base imediata será, assim, a de assegurar aos recursos disponíveis um emprego racional de acordo com as prioridades repetidamente apontadas no Colóquio.

E o orador prosseguiu, afirmando que no âmbito específico e «escaldante» do tema de trabalho da sessão se tornava indispensável encontrar resposta (pelo menos) para duas questões-chave, a saber:

— a natureza do problema dos alojamentos exige que sejam ponderadas as mais adequadas vias de canalizar os recursos indispensáveis ao sector;

— o interesse óbvio de promover uma programação única a longo prazo, no quadro de uma planificação económica global, conduz á necessidade de coordenar os recursos dos diferentes promotores ou intervenientes.

— *Permito-me recordar nesta oportunidade* — disse, ainda, o arquitecto Alves de Sousa — *uma advertência escutada no decurso de um debate internacional recente a que tive a honra de assistir e que é a seguinte: se não for possível dispor em tempo dos meios financeiros necessários ao planeamento e execução de programas de habitação e de equipamentos indispensáveis, os países conhecerão a situação paradoxal pela qual a industrialização tornará a população próspera, mas á custa do seu meio ambiente de vida, que atingirá um estado tal de decomposição que deixará de valer a pena ser próspero.*

A mesa que orientou a sessão de ontem do Colóquio da Habitação

Dr. Alves Caetano: Sacrifício permanente

Eng.º Manuel Bravo: Mobilização nacional

Em 1967 havia 52 milhões de contos em depósitos à ordem e a prazo

Abriu a série de intervenções o dr. Alberto Ramalheira, que se ocupou dos problemas relativos á aplicação da poupança, dizendo que ela tem sido superior ao nível de investimento no País. Este — segundo afirmou — podia ser mais elevado, já que existem possibilidades de financiamento não totalmente utilizadas.

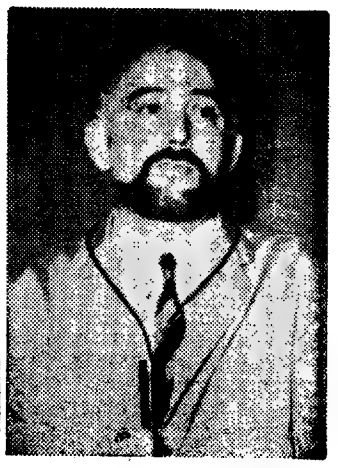
Fazendo a análise dos vários sectores de formação de poupança, o orador apontou que, neste domínio, tem o Estado 14 %, cabendo a particulares e a empresas individuais 50 % do total. E, após referir detalhadamente os «porquês» da poupança e as formas assumidas pela sua aplicação, sublinhou que em 1967 existiam no nosso País 52 milhões de contos em formas líquidas de economia, encontrando-se 30 milhões e 22 milhões, respectivamente, em depósitos á ordem e a prazo.

> «A poupança tem sido superior ao nível de investimento no País. Em 1967 havia depósitos (à ordem e a prazo) no valor de 50 milhões de contos» — revelou o dr. Alberto Ramalheira.

Mais adiante o dr. Alberto Ramalheira disse que, devido a um desejo de segurança na aplicação das somas poupadas, sujeitas á erosão do poder de compra, surgia o investimento em bens imobiliários como solução muitas vezes escolhida. E afirmou notar-se, no nosso meio, «fome» de investimentos para aplicação do dinheiro poupado, urgindo que este fosse canalizado para o financiamento da habitação através do aparecimento de *formas* adequadas.

Especificou, no entanto, que, além de ser a habitação um meio de rentabilidade a prazo longuíssimo, não podia esta ficar sujeita, de modo algum, ás leis de um mercado. E terminou a sua intervenção apontando algumas soluções, uma das quais seria, á semelhança do fundo mobiliário, a criação de um fundo imobiliário.

Após uma observação do eng.º Gastão Ricou, o dr. Guerra dos Santos falou sobre problemas relacionados com a taxa de juros, seguindo-se no uso da palavra o eng.º Carlos António. Começou este por se



Arq.ª Braula Reis: revisão do financiamento

ocupar dos sistemas de propriedade resolúvel e de renda permanente, apontando números elucidativos e falando de depósitos a prazo que permitam empréstimos. Afirmou, ainda, que só obrigações dentro do crédito especializado podem garantir empréstimos a longo prazo.

92% da construção dirigidos a apenas 10% da população

Após a intervenção do dr. Ferreira da Costa, que dissertou sobre taxas de juro, empréstimos e investimentos privados, usou da palavra o eng.º Gastão Ricou. Começou por focar a posição do Estado no âmbito da política habitacional e referiu o facto de 92 % da construção serem dirigidos, no nosso País, apenas a 10 % da população. Ocupou-se, seguidamente, de sistemas de fomento de construção de habitações, recordando o grande surto verificado em Espanha neste domínio.

A intervenção seguinte coube ao eng.º Valadas Fernandes. Falando em representação do sector industrial, afirmou que, uma industria de construção civil e obras públicas, para ser capaz de corresponder ás necessidades, tem de dispor de certas condições

(Continua na página seguinte)

SOBRE O TERCEIRO DIA

Se as duas primeiras sessões do colóquio excederam, sobretudo na diagnosticação e na óptica, o que poderíamos esperar, a terceira sessão deixou-nos um pouco frustrados. Talvez o tema — Financiamento e execução da habitação — aguçasse o interesse do economista, além de que havia uma certa expectativa generalizada.

Dos sectores considerados intervenientes na execução (privado, cooperativo, auto-construtrução, semi-publico, e publico), no grupo de discussão o tempo não permitiu que dois desses sectores chegassem a ser «falados», e logo o semi-publico e o publico; por outro lado, esperávamos, talvez não justamente, que, nessa digressão pelos sectores, os participantes componentes do grupo de discussão dessem particular atenção aos condicionalismos do financiamento, portanto aos reflexos, nos respectivos sectores de deficiente mercado de capitais, também reflexos de uma atitude perante o desenvolvimento económico-social.

Não deixamos de registar o saboroso da leitura de texto introdutório a decreto de 1947 (há 22 anos!) sobre o problema habitacional, leitura feita por quem tratou do sector cooperativo. As intenções (afirmadas em legislação, ou em colóquios) pouco valem, e se daqui até 1991 (1969 mais 22 anos) não mudar efectivamente algo de estrutural na sociedade portuguesa, talvez a leitura das conclusões deste colóquio provoque, então, o riso amarelo que o texto do pós-guerra suscitou, agora. Conclusões que, como disse um participante no debate, antes de o serem já estão nos relatórios dos trabalhos preparatórios dos planos de fomento...

Uma vez que referimos cooperativismo, e uma intervenção no debate, temos de deixar uma palavra para a intervenção que, nesse debate, falou de cooperativismo, salientando o papel do homem como actuante, pensante, responsável e o papel do cooperativismo como solução, mas sobretudo pela sua função educativa.

Há um factor no colóquio que o caracteriza: o relógio, a corrida contra o tempo. Tem sido impressionante o aspecto definidor da utilização do tempo e da faculdade á utilização. Dar duas horas para dez técnicos fazerem exposições e debaterem entre si é irrealismo! Para o debate 4 minutos por interventor da lugar a elasticidades discriminatórias até decorrentes da personalidade de quem tem a palavra... Não há duvida que se verifica um desábito de falar e deixar falar, uma indisciplina, um desrespeito (não culpável) a não ser quando para «exercício de blague» a gastar boa parte de um longo período de exposição, em prejuízo de quem se circunscreve, ou é circunscrito, aos 4 minutos.

SÉRGIO RIBEIRO

O COLÓQUIO SOBRE A POLÍTICA DE HABITAÇÃO

(Continuação da pág. anterior)

jurídicas, nomeadamente nos capítulos do financiamento e do equipamento. Ocupou-se, em seguida, do problema de atribuição de alvarás a empreiteiros, dizendo ser possível observar que alguns dos seus possuidores não estão suficientemente habilitados. Depois de focar o problema da inscrição dos operários da construção civil na Previdência, apontou a necessidade da existência de regras mínimas na construção, condição básica para o desaparecimento de arbitrariedades.

O eng.º Valadas Fernandes apontou, também, a urgência de se adoptarem novas técnicas e métodos de construção, frizando que os actuais carecem de profunda reforma. Terminou por afirmar que uma indústria bem estruturada podia contribuir para baixar o custo da construção.

O sector privado à cabeça da construção

O arquitecto Nuno Teotónio Pereira, autor da intervenção seguinte, começou por apontar o facto de ser o sector privado o que produzia o maior número de habitações, devendo para ele, por isso, ser canalizado o máximo de esforços.

Mais adiante, e ocupando-se dos problemas relacionados com as casas de renda limitada, leu o relatório do decreto-lei que instituiu o sistema datado de 1947.

De 1951 a 1960 — segundo disse — foram construídos em Lisboa 7800 fogos obedecendo a essas condições — o que constituiu 2.5 % do total edificado em todo o País. Referiu em seguida, que o sistema de rendas limitadas que interessou o capital fora praticamente destruído pelos «organismos» de especulação. Os construtores começaram a exigir dinheiro pela cedência das casas sob a forma de uma «entrada».

Noutro passo da sua intervenção, o arquitecto Nuno Teotónio Pereira mencionou o aparecimento de um novo diploma tendente a obviar aos inconvenientes atrás citados, o qual prescreve, entre outras medidas, que a renda das casas de renda limitada seja feita por sorteio levado a efeito nas Câmaras Municipais. Esta medida — afirmou — nunca foi, no entanto, posta em prática. Apontou, por isso, a necessidade de se criar um serviço para inscrição dos indivíduos que pretendem habitar em casas de renda limitada, e disse mais adiante ter a nossa Legislação medidas para resolver o problema em causa, mas essa tarefa nunca foi levada por diante. As Câmaras Municipais, por seu turno, devem prover a que 50 % das construções, nas respectivas áreas, seja de renda limitada.

A vantagem das Federações de Cooperativas

Depois de afirmar ser fácil transpor ideias para diplomas, mas que isso não queria dizer que as mesmas tivessem eficácia, o orador apontou a necessidade de a atribuição das casas de renda limitada ser feita através de um serviço público, que se ocuparia da selecção dos inquilinos. E acrescentou que a resolução do problema habitacional só seria possível com uma descentralização da execução.

O arquitecto Teotónio Pereira ocupou-se, depois, da iniciativa privada não lucrativa — cooperativas — dizendo que a mesma construíra, entre 1951 e 1960 2700 fogos, correspondentes a 1 % da construção total. Esta percentagem, no entanto — segundo afirmou — tem baixado, sobretudo por causa da falta de estímulos.

Após fazer referência ás vantagens do sistema cooperativo, o orador pôs em relevo o interesse de se formarem federações de cooperativas, capazes de empreender operações de grande envergadura no domínio da construção. Mais adiante apontou que as Nações Unidas haviam chegado á conclusão de que a solução do problema do alojamento implicava medidas educativas e de financiamento, terminando por pôr em foco os objectivos individualistas dos que, mal obtêm casa própria, se alheiam dos problemas das cooperativas a que pertencem.

Um mínimo de dignidade

Coube a ultima intervenção ao arquitecto Reis Alvaro, que falou sobre auto-construção, caracterizando esta forma de edificação de casas como um movimento sem fins lucrativos. Depois de fazer referência ás vantagens e inconveniências do sistema em causa disse que, no aspecto de financiamento, o mesmo devia ser escalonado de acordo com a produção.

A dada altura, o orador afirmou que em Lisboa, onde muitos operários vivem em barracas as entidades patronais poderiam incrementar a construção de habitações mais condignas, mesmo que estas fossem apenas transitórias.

Sindicato dos Operários Metalúrgicos do Porto

(Continuação da pág. central)

do aos seus filiados, nomeadamente no que respeita a:

— Promover a realização de cursos ou colóquios de valorização profissional;

— Criar, por todos os meios ao seu dispor, um efectivo apoio de consócios desempregados;

— Fazer tudo quanto por lei lhes seja facultado, na defesa dos justos interesses dos filiados no Sindicato.

— COLABORAÇÃO PEDIDA À DIRECÇÃO EM EXERCÍCIO

Os proponentes da candidatura da lista B, oportunamente, dirigiram-se à direcção em exercício para lhe pedir qualquer espécie de colaboração que lhes facilitasse a boa regularização da campanha de angariação de votos. Mas tudo lhes foi negado. Inclusivamente a apreciação de uma lista de voto já utilizada.

Isto não impediu que o presidente da assembleia geral — conhecedor do facto — posteriormente e com o maior à vontade, tivesse julgado irregular a impressão das listas de voto dos candidatos pela lista B, das quais em separado juntamos um exemplar.

— DESPACHO DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

Proclamada a lista vencedora — a lista B — fomos surpreendidos pelas palavras do presidente da Mesa da Assembleia, que afirmou não poderem ser consideradas válidas as candidaturas nela apresentadas, por pretensas irregularidades, transcritas na certidão de teor desse despacho do sr. presidente da Assembleia Geral, cuja fotocópia anexamos.

Tanto maior foi a nossa surpresa, quanto é certo que o presidente da Assembleia Geral tinha, anteriormente, afirmado que não encontrara deficiências na lista de candidaturas por nós apoiada, facto que não desmentiu em plena Assembleia Geral. E a reforçar, se se consultar os Estatutos e toda a legislação sindical em vigor, fàcilmente se conclui que tais justificações apresentadas para a invalidação da lista não têm base legal.

— ATITUDE DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL, ANTE AS NOSSAS INTENÇÕES CONCILIATÓRIAS

O despacho do presidente da Assembleia Geral, que consideramos inconsistente e ilegal, não só pelo que foi dito atrás mas também por ter sido proferido na altura em que o fez — depois de ter proclamado vencedora a lista B — deu motivo a que interpusessemos o recurso, de acordo com o preceituado no n.º 14 do Despacho de S. Ex.ª o subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, de 8 de Janeiro de 1948.

Depois, foi-lhe dito que era nossa intenção evitar que o caso fosse resolvido em Tribunal do Trabalho.

No entanto, de posse do recurso a ele endereçado, o sr. presidente da Assembleia Geral deu-se pressa em fazê-lo enviar, em nome dos candidatos que o subscreviam, ao Tribunal do Trabalho do Porto.

Como reacção, e em conformidade com a sua linha de pensamento, aqueles candidatos informaram o sr. presidente da Assembleia Geral do nosso Sindicato — em carta da qual se junta cópia — da resolução de se manterem completamente alheados às responsabilidades inerentes à atitude adoptada por ele.

Desta carta ainda foram enviadas cópias para o Ex.mo delegado do I. N. T. P. e para o meretíssimo Juíz da 4.ª Vara — 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho do Porto.

Assim, vimos serem eleitos os Corpos Gerentes que propusemos e apoiamos, para que o nosso Sindicato possa, na realidade, executar todas as atribuições que os Estatutos lhes confere. Mas também verificamos que, baseados em subtilezas mais ou menos hábeis, os Corpos Gerentes em exercício pretendem que continuem a vigorar a dormente rotina que se mantém no nosso Sindicato há mais de vinte anos, e, portanto a alimentar a desesperança e o descontentamento que reinam entre quantos são sócios do Sindicato.

Informamos V Ex.ª que nesta data foi endereçada uma cópia deste documento ao Ex.mo sr. delegado do I. N. T. P. do Porto. Posto tudo quanto queríamos expor, pedimos a V. Ex.ª para que aos signatários e a todos os Metalúrgicos do distrito do Porto, seja feita a justiça que de direito têm.

Esta exposição foi enviada ao Governo subscrita pelos candidatos indigitados para presidentes da Direcção e da Assembleia Geral, respectivamente srs. Vítor Ranita e António Ramalho.

OS CASOS DE COIMBRA

PORTO, 3. — No tribunal de Polícia começou a inquirição de três guardas da P. S. P., do comando distrital do Porto, sobre os factos ocorridos com estudantes em Coimbra.

PEDIDA A PUBLICAÇÃO DAS CONTAS DA PREVIDÊNCIA

Uma revisão da forma como se faz o financiamento da habitação, no âmbito da Previdência, foi ontem pedida pelo arquitecto BRAULA REIS, um dos 24 inscritos para intervenção no debate da noite.

Na sua intervenção, o arquitecto Braula Reis referiu largamente a lei 2092, afirmando que essa lei permite que pessoas não preparadas para tal venham a pagar rendas superiores ás suas possibilidades, além de facilitar a construção em locais não adequados. Além disso, afirmou, «a lei permite que, muitas vezes, se empreste dinheiro a quem dele não precisa verdadeiramente», mas que se candidata ao financiamento em referência na mira de obter isenção da tributação.

Preconizou, depois, o arquitecto Braula Reis a possibilidade de actualização de rendas de acordo com o crescimento do rendimento familiar dos beneficiários. E afirmou: «Nunca vi contas públicas da maneira como a Previdência gasta o dinheiro, que, ao fim e ao cabo, é o nosso». Afirmou pensar que «a política habitacional deve á Previdência um grande contributo para a solução do problema», mas fez votos por que seja remodelado o seu sistema de financiamento.

O problema habitacional no contexto sócio-económico

Numa longa exposição (29 minutos em vez dos quatro concedidos a cada interveniente), o DR. ANTÓNIO ALVES CAETANO demonstrou a sua tese segundo a qual «Portugal é um país corporativista que será dos mais capitalistas do mundo ocidental», denunciando o «sacrifício permanente de largos extractos da população em relação a outros». Disse o dr. Alves Caetano:

«Portugal é um país pobre, em que a maioria da população é pobre, apenas dispondo de rendimentos abaixo do mínimo vital.» E lembrou, de passagem, as possibilidades institucionais, existentes para assegurar uma perfeita repartição dos rendimentos, propondo uma superior solidariedade do capital e do trabalho. Afirmou depois que uma repartição de rendimentos mais equilibrada conduziria a que o Estado pudesse arrecadar mais capitais e, assim, promover um maior bem estar das populações.

Chamou também a atenção para o facto de não ser possível dissociar o problema habitacional do contexto económico-social. Enquanto o problema não for analisado nestes termos, disse, «continuaremos a assistir ao aviltamento continuado da pessoa humana, diminuída na sua saúde física e mental.»

E terminou, parafraseando a Raposa de Saint-Exupéry: «O importante é ver com o coração; o essencial não é visto com os olhos.»

«As tristes (e anti-sociais) cerimónias de entrega de chaves»

Falou mais tarde o sr. EMÍLIO SANTANA, defensor ardoroso do Cooperativismo, que se referiu ás excelências daquele movimento, que «chama os homens á sua própria responsabilidade» e denunciou como «tristes» (e anti-sociais) as cerimónias de entrega de chaves a beneficiários. A sua intervenção foi calorosamente aplaudida.

«Que a propriedade privada sirva o proprietário e os outros»

Igualmente sublinhada com aplausos, foi a intervenção do sr. JOSÉ SOARES ONOFRE, que disse ser oficial-engenheiro-maquinista-naval e comparecer ali por imperativos cristãos. A concluir a sua intervenção, afirmou:

«A interferência do Poder Público torna-se premente. A justiça social e as exigências do bem comum incitam o Estado á construção de habitações, de modo a que a propriedade privada sirva simultaneamente o proprietário e os outros», pelo que se impõe:

— «revisão de impostos dirigida ao agravamento do que é luxuoso e ao alívio do que é vital;

— a adopção de uma acentuada progressão do imposto complementar, de modo a obter-se um limite máximo nos rendimentos que qualquer pode dispender em seu proveito exclusivo;

— A subordinação ás necessidades gerais da construção, pelo sector privado, de edifícios habitacionais;

— Refreamento da especulação sobre a venda de terrenos e de construções;

— A expropriação da propriedade privada onde o bem comum o exija;

— A revisão do problema das heranças, nas quais estão incluídas, muitas vezes, terrenos e prédios de rendimento. Viver sem trabalho implica viver á custa alheia. O trabalho deve ser o único meio legítimo de vida, e a única justificação para a existência da propriedade privada.»

Mais intervenções

Outros intervenientes no debate, e seus temas:

- Eng. NUNO KRUS ABECASIS: necessidade da industrialização da construção.
- Eng.º ANTÓNIO CATARINO PEREIRA: Porque não são aplicadas as disposições indicadas nos preâmbulos dos Planos de Fomento?
- JAIME SILVA: a acção a desempenhar pelo Fundo de Fomento da Habitação.
- Eng.º MANUEL BRAVO: mobilização nacional para a solução do problema da habitação.
- Assistente social D. JUDITE MARÇAL GRILO: as virtudes e defeitos da autoconstrução, especialmente no que se refere ás possibilidades da integração das populações marginais ou de acentuação da respectiva marginalização.
- Dr. MARTINS CANHOTO: o papel a desempenhar no processo de solução do problema habitacional pela contratação colectiva do trabalho.
- Dr. FIGUEIREDO SEQUEIRA: problema de colocação das pequenas economias; elogio da Imprensa pela sua atenção no Colóquio e estranheza pelo silêncio da R. T. P, «que se limite a passar os bonecos, como se nada aqui acontecesse de importante.»
- Arq. NUNO PORTAS: o «habitat de massas», suas virtualidades e defeitos.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pousa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro. 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 27 episódio do folhetim «A loja de Antiguidades»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Transmissão do claustro do Mosteiro dos Jerónimos, do Festival de proclamação dos premiados e encerramento dos Jogos Florais de 1969 organizados pela Emissora Nacional de Radiodifusão

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «O Navio Fantasma» «Wagner); 18: Musica do século XX — Obras de Bela Bartok; 18 e 50: Uma obra concertante de Vivaldi; Concerto em sol maior («Carnaval»); 19 e 10: Folclore português — Musica da Beira-Baixa e da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de tecla; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; Valsas «Musica das Esferas» op 235 (Jesef Strauss); 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedric Wilhelm Verner, preenchido com obras de Brahms; 21: Sinfónia n.º 6 em dó maior (Schubert); 21 e 30: Panoramas da história pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Adelmana Torrão — Obras de Scarlatti; Schumann, Villa-Lobos e Guarnieri; 22 e 11: Valsa de Concerto n.º 2 em fá maior op 51 (Glazunoff); 22 e 20: Poemas Sinfónicos! — «Morte e Transfiguração» (Strauss); 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C D C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placo; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 15: Portugal de hoje; 21 e 32: Impasto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X», 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita: 20: Nota de abertura e noticiário; em órbita (contin.); 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Bando Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença Coimbra: 23 e 04: Clube da Juventude.

Rádio Renascença — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioramo; 18: Melodias em selecção; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Canções de Itália; 22: Quando o teletone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioramo; 18: Uma orquestra; 8 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: No mundo da arte; 20 e 10: Sangue na estrada; 20 e 30: Parada da Industria; 21: Telejornal; 21 e 45: Transmissão directa do Mosteiro dos Jerónimos; 24: A Marcha do Mundo; 0 e 15: Meditação e fecho

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: TV Mundo; 22 e 25: Danger Man; 23 e 15: Fados e Guitarradas; 23 e 30: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 19: Abertura; 9 e 02: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida sã em corpo são; 20 e 05: Cartaz TV; 20 e 35: «Fomento de Obras Publicas e Construção Civil»; 21: Telejornal; 21 e 35: Em foco: O Príncipe de Gales; 22 e 05: Noite de cinema — «O Homem Gordo», com Julie London, Rock Hudson, J Scott Smart e Clinton Sundders; 23 e 45: A marcha do Mundo; 0: Meditação e fecho

2.º Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folheti:m; 21 e 55: Zip-Zip (apresentado no 1.º programa em 26-5-69); 23: Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NO MUNDO DA ARTE

COUBERT, o pintor da realidade será evocado na rubrica «No Mundo da Arte» que Ana Maria apresentará pelas 19 e 50.

2.º PROGRAMA

ATRAVÉS do Emissor Regional serão transmitidos, depois da edição da noite do Telejornal, os seguintes programas:

«TV Mundo» — As Ilhas Encantadas. Este documentário foi já exibido na Rede Nacional.

Às 22 e 25, movimento e acção, durante a exibição de um episódio da série «Danger Man», com Patrick McGoohan, no protagonista.

Haverá, ainda, cerca das 23 e 15, um programa de fados e guitarradas, com Manuel Fernandes que cantará acompanhado à guitarra por Francisco Carvalhinho e Fernando Freitas e pelos violistas Pais da Silva e José Maria Nóbrega.

Do programa fazem parte composições de Eduardo Damas, Manuel Paião, António Campos, Jorge Barradas e Fernando Santos.

JOGOS FLORAIS DA EMISSORA NACIONAL

DEPOIS DA EDIÇÃO DA NOITE do telejornal, mais pròpriamente a partir das 21 e 45, a RTP transmite directamente do Mosteiro dos Jerónimos o espectáculo organizado pela Emissora Nacional para proclamação dos vencedores dos Jogos Florais.

TAUROMAQUIA

LUXO E COLORIDO NA TOURADA DE GALA

HOJE NO CAMPO PEQUENO

Integra-se no programa das Festas da Cidade, que foi elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa, a corrida de gala á antiga portuguesa que se realiza hoje, ás 22 horas, no Campo Pequeno, e a que preside o Chefe do Estado

Com um cartaz em que se incluem artistas justamente colocados entre os lugares cimeiros do toureio equestre nacional, e constituindo, ao mesmo tempo, um singular espectáculo de sumptuosa evocação e colorido luxuoso, em que a valentia se oculta sob as sedas, as rendas e as plumas — uma verdadeira festa de touros bem portuguesa — não é de estranhar que a corrida de quinta-feira, á noite, esteja a suscitar o mais vivo interesse e a maior expectativa.

Para lidarem um curro de seis touros da ganadaria de Coimbra Barbosa, estarão em praça os cavaleiros Manuel Conde, no apogeu de uma carreira de êxitos consecutivos; David Ribeiro Telles, justamente considerado um dos primeiros calções portugueses; José Maldonado Cortes, toureiro alegre e vistoso; Alfredo Conde, que, recentemente, na praça madrilena de Vista Alegre, cortou três orelhas e um rabo; D. Francisco Azarujinha, de alegria contagiante; e Fernando Andrade Salgueiro, um jovem que se impõe pela seriedade que imprime ao seu toureio.

As pegas foram confiadas ao Grupo de Forcados Amadores de Santarém, chefiados por José Manuel Soutto Barreiros.

O PRÓXIMO «RISO & RITMO»

Armando Cortês e Francisco Nicholson incluiram no elenco do próximo «Riso e Ritmo» duas jovens artistas: Rute e Helena Isabel.

Há muito que Rute tentava a sua oportunidade. Uma iniciativa da revista «Plateia» abriu-lhe as portas para a fama.

Helena Isabel é muito jovem e extraordinàriamente bela. Sonha com o teatro e já filmou.

O 2.º lugar no recente concurso de «teenagers» organizado pelo nosso jornal trouxe-a a um plano de evidência.

Ela e José Manuel, o excelente fantasista também revelado em «Riso e Ritmo», são as figuras centrais do próximo programa de Cortês e Nicholson.

Outros nomes do elenco: Florbela Queirós, José de Castro, Alex, Conjunto Sem Nome, «RR Dancers», Ada de Castro, Henrique Viana e Elvira Pais.

A direcção musical é do maestro Joaquim Luís Gomes e a coreografia de Tania Pegova.

canal da crítica

«VIDA PARA UM», ABORRECIMENTO PARA MUITOS

No início da Noite de Teatro de ontem esclareceu a RTP que as mesmas se efectuam há 12 anos e «sempre dentro do espírito de revelar autores portugueses...»

Será caso para dizer que mais uma vez o espírito não corresponde à letra. A prova aí está: o autor da peça de ontem foi premiado na R. T. P. e representado já. A peça de Bastos Braga é a segunda que leva à Noite de Teatro. Por essas e por outras é que as noites são tão negras...

Porque, meus amigos, aquilo é mau. É deprimentemente mau. É inmastigàvelmente mau. É mau sem apelo, sem a mínima atenuante. Não haverá nada que possa justificar a apresentação de «Vida para um» em organismo da responsabilidade da televisão portuguesa. Talvez chegasse a conclusões deveras interessantes quem se dispusesse a procurar as razões da transmissão de «Vida para um»...

A minha exigência vai diminuindo á medida que me enfronho na realidade da nossa TV. A RTP pode levar á Noite de Teatro quem muito bem lhe apetecer. É maior, é responsável, é vacinada — e se o não fosse, aproveitava ontem... Como já desesperei de ver lá, nos tempos mais próximos, os nomes mais válidos do teatro português, vou-me contentando com alguma coisita já nem digo suficiente, mas não muito mediocre — sabido como é que, na tabela escolar o mediocre vai de 5 a 9 graus.

Ora «Vida para um» não possui um mínimo de qualidades literárias ou de movimentação cénica ou de novidade televisiva. Mais do que um fruto sem sabor, é um fruto podre. Ah, como dói ver a RTP enterrar-se até aos gorgomilos nestas brincadeiras de parque infantil onde meninos louros se divertem...

Não admira que os actores estejam impossibilitados de salvar uma peça que a si mesma se condenara. Luís Santos, Laura Soveral, Baptista Fernandes, Rui Pedro — nenhum tinha o ar feliz do profissional satisfeito com o seu trabalho. Com razão. Eram quatro actores lançados na fogueira...

Ora bem. O avião que transporta as plantas salvadoras, chega com 2 horas de avanço. A doença, «Insensibilis» será vencida, ninguém morrerá...

Ninguém? Mas então, caramba, não se dão conta que quem escreve e quem autoriza peças daquelas já habita, há muito, o reino dos sepulcros caiados?

GRUPO DE FOLCLORE DE ANGOLA

Não me é agradável nem cómodo falar de um espectáculo como o que nos proporcionou o «Grupo Folclórico de Angola».

Em primeiro lugar, não é possível apreciar espectáculos daquele tipo avaliando-os por padrões nossos conhecidos, mais dentro da nossa experiência europeia-ocidental. Não são inferiores nem superiores, aquelas bailarinas: são diferentes. Não são inferiores nem superiores aquelas danças: são diferentes.

Tão diferentes que estaria indicado um esclarecimento, uma indicação, uma breve aprendizagem. Se a RTP não conhecia ninguém que se encarregasse do assunto, não tinha senão de ler, com a devida vénia, o artigo que o «Diário de Lisboa» publicou a 21 do mês passado e assinado por Adelino Tavares da Silva. Está aí matéria que ajuda a compreender substancialmente as razões daquelas danças, daqueles cantos, daqueles instrumentos — de tudo isso que ontem passou pela Televisão no mais completo dos abandonos, na mais lamentável indiferença...

Assim, não. Transmitir como quem lava daí as suas mãos, nunca. Ou se leva uma tarefa até ao fim, ou não se principia. O «grupo de folclore de Angola» talvez pudesse ter sido a grande sensação do ano na Televisão Portuguesa. E o que foi, na realidade? Foi aquela tristeza, aquele desconhecimento,

(Continua na página seguinte)

Clara

TORRES NOVAS — Telef. 22003

Filial em LISBOA
Rua Cidade Liverpool
Telefones 842086 / 843130 / 840623

HORÁRIO

Leiria - Outeiro dos Candeeiros - Rio Maior - Lisboa

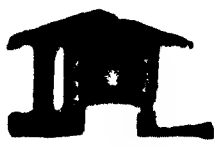
(Por Auto Estrada)

Leiria	P	5 40	—	13 00	17.55	18 45	Lisboa	P	—	7 00	12.50	14 20	19 00
Azoia		5.48	—	13.08	18.03	18 58	Carregado		—	7.42	13 19	15 30	19 42
S. Antão		5.53	—	13.13	18 08	18 58	Batalheiro (cruz.º)		—	7.46	15 16		19 46
Batalha		5.56	—	13.16	18.11	19 02	Alenquer		—	7 50	13.20		19 50
S. Jorge		6.01	—	13.21	18.16	19 06	Chegangas		—	7.56	13.26		19 56
S. Jorge (cruz.º)		6.08		13 28	18 18	19.08	Base Aérea (cruz.º)		—	7.58	13 28		19 58
Tremoceira		6 08	—	13 28	18.23	19 15	Ota		—	8 01	13 31		20 01
Casal Boleiro		6.11	—	13 31	18.26	19.16	Marés		—	8 06	13 36		20.06
Lagar de Frades		6 19	—	13.39	18.34	19 24	Salvador		—	8.20	13.50		20.20
Moleanos		6.24	—	13.44	18 39	19 29	Quebradas (cruz.º)		—	8.26	13 56	16 32	20 26
Termo de Evora		6.26	—	13 46	18.41	19.31	Casal Vale Grande		—	8.30	14.00	16 37	20 30
Lagoa da Barreira		6.34	—	13.54	18.49	19 39	Asseiceira		—	8.38	14 09	16 47	20.39
Venda		6 38	—	13.58	18.55	19 45	Rio Maior	C	—	8 45	14.15	16.55	20.45
Outeiro dos Candeeiros	C	6.40	—	14.00	18.55	19 45		P	—	8.45	14 15	17 05	20 45
	P	6.40	9.25	13 00	18 55	—	Alto da Serra		—	8.52	14.25	17.13	20.55
Benedita (cruz.º)		6.45	9.30	13.05	19 00	—	Venda das Raparigas		—	8.59	14 29	17.19	20 59
Venda das Raparigas		6 45	9.31	13.06	19 01	—	Benedita (cruz.º)		—	9.00	14 30	17 20	21 00
Alto da Serra		6.52	9.37	13.13	19.08	—	Outeiro dos Candeeiros	C	—	9 05	14 35	17.25	21 05
Rio Maior	C	7 00	9.45	13.20	19 15	—		P	7.10	9 05	14 35	—	21.05
	P	7 00	9.50	13.20	19.15	—	Venda		7 12	9 07	14.37	—	21 07
Asseiceira		7.06	9 56	13.26	19 21	—	Lagoa da Barreira		7.16	9.11	14.41	—	21 11
Casal Vale Grande		7.15	10.07	13.35	19.30	—	Termo de Evora		7.24	9.19	14.49	—	21.19
Quebradas (cruz.º)		7 19	10.12	13.39	19.34	—	Moleanos		7.26	9.21	14.51	—	21.21
Salvador		7 25		13.45	19.40	—	Lagar de Frades		7.31	9 26	14 56	—	21 26
Marés		7 39	—	13.59	19.54	—	Casal Boleiro		7.39	9.34	15.04	—	21 34
Ota		7.44	—	14 04	19.59	—	Tremoceira		7 41	9 36	15.06	—	21.36
Base Aérea (cruz.º)		7.47	—	14.07	20 02	—	S. Jorge (cruz.º)		7.47	9 42	15 12	—	21.42
Chegangas		7.49	—	14 09	20 04	—	S. Jorge		7.49	9.44	15.14	—	21 44
Alenquer		7.55	—	14.15	20.10	—	Batalha		7 53	9.48	15 19	—	21 49
Batalheiro (cruz.º)		7 59	—	14.19	20.14	—	S. Antão		7.57	9 52	15.23	—	21 53
Carregado		8.08	11.15	14.23	20.18	—	Azoia		8 02	9 57	15.27	—	21 57
Lisboa	C	8.45	12.35	15 05	21.00	—	Leiria	C	8 10	10.05	15.35	—	22.05

Cendo Marques - T. Novas - 800 ex - 18-6 1969

1 de Maio de 1969

NOVA MODALIDADE EM APARTAMENTOS MOBILADOS



Rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos à escolha do Cliente

só em J. PIMENTA, S. A. R. L.

DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS PODE RECEBER DIRECTAMENTE EM CASA, NO N/ ESCRITÓRIO OU NO BANCO, O RENDIMENTO DA PROPRIEDADE QUE NOS COMPRA SEM QUALQUER PAGAMENTO PELA ADMINISTRAÇÃO, PODENDO AINDA COMPRAR E ADMINISTRAR, HABITAR OU CONFIÁ-LA À NOSSA ADMINISTRAÇÃO SEM GARANTIA DE RENDIMENTO

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130 000$00 — 210 000$00
140 000$00 — 230 000$00
155 000$00 — 240 000$00
160 000$00 — 250 000$00
170 000$00 — 270 000$00
180 000$00 — 280 000$00
190 000$00 — 300 000$00
200 000$00 — 340 000$00

PREÇO DOS ANDARES

3	ASSOALH.	220 000$00
4	»	280 000$00
5	»	380 000$00
6	»	440 000$00
7	»	600 000$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA — AMADORA; CENTRO DA AMADORA; VENDA NOVA — AMADORA (JUNTO À GARAGEM EDUARDO JORGE); PAÇO DE ARCOS (ESPARGAL) — PAREDE (RUA DO LOBITO À QUINTA DA JUNQUEIRA) E CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM

MAGNIFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO EM PAÇO D'ARCOS

EM CASCAIS:

Apartamentos Mobilados de 300 a 500 contos

Andares de 3 a 6 assoalhadas de 400 a 800 contos

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentos. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

ESCRITÓRIOS: **LISBOA** — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefs. 45843 e 47843; **QUELUZ** — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021-952022 **AMADORA** — Reboleira — Telefone 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO, ESTUDANDO, DECORANDO E VENDENDO AS SUAS PROPRIEDADES

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

aquele voltar as costas do telespectador desatento...

PANORAMA LITERÁRIO

Ao contrário do que habitualmente sucede, o «Panorama Literário» contou a presença de um entrevistado que conhece a literatura e de um entrevistador que conhece o entrevistado. Aquele foi Otto Lara Resende; este, foi Ruben A.

Não se pode dizer que ontem se tenha encontrado a fórmula ideal para trabalhos daquele género. Otto Lara Resende é um conversador excepcional, Ruben A. é um excepcional animador — tanto que chega a devorar-se, a consumir-se na violência da animação.

Da evidente falta de equilíbrio resultou que nem as qualidades de Ruben A. nem as de Otto Lara foram da melhor maneira aproveitadas para contentamento e proveito do espectador. Com a agravante de discordarmos de Ruben A. no que respeita á escolha do texto lido.

De qualquer modo, o que se perdeu em «brilhantismo», em virtuosismo maníaco-literário, ganhou-se em naturalidade, em clima de convivência, aquele clima familiar em que nenhuma pergunta principia e nenhuma resposta acaba.

Quando se está farto de receitas, de pós-de-perlimpimpim, de monólogos de abutre ou de raposa — «Panoramas» como os de ontem chegam a parecer uma bênção.

MÁRIO CASTRIM

«ANTÍGONA» (DE ANTÓNIO PEDRO) NO TEATRO DE BOLSO DA C. N. N.

O grupo cénico da Companhia Nacional de Navegação continua a apresentar, diáriamete, ás 21 e 45, até ao próximo dia 8, no seu teatro de bolso, na Travessa de S. João da Praça, 21, a peça «Antígona» de António Pedro, com encenação de Rui de Matos. São intérpretes Ema Pignátelli, Helena Heitor, Maria do Céu, Silva Heitor, Alves Coelho, Raul Cardona, José Ribeiro, Rui Pinheiro, César Augusto, Norberto Moreira e Vítor Martins.

Os interessados em assistir a estes espectáculos podem solicitar os bilhetes, graciosos, pelo telefone 323021.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

XIV COLÓQUIO DOS BOMBEIROS DO DISTRITO DE COIMBRA

FIGUEIRA DA FOZ, 3 — Os bombeiros desta cidade juntaram-se aos seus camaradas do distrito na vila de Soure, onde se realizou o XIV Colóquio, dos bombeiros do distrito de Coimbra, e efectuaram a sua festa.

Às 9 e 30, foram recebidos nos Paços do Concelho, pelo seu presidente. Às 10 horas, teve início a sessão de trabalhos, sendo tratados diversos assuntos relacionados com os bombeiros. Seguiu-se uma palestra subordinada ao tema «Curto-circuito e combustão expontânea», tendo sido orador o sr. eng.º José Nunes da Costa Redondo, comandante dos Bombeiros Municipais da Figueira da Foz.

Logo depois, houve uma homenagem ao comandante dos Bombeiros Voluntários de Soure, sr. José Jorge, que, durante 57 ános, fez uma brilhante carreira naquela corporação.

No almoço de confraternização, que foi servido no quartel da corporação, usaram da palavra diversos oradores.

No Casino Peninsular desta cidade, realizou-se, ontem, no Salão de Inverno, uma festa em benefício dos Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz, na qual tomaram parte os artistas da Rádio e Televisão, Rui de Mascarenhas, Helena Rocha e José Salgueiro e os Conjuntos de Carlos Rocha e do Casino.

No final das actuações todos os artistas foram muito aplaudidos.

FESTIVAL PARA ENTREGA DOS PRÉMIOS DOS JOGOS FLORAIS DA E. N.

No Claustro do Mosteiro dos Jerónimos o Chefe do Estado assiste esta noite, ás 21 e 30, ao Festival de Arte para entrega dos prémios dos Jogos Florais de 1969 organizados pela E. N.

O Festival divide-se em três partes: um concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas, com uma audição do Grupo Coral Feminino Harmonia, sob a direcção do maestro Wilhelm Verner, actuando ainda a pianista Nella Maissa e a cantora Helena Cláudio; proclamação dos vencedores dos Jogos Florais, leitura das suas produções poéticas pelos actores Carmen Dolores, Lurdes Norberto, Alvaro Benamor, e Manuel Lereno e entrega dos prémios pelo sr. Presidente da Republica; na ultima parte, colaboram o Grupo de Bailados Portugueses «Verde Gaio», a Orquestra Sinfónica da E. N. dirigida pelos maestros Joly Braga Santos e Joaquim Luís Gomes e a artista Amália Rodrigues, acompanhada por Fontes Rocha e Carlos Gonçalves á guitarra e Julio Gomes e Joel Pina, á viola.

O juri que apreciou os trabalhos (cerca de quatro mil produções) foi presidido pelo sr. prof. dr. Lopes de Almeida e constituído pelos escritores prof. dr. Costa Pimpão, Agustina Bessa Luís, António de Navarro, Artur Anselmo, Carlos Selvagem, Eduino de Jesus, Fernanda de Castro, Fernando Guedes, Fernando de Paços, Francisco Costa, Jaime Nogueira Pinto, Julio Evangelista, Oliveira Guimarães, Luís Silveira, Ana da Luz Silva, Maria da Graça Freire, Maria de Lourdes Albuquerque, Maria de Lourdes Belchior, Nita Lupi e rev.º dr. Silva Rego.

EXCURSÃO AO ZÊZERE

Por iniciativa da Casa Regional de Ferreira do Zêzere, vai realizar-se no dia 13, uma excursão (com piquenique) á zona turística do Zêzere, nomeadamente Vale do Zêzere, albufeira do Castelo do Bode, Areias e Pias.

A inscrição (85$00 por pessoa) pode ser feita naquela Casa Regional, á Rua Damasceno Monteiro, 85, 1.º, ou pelo telefone 840284.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 3. — (A. N. I. e L.) — Relativamente ao período de 23 a 29 de Junho, o Comando-Chefe das Forças Armadas na Guiné, comunica:

«Durante o período o inimigo flagelou a povoação de Encheia, os aquartelamentos de Guilej, Fulacunda, Nhala, Mampatá, Canjambari, Encheia, Empada, Enxude, Tite e Cameconde, implantou engenhos explosivos nas regiões de Olom (Mansoa), Flaque e Amedé (Jabadá), nas estradas Có-Pelundo e Gadamael-Guileje e armou emboscadas ás nossa tropas nas regiões de Dematace, Talbatá, Dungor (Bula), Tama (Binar) e n estrada Buda-Aldeia Formosa.

Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição.

No conjunto das acções levadas a efeito, foram recuperados cento e seis elementos da população.

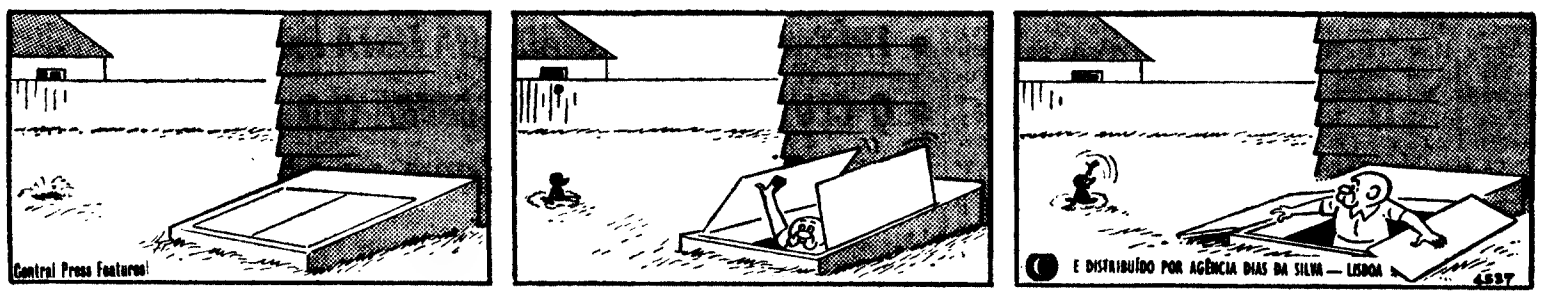
Durante o período o inimigo sofreu vinte e um mortos. As nossas Forças tiveram três mortos em combate, cujos elementos de identificação foram, oportunamente, divulgados aos órgãos da Informação. As populações civis sofreram dois mortos.»

Em resultado das acções realizadas pelas nossas Forças, o inimigo sofreu, na região do rio Injafo (Barro), um morto na região de Farol (Bissorã) nove mortos, na região de Dungar (Bula) um morto, na região de Balem (Cacheu) dois mortos, na região de Jabadá dois mortos e apreensão de armamento e material diverso, e na região de Burmelu (Canjadude) seis mortos e apreensão de armamento.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

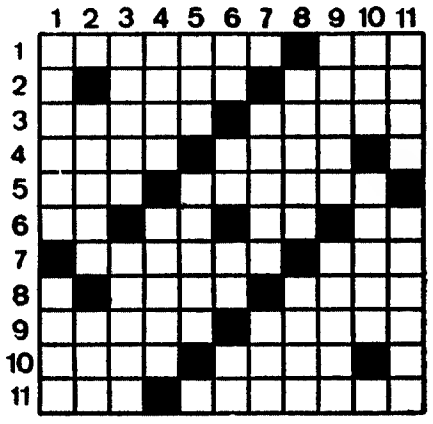
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5225

HORIZONTAIS: 1 — Distarce Fúteis. 2 — Cantiga Resta. 3 — Apelido. Campo ou horta de favas; 4 — Ressoa. Regaço 5 — Agora. Vagarosa. 6 — Nota musical. Deus dos pastores Estrépito de desmoronamento. Artigo definido 7 — Pertinácia. Agência telegráfica de Imprensa. 8 — Qualquer porção duma curva Nome de mulher. 9 — Aeróstato. Suspender 10 — Homem de baixa estatura. Capital da Alemanha 11 — Ruído Determinaria o peso de

VERTICAIS: 1 — Defuntos Faldas 2 — Dama romana que, para dar a seu marido, Peto, o exemplo da coragem cravou um punhal no peito e arrancando-o em seguida, apresentou-lho dizendo serenamente: «Peto não dói» Peto não hesitou em imitar sua mulher. Espaço de doze meses 3 — Arquipélago dos Navegadores Exprimem por palavras 4 — Planta têxtil do Ceará Papas de mandioca. 5 — Suspiros. Coxo 6 — Batráquio. Cobalto (s. q.). Prefixo com o sentido de companhia Berilo (s. q.). 7 — Entretela. Contracção da preposição de com artigo definido os. 8 — Disse. Cidade da Alemanha 9 — Que vivem. Mesa em que se celebra a missa no culto católico 10 — Mau cheiro A que lugar. 11 — Divisão duma casa Fecharia as asas para descer mais depressa.

Resolveu completamente...



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5224

HORIZONTAIS: 1 — Os. Astro. Má. 2 — Camba. Altar. 3 — Apare Chamo. 4 — Sarem Aoros. 5 — Im. Si. 6 — Mó. Coa. MM 7 — Pó. Varra. IV. 8 — Irmão. Corri. 9 — Atol Vais 10 — Doi. Oco. Avê. 11 — Assas. Pumas.

VERTICAIS: 1 — Ocaso. Piada. 2 — Sapa MORTOS. 3 — Mário. Mois. 4 — ABREM Val. 5 — Saem. Cão. OS. 6 — For. AC 7 — Raça. Arc Op. 8 — OLHOS AOS. 9 — Tarim. Riam. 10 — Mamo. Mirava. 11 — Arosa. VIVOS

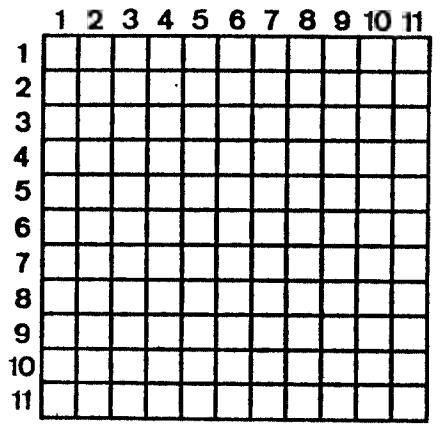
Provérbio: OS MORTOS ABREM OS OLHOS AOS VIVOS.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9068

HORIZONTAIS: 1 — Dividiriam. 2 — Freguesia do concelho da Covilhã. Assassinai 3 — Senhores. Agora. 4 — Basta Mapa. Sufixo que designa estado. 5 — Loquete. 6 — Leão da América Escarnecido. 7 — Nome de fruto Entontece 8 — Cincho. Sapo do Amazonas. Organização das Nações Unidas. 9 — Caminhar. Retesa Viração 10 — Rompe Estimara 11 — Guarnece s de asas Molestas

VERTICAIS: 1 — Sobra. Bordeja 2 — Vagueia. Cadelas. 3 — Utensílios domésticos Saro Apelido. 4 — Preposição latina que designa movimento Leito. Procedi 5 — Latada Gostas muito de. 6 — Nota musical Cruel 7 — Arremedar Rio da Russia. 8 — Batráquio. Transfere para outro dia. Estime. 9 — Sufixo que designa pequenez. Aversão. Campeão. 10 — Ilha situada no Pequeno Belt Enfeitara 11 — Dera mios Brisas



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9067

HORIZONTAIS: 1 — Salga. Caril 2 — Amial. Amido. 3 — Mua. Sou 4 — Aa. Amado Sr. 5 — Atinara. 6 — Alia Sumo. 7 — Grua. Maço. 8 — Rei. Noa. Ras 9 — An. Misto Rs 10 — Vacas. Átrio. 11 — Asado. Rosas

VERTICAIS: 1 — Samos. Grava 2 — Amua. Arenas. 3 — Lia. Aluí, Cã 4 — Ga, Atiá. Mad 5 — Alumia. Nisa. 6 — An. Vós. 7 — Cardas. Atar. 8 — Am. Arum. Ota. 9 — Ris. Amar Rs 10 — Idos. Ocaria. 11 — Loura. **Ossos.**

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 3 de Julho de 1939 publicava:

«VARSÓVIA, 3 — O ministro dos Estrangeiros, coronel Beck, referindo-se á situação em Dantzig, disse:

«Sabemos de fonte absolutamente fidedigna e certa, que se estão a fazer certos preparativos em Dantzig, mas vigiamos cuidadosamente a situação de maneira a pôr em prática, por nossa parte, todas as medidas que julgamos oportunas para garantirmos a posse da Cidade Livre.

«Uma coisa deve ficar bem assente: Dantzig continuará a ser uma Cidade Livre como até aqui, ou então passará para a posse da Polónia e não para a de qualquer outra potência.»

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Cortina	1964
Cadilac impecavel	1962
Ford Thames	1960
Henkel	1965
Taunus (1500)	1964
Citroen DS 21	1963
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1966
Austin 1100	1965
Taunus 15 MTS	968
MG 1100	1966

Austin Cooper S motor transformado c/ muitos extras

AUTO EDUARDO COSTA, LDA

Rua de Campolide. 27-B

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C E A L — S. A. R. L.

CAPITAL — 70.000.000$00

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 5., 6.º e 7.º
LISBOA

Tendo-se procedido em 30 de Junho p. p. ao sorteio de obrigações desta Companhia de 5 % 1958 foram extraídos os seguintes números:

30 720	32.422
31.001	32.719
31.153	32.725
31.157	32.734
32.419	32.742

31.401 a 31.450

Lisboa, 2 de Julho de 1969

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
ALIANÇA ELÉCTRICA DO SUL, S. A. R. L.
Francisco Alberto Corrêa Figueira

APARTAMENTOS E LOTES PARA MORADIAS OU PRÉDIOS DE RENDIMENTO EM CASCAIS

Apartamentos no centro de Cascais, junto da Praia, centro Comercial e Estação.

Lotes nos melhores sítios de Cascais; MADORNA-PAREDE; Tires, Murches, etc., em urbanizações com água, luz, esgotos e bem servidos de transportes colectivos.

O Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C.
(por cima do Supermercado)
Telefs: 282345 — 282388 **CASCAIS**

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

84 CONCORRENTES INSCRITOS NO «XVI CIRCUITO DE VILA REAL»

Mais de oito dezenas de concorrentes (84 exactamente), estão inscritos no «XVI Circuito Internacional de Vila Real» que amanhã se inicia na capital de Trás-os-Montes.

O programa, de que abaixo damos pormenorizada conta, compõe-se de três corridas de carácter nacional, integradas no Campeonato Nacional, e uma prova internacional (que constitui a «cabeça» de cartaz) denominada «6 Horas de Vila Real».

Pela lista de inscritos que hoje publicamos, pode aperceber-se o leitor, do lote de pilotos e carros que irão estar presentes, entre os quais se destacam nomes como os de Brian Redman, David Hobbs, Michael d'Udy (vencedor nos dois últimos anos), Frank Gardner, David Piper, Teddy Pillete, John Miles, Eric Lydell, etc., que se contam entre os mais cotados em todo o Mundo, em competições do género.

Concorrentes inscritos

FÓRMULA V — 1 — Santos Mendonça (Palma V), 3 — R. Cavagnac (Aurora V), 4 — António Barros (Aurora V), 5 — Robealt Giannone (Aurora V), 8 — Pegado Liz (Palma V), 9 — Jorge Santos (Liége V), 10 — Manuel «Astoc» (Palma V), 11 — «Pinheiro Souto Silva» (Palma V), 12 — Luís Fernandes (Palma V), 14 — Eng.º Vasco Pinto Bastos (Palma V), 15 — Colaço Marques (Palma V), 16 — Ernesto Neves (Palma V), 17 — Nogueira Pinto (Olympic V).

TURISMO DE SÉRIE — 1 — José Lampreia (BMW 2002), 3 — Francisco Romãozinho (BMW 2002), 5 — Jorge Nascimento (BMW 2002), 7 — Michel Linder (BMW 2002), 9 — António Peixinho (Alfa Romeo 1750), 11 — Eng.º Burnay Bastos (Alfa Romeo 1750), 13 — Francisco Santos (Cortina Lotus), 15 — Acácio Leite (Cortina Lotus), 17 — Bernardo Sá Nogueira (R8 Gordini), 19 — «Dino» (R8 Gordini), 21 — Tony Cruz (Morris Cooper S), 23 — Frederico Abecassis (Austin Cooper S), 25 — Raposo de Magalhães (Austin Cooper S), 27 — Manuel Paiva e Sousa (Austin Cooper S), 29 — Fernando Baptista (Austin Cooper S), 31 — Artur Santos (Austin Cooper S), 33 — «Xanato» (Austin Cooper S), 35 — Artur Passanha (Ford Escort GT), 37 — Filipe Nogueira (Vauxhall Ventora).

TURISMO E ESPECIAIS — 2 — José Lampreia (BMW 2002 TI Alpina), 4 — Miguel Correia (BMW 2002 TI), 6 — Albio Pinto (BMW 2002 TI), 8 — Ernesto Neves (Escort Lotus), 10 — António Peixinho (Escort Lotus), 12 — José Paiva e Sousa (Morris Cooper S), 14 — Maria do Céu (Austin Cooper S), 16 — Domingos Sá Nogueira (Morris Cooper S), 18 — Bernardo Sá Nogueira (Morris Cooper S), 20 — Fernando Baptista (Austin Cooper S), 22 — Rui Souto (Austin Cooper S), 24 — Tony Merky (Austin Cooper S), 26 — Policarpo de Brito (NSU TTS).

GT, DESPORTO E PROTÓTIPOS — 1 — Michael Grace d'Udy-Frank Gardner (Lola T 70), 2 — Brian Redman-David Hobbs (Lola T 70), 3 — Trevor Taylor-Hugh Didley (Lola T 70), 4 — Ticko Broder-Hans Line (Lola T 70), 5 — William Greene-Johny Blads (Ford GT 40), 7 — José Juncadella-Félix Serra (Ford GT 40), 8 — Luís Fernandes-Carlos Santos (Ford GT 40), 9 — António Peixinho-Pierre Siebenthal (McLaren Chevrolet), 10 — David Piper (Porsche 908), 11 — Corrado Manfredini - «Nomec» (Porsche 907), 12 — José de La Pena-Heidrich (Porsche 907), 13 — Eric Lydell-Chris Craft (Lola T 70), 14 — André Wicky-Araujo Cabral (Porsche Carrera 10), 15 — Bill Bradley-Tony Dion (Porsche Carrera 10), 16 — Nogueira Pinto-Andrade Vilar (Porsche Carrera 6), 17 — John Spero-Mike Deutler (Porsche Carrera 10), 18 — Teddy Pillete-Rob Slotemaker (Alfa Romeo 33), 19 — Taj Gosselin-Claude Bourgoignie (Alfa Romeo 33), 20 — N. N.-N. N., 21 — John Miles-Roy Pike (Lotus GT 62 Europa), 22 — Nicolas Boch-Félix Muñoz (Abarth 2000), 23 — Max Wilson-Mac Daghorn (Lola BRM), 24 — Anthony Duson-Nigel Mooref (Ferrari 275 GTB), 25 — Allain Cademenet-Mike Walton (Ferrari 206 P), 26 — Peter Crossley-Richard Chardlow (Repco Brabham Climax), 27 — Jeremy Richardson-Bernard Pharding (Ginetta Climax G 16), 28 — Chris Smiths-Jones Tangye (Chevron BMW), 29 — Peter Taggart-Tony Goodwin (Chevron BMW), 30 — Lord Angus-Perry Hunter (Chevron BMW), 31 — Peter Brown-Roger Enever (Chevron BMW) 32 — Ray Johnson-Alan Stubbs (Chevron BMW), 33 — John Hine-Ian Skaily (Chevron BMW), 34 — Andrew Mylins-John Markew (Nathan 1600), 35 — Ernesto Neves-Miguel Rau (Lotus 47), 36 — Manuel «Astoc»-Pinto Basto (Lotus Elan Racing), 37 — Peter Fadler-Paul Vestey (Porsche 911 S), 38 — Américo Nunes-Evaristo Saraiva (Porsche 911 S), 39 — Mark Connig-Tony Lafranchi (Nomad BRM), 40 — Filipe Nogueira-Nick Volke (Porsche Carrera 6)

Programa-horário

Sexta-feira, 4 de Julho — 14 horas — Fecho da pista; 15 — Treinos para automóveis de Turismo de Série; 16 e 05 — Treinos para automóveis de Turismo e Turismo Especiais; 17 e 10 — Treinos para a Fórmula V; 18 e 15 — Treinos para carros de Grande Turismo, Desporto e Protótipos.

Sábado, 5 de Julho — 13 e 30 — Fecho da pista; 14 e 30 — Treinos para carros de Grande Turismo, Desporto e Protótipos; 16 e 50 — Corrida de Fórmula V, 15 voltas, no total de 103,875 km; 18 — Corrida de Turismo de Série, 20 voltas, no total de 138,5 km; 19 e 25 — Corrida de Turismo e Especiais, 20 voltas, no total de 138,5 km.

Domingo, 6 de Julho — 13 e 30 — Fecho da pista; 14 e 30 — «6 Horas de Vila Real» (Grande Turismo, Desporto e Protótipos).

Testes anti-«doping» na «Volta»

A Direcção-Geral dos Desportos está a providenciar para que na próxima Volta a Portugal em bicicleta sejam efectuados (como já aconteceu na corrida anterior) testes diários anti-«doping».

Para esse efeito, aquele departamento oficial está em contacto com vários laboratórios.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

CAIADO E FERREIRA PINTO TÊM CONVITES DE FRANÇA

Rui Rodrigues revalidou o seu compromisso desportivo com a Associação Académica de Coimbra.

●

Mantém-se a fase de expectativa nas negociações entre Quaresma e o seu actual clube (o Belenenses) para revalidação do contrato.

●

O Lyon e o Toulon estão interessados em adquirir o concurso do «internacional» Ferreira Pinto, que esteve ao serviço do União de Tomar.

●

Estêvão (que deixou o Sporting de Braga) já acompanha o Belenenses na digressão a terras angolanas.

●

Fernando Caiado parece disposto encarar sèriamente o convite do Nice para treinar as suas turmas de futebol.

●

Reforços para a equipa do Sporting de Braga: os ex-belenenses Lua, Caetano e Alfredo, e os brasileiros Betinho (do Santa Cruz) e César (do Náutico).

●

Gomes Ferreira regressa ao Sintrense, deixando a C. U. F. Entretanto, para a equipa de Costa Pereira entrou o eborense Louro.

REUNIÃO DO F. C. PORTO COM A IMPRENSA

TRÊS ÉPOCAS, 720 CONTOS — O CONTRATO COM VIEIRA NUNES

• TRÊS «INTERNACIONAIS» NA LISTA DAS TRANSFERÊNCIAS

• O CLUBE NORTENHO RECEBERÁ (DO BELENENSES) 550 CONTOS PELA CEDÊNCIA DE DJALMA

Na sede do F. C. Porto efectuou-se ontem a primeira reunião da actual direcção do F. C. Porto com os órgãos da Informação e como em anteriores e idênticas sessões, foi presidida pelo sr. Afonso Pinto de Magalhães, tendo estado presentes os srs. dr. Miguel Pereira, Sílvio Soares, Ivo de Araujo, dr. Mota Freitas, eng.º Vieira da Cruz, António Silva, arq.º Lopes Girão, etc.

Na longa exposição feita pelo presidente do clube, assinalamos entre outros assuntos tratados:

■ Vieira Nunes fechou na tarde de ontem contrato com o clube. A importancia do «passe» é da ordem dos 720 contos (por três épocas), por outro lado foi considerada exagerada a proposta feita por Rui Rodrigues para se transferir para o F. C. Porto. O excelente defesa escolar pediu 1700 contos, verba que, para já, esteve na origem do prematuro desinteresse dos dirigentes portuenses; vão regressar ao clube para serem examinados alguns jogadores que estão emprestados e que se têm evidenciado noutras colectividades; cerca de uma centena doutros futebolistas emprestados serão cedidos definitivamente; entretanto, 30 juniores vão ser também emprestados ou cedidos em definitivo; foram colocados na lista das transferências alguns bons valores, entre os quais os «internacionais» seniores Jaime, Festa e Mário; Djalma foi transferido para o Belenenses, recebendo o F. C. Porto 550 contos.

■ *O F. C. Porto recebeu um convite, que está a ser motivo de estudo acerca das condições apresentadas, para jogar na Venezuela, entre a ultima semana de Agosto e a ultima de Setembro próximos.*

■ O Grande Prémio de Ciclismo, apuradas as receitas e todas as despesas, deu um prejuizo de 60 contos.

■ *Deverá ficar concluído dentro de três meses se não houver intromissão do mau tempo, o pavilhão em construção no Estádio das Antas, situado ao lado da piscina e no mesmo recinto do campo de treinos de futebol.*

■ Foi recebido um convite para a equipa principal de voleibol se deslocar a Vigo em data a designar.

■ *O F. C. Porto vai organizar um torneio internacional de hóquei em patins, nos dias 12 e 13 do corrente mês, no Pavilhão do Palácio de Cristal, em que participarão a equipa espanhola do Reus (campeã da Europa), o Valongo, o Fanzeres e uma equipa do clube organizador.*

■ Segundo a letra dos estatutos do clube vão ser modificadas as reuniões da direcção, que passarão a fazer-se nos seguintes dias: segundas-feiras (futebol), terças (conselho desportivo) quintas-feiras (reunião magna prevendo temas desportivos e administrativos).

GRANDE CONCURSO NIVEA

No sorteio efectuado no dia 17 de Junho de 1969 foi atribuído o primeiro prémio — 1 automóvel Volkswagen, 1300 — ao

SR. JOSÉ DE SOUSA

Rua Prior S. M. Vasconcelos, 9-11

CASTELO BRANCO

A lista dos restantes 10 000 premiados, contemplados cada um com uma bola NIVEA, com os seus nomes e moradas estará patente a partir do dia 15 de Julho de 1969 nos escritórios da BEIERSDORF PORTUGUESA, S. A. R. L., em Lisboa

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-1.º

das 9 às 12, e das 14 às 18 horas, todos os dias, excepto sábados, domingos e feriados.

ANIVERSÁRIO DO CASA PIA A. C.

No prosseguimento das comemorações do aniversário do prestigioso Casa Pia A. C. realiza-se hoje, na sede da colectividade, um jantar de confraternização da «família casapiana».

O PAÇO DE ARCOS ELEGEU NOVOS CORPOS GERENTES

Em recente assembleia geral, o Clube Desportivo de Paço de Arcos elegeu os seus corpos gerentes para o ano de 1969 e que ficaram assim constituídos.

Assembleia geral: presidente, Joaquim Tito Celestino Moreira Rato; vice-presidente, Alberto António Soares; 1.º secretário, Martinho Aguião Valente e 2.º secretário, Silvino Guerreiro Valente.

Direcção: presidente, Manuel Pereira Berjano; vice-presidente, Carlos de Sousa Ramos; tesoureiro, Manuel Marques Gomes; secretários, Armando Inácio Simões Maia e Aníbal dos Santos; vogais, José Duarte e Manuel Soares; suplentes, Carlos Vieira, José dos Santos Gonçalves e Fernando Natividade Silva.

Conselho fiscal: presidente, dr. Daniel Trindade Braz; secretário, Bernardo Baptista Antunes; relator, António Jesus Correia.

Delegados á F. C. C. R.: Apolinário Galdino Macara; suplente, Pompeu Benigno Martins Carranca.

DESPORTO

VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

O BELGA STEVENS CONTINUA À FRENTE

• Joaquim Agostinho em 56.° lugar a 7 minutos e 54 segundos

NANCY (França), 2 — (A.NI.) — A fuga do belga Van Looy, aos cem quilómetros da etapa entre Charleville-Mezieres e Nancy, foi a única tentativa coroada de êxito durante todo o percurso. Os outros concorrentes nada fizeram para o deter, e o belga, pedalando rijamente, aumentou, sem cessar o avanço, que chegou a ser de doze minutos e 25 segundos, aos 146 quilómetros.

Aos 153 quilómetros, na «Cote de Thiaucourt», Joaquim Agostinho, Perez-France (Espanha) e Berland (França) atacaram o fugitivo, mas o resultado foi unicamente acelerar a velocidade do pelotão.

Stevens atacou então, sendo dentro em pouco alcançado por Pijnen (Holanda), Mintjends, Berland, Letort, Zadegu, Perez-France e Panniza. O antigo campeão mundial de estrada Van Looy seguia, nesse momento, á distancia de 11 m. e 15 s.

Durante o resto do percurso, o belga viu diminuir progressivamente o seu avanço, enquanto o pelotão continuava a perseguir o grupo chefiado por Stevens.

Quando a meta surgiu, o grupo tinha 1 minuto de avanço sobre Stevens e 44 segundos sobre Zandegu.

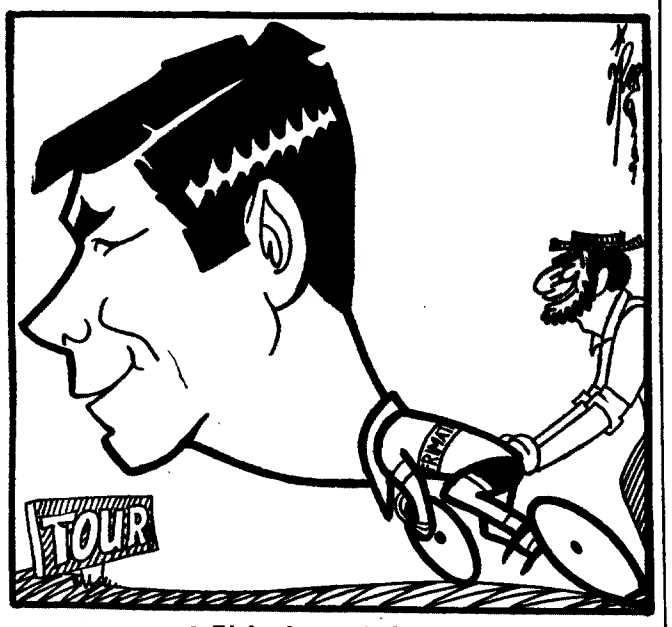
Depois de Zandegu, cortaram a meta, com o mesmo tempo, Mitjens, Letort, Perez-France, Berland e Panizza. Todavia, Perez-France foi penalizado em 50 francos (335$00) e em 5 minutos na classificação geral — passando de 3.° para 51.° lugar: empurrou por duas vezes o holandês Henk Nijdan, tendo, na segunda vez, provocado a sua queda da bicicleta.

Seguem as classificações:

O belga Rik Van Looy ganhou a 4.ª etapa da Volta á França em bicicleta, num percurso de 214 quilómetros. Julien Stevens, também da Bélgica, mantém a camisola amarela.

Classificação individual: 1.°, Rik Van Looy (Bélg.), 5 h 18 m 2 s (5-17-42 com bónus); 2.°, Julien Stevens (Bélg.), 5 h 18 m 44 s (5-13-34 com bónus); 3.°, Dino Zandegu (Itália), 5 h 18 m 46 s (5-18-41 com bónus); 4.°, 4.°, Franc Mintjens (Bégl.), 5 h 18 m 46 s; 5.°, Desire Letort (França) m.t.; 6.°, José Perez-France (Espanha), m.t.; 8.°, Waldimiro Panizza (Itália), m.t.; 9.°, René Pijnens (Holanda), 5 h 19 m 30 s; e 10., Rinus Wagtmans (Holanda), m.t.

Joaquim Agostinho classificou-se em 25.° lugar com o tempo de 5 h 19 m 57, o mesmo gasto pelo italiano Marino Basso, classificado em 13.° lugar. Agostinho gastou 1 m 57 s, mais que o vencedor da etapa.



O Zé faz força pelo Joaquim...

Prometo não fumar enquanto Agostinho não ganhar uma etapa

— disse o director da «Frimatic»

PARIS, 3 — (A. N. I.) — Os jornais franceses nas suas rubricas desportivas salientam o excelente trabalho realizado pelo ciclista português Joaquim Agostinho durante a etapa Maastricht-Charleville, da Volta á França em bicicleta.

Recordam que o ciclista português conseguiu, não só apanhar o fugitivo Janssen, como ultrapassá-lo, tendo dado a impressão aos jornalistas que acompanham o «Tour» que ganharia aquela difícil etapa.

Por exemplo: o jornal «L'Aurore» de ontem dedicava a Agostinho toda uma coluna, publicando o seu retrato e revelando que o seu director desportivo deposita nele tantas esperanças que fez uma aposta: não fumará enquanto Agostinho não ganhar uma etapa.

Também o redactor de «L'Aurore» lamenta que Joaquim Agostinho não tivesse ganho aquela etapa.

Referindo-se á personalidade desportiva de Agostinho o redactor desportivo de «L'Aurore», Robert Chapatte, escreve:

«E' o exemplo mais fulgurante da promoção no mundo do ciclismo, pois é o unico que nunca foi amador. Actualmente os seus directores desportivos aguardam o momento dos seus feitos, que julgam estar próximo a chegar.»

PARA ADULTOS NO NACIONAL NATAÇÃO

Na secretaria do Clube Nacional de Natação encontram-se abertas as inscrições para os próximos cursos de ensino da natação para adultos e que se iniciam respectivamente a 16 de Julho e 1 de Agosto

Venceslau Fernandes presença provável na «Volta a Portugal»

A recente aquisição ciclista do F. C. Porto em terras do Ultramar, mais exactamente em Angola, Venceslau Fernandes deverá muito em breve embarcar para a Metrópole.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Tirsense-Varzim ...	1	
Braga-Salgueiros ..	1	
Boavista-Leixões ...		2
Leça-Guimarães ...	X	
Sanj.-A. Viseu	1	
Beira Mar-Lamas ..	1	
T. Novas-Tramagal	X	
Oriental-Torriense .	1	
Belen.-Almandra ...		2
Atlético-Benfica ...	X	
Portimon.Setubal ..	1	
Lusitano-Seixal	1	
Luso-Almada		2

Acontecimentos DE ONTEM

Futebol

Para a Taça Lisboa (4.ª eliminatória), disputou-se o encontro Bucelense-Império do Cruzeiro, que estes venceram, por 2-1.

Hóquei em patins

Em Oeiras efectuou-se o encontro Sporting-Cascais da fase de desempate para o primeiro lugar da «Taça Rogério Futscher». Os «leões» venceram, por 7-1.

NÃO VIAJE PELA VARIG

É óptimo cair no trânsito parisiense de hora de ponta.

Você parte mais cedo, é verdade. Mas chega a Paris (ou Frankfurt, ou Copenhague), naquela hora brava, em que o táxi se arrasta palmo a palmo do aeroporto ao centro. Aí vem o almoço. Quando você começa realmente o seu dia, onde está a vantagem? Sem falar nos seus nervos.

Os horários da VARIG, que sempre coincidem com as refeições, permitem-lhe chegar (almoçado a bordo) dentro da faixa ideal para locomover-se ràpidamente ao centro de Paris (ou Frankfurt, ou Copenhague). E não esqueça que você pode aproveitar a sua manhã em Lisboa! Viaje civilizadamente. Pela VARIG.

VIAJE PELA VARIG

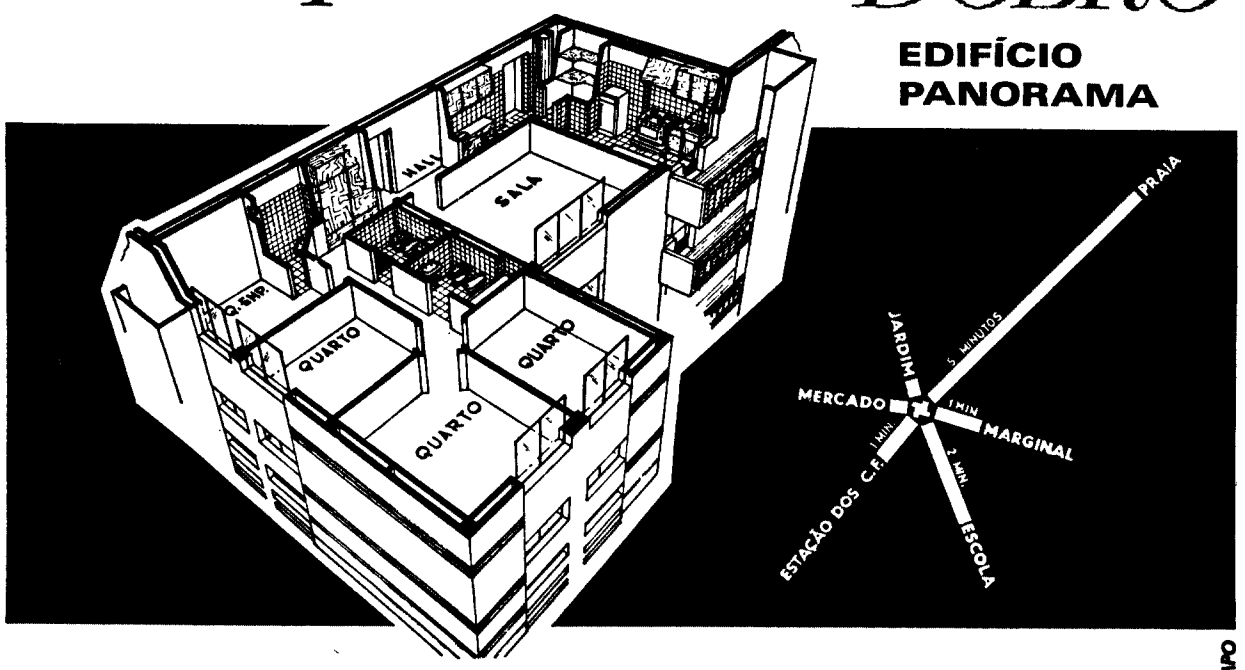
Linhas Aéreas Brasileiras

Vai ser muito mais fácil chegar de Orly a Paris.

McCANN

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

na Costa do Sol
o seu capital valerá o DOBRO



1.º TEMPO

No centro de PAÇO DE ARCOS

AV. SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES
(Junto à IGREJA NOVA)

Sem intermediários

PISOS DE EXCEPCIONAL ACABAMENTO
*
IMPECÁVEL CONSTRUÇÃO

PROPRIEDADE CONSTRUIDA PELO ENG. CIVIL J. J. LUZ

FARINHA, ex-colaborador da firma M. L. FERREIRA terá o maior prazer em receber todos os seus estimados amigos e clientes na

trifar

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 54-B
Telef. 41929 — LISBOA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

LIBERTE-SE DO AR VICIADO E CHEIROS DESAGRADÁVEIS

COM VENTILADORES

Vent-Axia

VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO

À VENDA EM TODO O PAÍS

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.
PORTO-LISBOA

REVENDEDOR AUTORIZADO
SANTOS BRITO, LDA.
Rua dos Correeiros, 53-1.º — LISBOA

AUTOMOTORA RÁPIDA DA BEIRA BAIXA

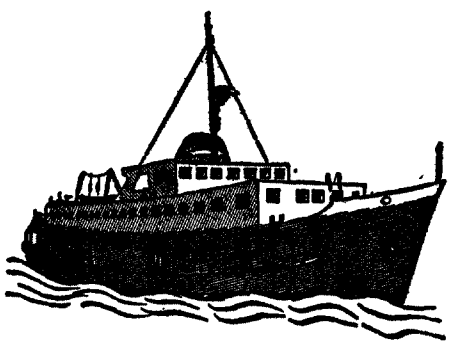
Informa-nos a C. P. que a automotora rápida, actualmente circulando entre Covilhã-Lisboa-Covilhã, passa a circular entre Guarda-Lisboa-Guarda desde 1 do corrente mês, sendo constituída por uma composição FIAT, com ar condicionado.

Esta automotora dispõe de um serviço de bar, estando previsto o fornecimento de pequenos almoços e refeições ligeiras.

O horário é o seguinte:

7-50 p.	↓	Guarda	↑	c. 3-40
9-02 p.		Covilhã		c. 2-28
10-54 p.		Castelo Branco		c. 0-35
14-59 c.	↓	Lisboa (St.ª Apolónia)	↑	p. 20-32

5 HORAS NO TEJO



A C. P.

DANDO REALIZAÇÃO À INICIATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA ORGANIZA TODOS OS DOMINGOS DE JUNHO A SETEMBRO PASSEIOS NO TEJO NUM DOS SEUS MAIS MODERNOS BARCOS

EMBARQUE NA ESTAÇÃO DO TERREIRO DO PAÇO ÀS 14 HORAS E DESEMBARQUE NO MESMO LOCAL ÀS 19 HORAS

PREÇO: 12.00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO), LISBOA (SANTA APOLÓNIA), LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS

LOTAÇÃO LIMITADA

Novos dirigentes do Rotary Clube de São João da Madeira

SÃO JOÃO DA MADEIRA, 3 — Foi conferida posse aos componentes da direcção do Rotary Clube desta vila, para o ano rotário de 1969-1970. Na reunião, jantar festivo presidido pelo sr. Benjamim António de Oliveira Valente, no salão nobre do quartel-sede dos Bombeiros Voluntários, além de muitas senhoras, entidades oficiais e diversas individualidades, past-governadores, os governadores cessante e eleito, respectivamente, srs. arquitecto Lixa Filgueiras e Renato Costa, etc.

Feita a saudação á bandeira nacional e rotária, foi dado conhecimento das felicitações recebidas, incluindo dos clubes espalhados pelo País e de alguns estrangeiros.

O presidente cessante historiou os factos mais evidentes do clube e fez considerações sobre o futuro, após o que transmitiu ao novo presidente os seus poderes, com a tradicional troca de emblemas. O empossado manifestou o propósito de com os demais companheiros da direcção, tudo fazer para manter o clube no nível que já atingiu e no conceito em que é tido. Como representante dos clubes rotários portugueses, falou o past-governador sr. eng.º Lopes Pereira, seguindo-se o sr. arquitecto Lixa Filgueiras, que formolou conceitos sobre o rotarismo e salientou os altos serviços empreendidos pelo clube em prol da causa rotária e da comunidade.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO

CURSOS DE VERÃO A PREÇOS REDUZIDOS
DE 1 DE JULHO A 30 DE SETEMBRO

TRANSUL

TRANSUL

CARREIRA N.º 44 — SEIXAL-COSTA DE CAPARICA

INICIA-SE NO DIA 1 DE JULHO DE 1969 A EXPLORAÇÃO DE UMA NOVA CARREIRA ENTRE SEIXAL E COSTA DE CAPARICA, PASSANDO POR

ARRENTELA - TORRE
FOGUETEIRO - C. PAU
CORROIOS - V. FIGUEIRA (cruz.ta)
SOBREDA - LAZARIM
VILA NOVA - ESTRELINHA

COM O SEGUINTE HORÁRIO, ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 1969:

	a)	a)		a)		a)
SEIXAL	8.00	8.30	9.00	9.30	14.15	15.40
ARRENTELA	8.04	8.34	9.04	9.34	14.19	15.44
TORRE	8.06	8.36	9.06	9.36	14.21	15.46
FOGUETEIRO	8.11	8.41	9.11	9.41	14.26	15.51
CRUZ DE PAU	8.12	8.42	9.12	9.42	14.27	15.52
CORROIOS	8.21	8.51	9.21	9.51	14.36	16.01
SOBREDA	8.30	9.00	9.30	10.00	14.45	16.10
COSTA DE CAPARICA	8.40	9.10	9.40	10.10	14.55	16.20

	a)		a)	a)	a)	a)	
COSTA DE CAPARICA	8.45	13.30	15.00	16.30	18.00	20.00	20.30
SOBREDA	8.55	13.40	15.10	16.40	18.10	20.10	20.40
CORROIOS	9.04	13.49	15.19	16.49	18.19	20.19	20.49
CRUZ DE PAU	9.13	13.58	15.28	16.58	18.28	20.28	20.58
FOGUETEIRO	9.15	14.00	15.30	17.00	18.30	20.30	21.00
TORRE	9.19	14.04	15.34	17.04	18.34	20.34	21.04
ARRENTELA	9.21	14.06	15.36	17.06	18.36	20.36	21.06
SEIXAL	9.25	14.10	15.40	17.10	18.40	20.40	21.10

a) Só se efectuam aos domingos.

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta,, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

HORÁRIO

IDA Sábados			VOLTA Domingos
12.00 P.	↓	Vila Real de Santo António-Guadiana	↑ C. 5.41
12.11 P.		Vila Real de Santo António	C. 5.37
12.34 P.		Tavira	C. 5.15
12.51 P.		Olhão	C. 4.59
13.00 P.		Faro	C. 4.48
13.36 P.		Tunes	C. 4.17
16.55 C.		Setúbal	P. 0.59
17.25 C.		Barreiro	P. 0.35
18.10 C.	↓	Lisboa (Terreiro do Paço)	↑ P. 23-50

PREÇOS

— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta ..... 120$00
— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta ..... 110$00

Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
Ninguém foge de ninguém — no S. JORGE

VOX
(M. 12 anos) Tel. 720808
Às 21.45 h.
Uma comédia da era do ouro do cinema
O EXTRAVAGANTE SR. RUGGLES
com Charles Laughton

AVIS
Tel. 47163
Às 21.45 h.
(M 12 anos)
A MAIOR PROEZA ESPACIAL DO NOSSO TEMPO!
O ALTO, O BAIXO E O GATO
FRANCO FRANCHI e CICCIO INGRASSIA
Tecnicolor — Tecniscope

TIVOLI
Tel. 50595 (M/ 12 anos)
Às 3 e 6 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Uma comédia engraçadíssima escrita, realizada e interpretada por PIERRE ETAIX
O GRANDE AMOR
com Annie Fratellini e Nicole Calfan

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Os dias terríveis da luta... A apoteótica libertação de Paris...
PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?
c/ Alain Dellon, Orson Welles
AR CONDICIONADO

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
UMA INCÓGNITA CHAMADA DUFFY
c/ James Coburn, James Mason

POLITEAMA
HOJE, ás 21.30 — Em reposição a sensacional obra-prima
(1.º Prémio do Festival de San Sebastian)
UM HOMEM PARA JOY
c/ o famoso actor Sidney Poitier
Um filme profundamente humano
(COLORIDO)
HOJE, ás 18.30 (M. 12 anos)
Sessão clássica

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 65933
Às 21 h.
FLOR AMARGA
PARTY EM PIJAMA

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UM ÊXITO INVULGAR
O maior «record» de exibição do cinema português
CAPAS NEGRAS
com AMÁLIA RODRIGUES e ALBERTO RIBEIRO
ATENÇÃO — Ao espectáculo assistem os componentes das marchas populares do ALTO PINA e AJUDA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
VIDAS PERIGOSAS
CLAUDIA CARDINALE e ROD TAYLOR
Perigo! Amor! Aventura!
Metro: Estação Picoas

[illegible]
(M. 17 anos) Tel. 555131
15.15 e 21.30
3.ª E ÚLTIMA SEMANA
O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje
A RAPOSA
com Sandy Dennis e Keir Dullea

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45 h.
O regresso de um dos maiores êxitos europeus!
ROCCO E SEUS IRMÃOS
Alain Delon, Annie Girardot
Renato Salvatori
Claudia Cardinale

CONDE
(M. 12 anos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
CARTOUCHE
com Claudia Cardinale e Jean-Paul Belmondo

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 h.
A FELICIDADE DA SENHORA BLOSSOM
OS BÁRBAROS DO SÉCULO XX

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow e John Cassavetes

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15 e 18.15
Ultimas exibições de
TESTEMUNHA SUSPEITA
Às 21.30 — ESTREIA
NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE
com Rod Taylor e Christopher Plummer
(M. 12 anos)

IMPERIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
7.ª SEMANA
Technicolor
ROMEU E JULIETA
Um filme de Franco Zeffirelli com Olivia Hussey e Leonard Whiting
Premiado com 2 Oscars da Academia

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra fundamental de Alain Resnais
MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Ele já não era um rapaz, ainda não era um homem mas estava perigosamente envolvido com 3 mulheres.
Troy Donahue e Claudette Colbert
BONECAS DE CARNE

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
A obra-prima de Vittorio de Sica
LADRÕES DE BICICLETAS
O filme mais premiado de todos os tempos!

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
CAÇA AO OURO
ESCÂNDALO DO CASTELO

LIDO
(M, 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
CANTINFLAS
é o espia X-U-7771
ENTREGA IMEDIATA
Um verdadeiro festival de gargalhadã

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 21 horas
Ciclo «Mestres do Cinema Americano»
JERRY 83/4
JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 21 horas
Ciclo «Mestres do Cinema Americano»
JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA
JERRY 83/4

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23 h: «Mãos á obra» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 45: «Black-out» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 22: «O 2.º Tiro» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e ás 23: «Pepsie» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «As irmãs Zorro» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Sinal de alarme» (12 anos)
PARIS — Às 21: A noite é feita para roubar» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A pequena aventura» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Alta batota» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Selvagem é o vento» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Até á eternidade» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O vingador atira á esquerda» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Um homem» (12 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Machado vermelho» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Golpe sobre golpe» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Quarto interdito» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O ladrão de quem se fala» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A Semente do Diabo» (17 anos) CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «A Rainha do Nilo» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A Caminho do Oregon», (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Império na Selva».
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Homens e uma mulher» e «Roma invencível» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Não provoquem o Rita (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «As garras do amor» e «Sangue de Corsário» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Um homem sem medo» (12 anos)
AMADORA — DECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Não brinque com os maridos» (7 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Uma garota do outro mundo» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — — Às 21 e 30: «Kiowa» (12 anos)

É SEMPRE ALEGRE E ATRAENTE
O PANORAMA
QUE TODAS AS NOITES SE DESFRUTA NA
FEIRA POPULAR de LISBOA
A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
QUANDO SE FALA DO PARQUE DE ENTRECAMPOS LOGO A CERTEZA DE DIVERTIMENTO E PRAZER SURGE NOS ESPÍRITOS, DISSO DERIVANDO QUE, DIÁRIAMENTE, A FEIRA REGISTE UMA INVULGAR AFLUÊNCIA DE PÚBLICO
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —
Habilite-se ao sorteio de uma MOTORIZADA CASAL, oferta da METALURGIA CASAL, LDA., de Aveiro

ARTISTAS PORTUGUESES NA HOLANDA

De avião, partiram esta tarde para a Holanda os artistas portugueses Fernando Guerra, Luís Duarte, João Ferreira Rosa e Tilo Kbrasman, que ali vão participar no festival «Galope de Canções 1969» que decorrerá em Schevengnjen, famosa praia holandesa.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 11 (633288) * Sea Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777).
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja 18-A (712070) * Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) * Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) * Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Agua (710131).
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841122) * São José, R. dos Anjos, 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 58 (842 52)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (72494) * Onildo, Av. João XXI, 3-A (726848).
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, C. Pequeno, 356-B-C (770776) * Segres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) * Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495) * Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) * Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44158).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, á Rua Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — Central Farmacêutica, R. dos Portas de St. Antão, 88 (32121) * Unifa, R. da Vitória, 21 (323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) * Sousa, Est. Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) * Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680204).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C de Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — Paives & Parente, R. de St. António á Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661070).
GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940)
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (38 6 12).
MOURARIA — Tavares, R. do Paimo, 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade V. da Cabral (ex-Rua B, 4 Lote 43 zona poente (310026) São Paulo — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Tel. 310711).
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708)
PICHELEIRA — Mariux, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
REGO — Pratas & Mota, Rua do Beneficência, 9 (773728).
RESTELO — Tanara — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo—próximo dos Moinhos). Telefone: 61 81 4
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) * São Bento, R. dos Patos de S. Bento, 73 (679673).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) * Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Verela, Av. Moscavide, 44 (25 8520)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nita, Avenida Comb. G. Guerra, 64 (212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, Rua Coste Pinto, 186 243 20 34).
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (243 00 90).
PAREDE — Brandão, Av.ª da República, 77-C (2471054)
ESTORIL — S. João, (Tel. 261 86)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento, 19, 41 (Telefone 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caxias (Tel 282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) * Campos, R. Elias Garcia, 185 930072) * Clobel, R. António Sardinha, 28-D (938551).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (9710231).
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 151 (950043) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (95184)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes (vila) — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 980155)
COLARES — Colares — Adreia (Tel. 299088.

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 Tel. (234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 2240206)
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 Tel. (224302)
BARREIRO — Normal, Av.ª Alfredo da Silva, 116 (2273035)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (270254)
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (230370)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Bocageana, Rua do Romeu (23425) * Bairros, B.º Santos Nicolau (23330).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel 2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados) 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

A CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)
NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 75 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO
RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
(Encerrado à 3.ª-feira)
(Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade da
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Teremos temperaturas (que bom) próximas do normal da época

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, editado pelo Serviço Meteorológico Nacional, de 1 a 15 de Julho o tempo em Portugal continental estará sob a influência de massas de ar trasportadas na circulação conjunta do anticiclone dos Açores e de uma depressão de origem térmica centrada na Espanha.

A antevisão das condições meteorológicas até ao dia 15 é a seguinte: até depois de amanhã — Céu pouco nublado ou limpo, ocasionalmente muito nublado em especial no litoral a norte do Tejo. Neblina ou nevoeiro matinais no litoral, a norte do Cabo Carvoeiro. Vento fraco a moderado do quadrante Norte; *De 6 a 15 de Julho* — Céu pouco nublado ou limpo, localmente muito nublado nas províncias de Leste onde haverá condições favoráveis à ocorrência de trovoadas. Possibilidade de nevoeiro ou neblina matinais no litoral a norte do Cabo Mondego. Vento fraco a moderado do quadrante Norte. *Em todo o periodo* — Temperatura do ar próxima dos valores normais na época.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Alvalade, 31°,8; mínima: Penhas da Saude, 11°,3.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 21°,5; na água do mar, 16°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco, podendo soprar moderado de noroeste durante a tarde na orla costeira ocidental. Condições favoráveis á ocorrência de nevoeiro ou neblina locais.

Amanhã
Nascer ás 6 e 17
Ocaso ás 21 e 5

Dia 6 Dia 14 Dia 22 Dia 29

MARÉS:
PREIA-MAR: **Dia 3** — 6 e 54 (3,8 m); 19 e 14 (4,1 m). **Dia 4** — 7 e 43 (3,7 m); 19 e 58 (4,0 m) **Dia 5** — 8 e 33 (3, 6 m); 20 e 48 (3,8 m) BAIXA-MAR: **Dia 3** — 0 e 5 (0,8 m); 12 e 25 (1,1 m). **Dia 4** — 1 e 04 (1,0m); 13 e 14 (1,2 m). **Dia 5** — 1 e 56 (1,1 m); 14 e 06 (1,4 m)

Aberta ao trânsito a nova ponte da Várzea de Colares

Comunica-nos a J. A. E. que, depois de amanhã, a partir das 10 horas, ficará aberta ao trânsito a nova ponte da Varzea de Colares, no troço da E. N. n.º 375 entre Colares e Praia das Maçãs.

Como prosseguirão alguns trabalhos complementares, solicita-se aos automobilistas que transitem, no local, com as maiores cautelas.

FÉRIAS NO FUNCHAL
(1 semana)
(Ida e volta de avião, estada em bom hotel em regime de alojamento e pequeno almoço)
Preço — Esc. 3 160$00
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA CASAL E FILHOS
Peça informações:
Telefs. 539871 - 362501
UTILIZE O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

UM PEQUENITO CORAJOSO SALVOU UM COMPANHEIRO

MELGAÇO, 3 — Os pequenos amigos António Amorim e Carlos Lira, ambos de 6 anos, moradores no lugar do Peso, deste concelho andavam nas suas habituais brincadeiras quando o primeiro caiu a um povo com 2,50 metros de profundidade. O Carlos, aterrado, começou a gritar por socorro, mas, como ninguém acudiu ao seu apelo, correu mais de um quilómetro para conseguir salvar da morte o seu companheiro.

Foi a própria avó do pequenito em risco quem, alertada pelos gritos do abnegado Carlos, lhe saiu ao caminho; e, sabedora do que se passava, conseguiu livrar o neto da morte certa.

DOUTORAMENTO «HONORIS CAUSA» DO DR. AZEREDO PERDIGÃO

Terminada a sua visita à Tunísia, encontra-se já em Londres o dr. Azeredo Perdigão que, amanhã, no Royal College of Arts, receberá as insígnias de doutor «honoris causa» em Arte.

Na Tunísia, onde se deslocou acompanhado de sua esposa, a convite do Secretário de Estado dos Negócios Culturais e da Informação, dr. Chedli Klibi, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian visitou os principais centros arqueológicos e culturais do País e contactou com as mais altas personalidades tunisianas ligadas aos vários sectores artísticos. Efectuou também reuniões de trabalho, nomeadamente no Instituto Nacional de Arqueologia e Arte, com vista a um possível estreitamento das relações culturais entre a Tunísia e a Fundação Gulbenkian.

RESTAURANTE paco quico
Av. Conde de Valbom, 52-A — Tel. 76 64 23 — Lisboa
INAUGURAÇÃO
exclusivamente para os seus Accionistas nos dias 1, 2 e 3 de Julho

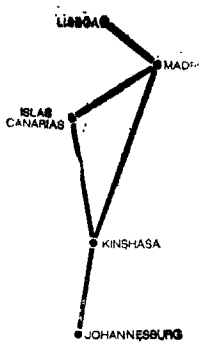
paco quico
Av. Conde de Valbom, 52-A — Tel. 76 64 23 — Lisboa
Estudo e montagem do equipamento de cozinha, copa, barra espanhola, cafeteria, ventilação, lavandaria e escritório, por edaga
a consumir PROPAGAZ
LATINA

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
ESTRADA DE TELHEIRAS, 144 ● TEL. 79 02 11
Participa aos seus Exmos. Clientes e Amigos que para descanso do seu pessoal se encontra encerrado todas as terças-feiras.

SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

Disfrute da sua viagem: Voe para Africa de dia.

O novo Serviço da IBÉRIA oferece chegadas à luz do dia a Kinshasa e Joanesburgo com a escolha de refrescantes paragens, quer em Madrid quer nas Canárias



Agora IBÉRIA oferece-lhe voos à luz do dia com horas de chegada razoáveis a Kinshasa e Joanesburgo, com a possibilidade da escolha de paragens em Espanha ou no porto franco das Ilhas Canárias.

O novo Serviço da IBÉRIA é o caminho civilizado para o Congo ou para a África do Sul, por lhe permitir viajar durante as suas horas normais de estar acordado.

Se deseja aterrar pronto para a acção, informe-se junto da sua Agência de Viagens acerca do caminho para África à luz do dia, ou procure-nos na Av. da Liberdade, 107 — Telef. 56 20 16.

IBERIA
LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA

onde só o avião recebe mais atenções que V.

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 569/3 DE JULHO DE 1969

(atenção à página 4)

José Cardoso Pires:

INTERVENÇÃO A CADA DIA

«É possível que algum leitor menos precavido contra a espécie de escritor que eu sou, seja obrigado a reconhecer momentâneamente que não foi de todo inútil a campanha a que me votei na defesa de uma concepção de romance entre nós pràticamente inexistente há vinte anos»

JOÃO GASPAR SIMÕES, *Crítica III*

QUE concepção? pergunto. A do romance psicológico? A de uma europeização da nossa literatura (aprendida em Proust? em D. H. Lawrence? em Thomas Mann?) A do modelo presencista via Régio?

Aqui, por exemplo, desenhar-se-ia já um dos muitos territórios incertos e movediços em que frequentemente se encontram e se debatem os comentadores do ensaismo de João Gaspar Simões. Um dos muitos, sim, um dos muitos. Porque neste escritor, tantas vezes definido de monolitismo e de motivações idiossincráticas, o enunciado doutrinário é frequentemente mais austero do que as exemplificações práticas que o ilustram; e porque nele, com todos os circunstancialismos em que se processa uma crítica regular, o corpo de tese escapa fácilmente ao leitor e tanto se pode revelar fragmentado e exposto a simplificações didácticas, como excessivamente concentrado e sujeito a apelos contraditórios.

Adversário do neo-realismo, consideram uns que lhe atribui um carácter empírico ou fenomenológico, de causalidade directa do meio sobre o indivíduo, que não está consignado no programa estético desta corrente. Por outro lado, avesso ás seduções do populismo, sublinham-se-lhe nessa linha de princípio várias excepções de recuperação. Para uns, as suas raizes presencistas comprometem-lhe a largueza de perspectiva, enquanto que a sua abertura aos escritores mais válidos da geração de 45 o ensombra aos olhos de outros. Aqui é-lhe apontado o formalismo como obcessão aleatória, acolá um pragmatismo de sistematização ao identificar escolas ou correntes.

Assim, entre descontinuidades e oposições marginais se tem feito a corajosa caminhada deste escritor que, como nenhum outro em toda a nossa literatura, a acompanhou quotidianamente e nela tem tomado partido responsável.

ABRIR como João Gaspar Simões abriu o capítulo da Crítica numa Literatura onde apenas se assinalavam rasgos de polémica ocasional, desde José Agostinho de Macedo ao republicano Alexandre da Conceição, com desgarradas passagens por Eça, Camilo, Ramalho, etc.; pegar no exemplo de Moniz Barreto com vistas a uma actividade regular da crítica; e nobilitá-la; e persistir nela ao longo de cerca de quarenta anos — tudo isto impõe meditação e dever de homenagem. Estamos, senhores, na comarca dos sensatos. Não temos como se diz comummente o hábito da crítica. De literatura ouvimos falar da dos mortos em folha copiografada de sebenta ou em trémulo barroco dos discursos funebres. Estamos todos, nós os prosadores, ensaistas ou imortais de separatas, condenados à academia. Sim, é isto. E é nisto, nesta coisa, que por volta de 1936, João Gaspar Simões ergueu um protesto inconformado, lançando aos jornais a notícia regular de que algo se passava á margem da literatura consagrada nas efemérides. Que dia a dia se estava construindo e publicando uma nova prosa e uma nova poesia. E que era urgente que se soubesse disso, e se lesse.

Eu sei: Gaspar Simões não despontava do nada. Tinha o exemplo do seu admirado Moniz Barreto e trazia nele o fervilhar das ideias estéticas da geração coimbrã de 1927. Mas lendo hoje aquele autor de *A Literatura Portuguesa Contemporânea* sem as benevolências da distância, poderemos nós encontrar-lhe as audácias e o espírito de coesão que lhe justifiquem um papel de precursor na actividade crítica? E no que toca aos ensaistas da *Presença* haveria então um corpo de doutrina devidamente fundamentado que servisse de instrumento ágil e aberto á crítica de João Gaspar Simões?

E eis por que foi duplamente difícil a cruzada desde escritor. Quebrando os hábitos da comarca dos letrados, apresentou-se como um contestador que à sua própria custa, ou quase, vai forjando o esquema da ofensiva em plena praça pública. Jogando-se às vozes dos contrários, corrigindo-se, procurando uma unidade interpretativa.

NUMA «mesa-redonda» deste jornal (27 de Junho, *A Função Social da Crítica)* uma das mais lúcidas intervenções — a de Eduardo Prado Coelho — acentuava a necessidade de profissionalização e estabelecia a dada altura a definição de uma crítica alicerçada sobre o binómio obra-leitor, isto é, produto-consumidor.

Profissional da crítica. Aí está um título de responsabilidade que vale como um desafio ao nosso reinado do amadorismo e que Gaspar Simões assumiu com todos os riscos de juízo e com todas as contingências de ambiente. O índice de correcção que uma actividade destas, tão extensa e tão aturada, requer progressivamente do autor, a circunstâncialidade em que ele realiza o seu trabalho e as dificuldades de expressão pública são factores que devem contar em boa justiça no balanço de uma campanha de semelhante continuidade. E o que impressiona, o admirável, é que, ao cabo de dezenas de anos e num clima destituído de *fayr* (e já não falo sequer de auto-crítica) o comentador de centenas e centenas de livros mantenha vivo o gosto de leitura e guarda em si a capacidade de admirar. E, mais notável ainda, que, embora fiel aos seus fantasmas denegridos (o do neo-realismo, antes do mais) e às suas vinculações de geração, este homem tenha prestado justiça, vezes sem conta, a escritores que ideológicamente se não identificam com ele.

João Gaspar Simões: 40 anos de vida literária

Um esforço assim, quase solitário, na promoção da ficção do momento afigura-se-me, sempre se me afigurou, do maior estímulo para o criador pelo que lhe suscita de debate público ou interior. Mais do que isso: em relação á literatura viva—áquela que se forja no nosso quotidiano e que não goza dos prestígios do *in memoriam* — essa actividade não só tem sido como que a imposição de uma carta de cidadania à actualidade literária, como exerceu influência preponderante na revelação de outros críticos.

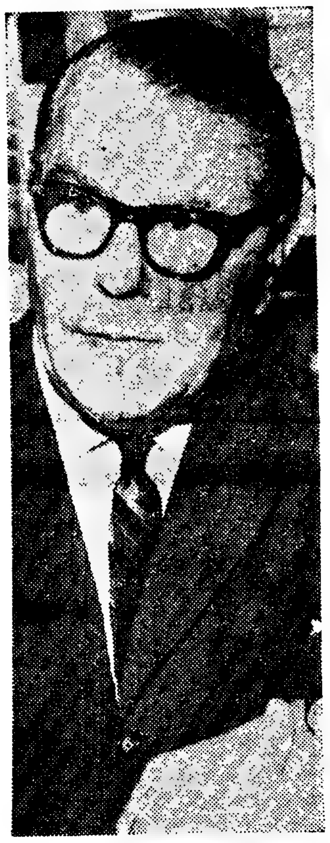
E que, independentemente das suas concepções estéticas ou, até, por resposta a elas, Gaspar Simões foi o catalizador de novos movimentos polémicos e de várias incursões consequentes que se registaram no domínio da Crítica e do Ensaio. Se, tocados pelo seu exemplo ou pela discussão, eclodiram medíocres fogos-fátuos nas tribunas das letras, a verdade é que também surgiram outros valores da crítica com novas perspectivas e com amplitudes insuspeitadas.

RETOMO o depoimento de Eduardo Prado Coelho no ponto em que se refere ao abandono da actividade crítica por parte de alguns dos seus maiores valores. Há ali uma justificação de fundo (a da necessidade da profissionalização) que envolve em si mesma, uma afirmação de princípio — a de que «a crítica tende a transformar-se na própria obra do crítico (que) se serve dela para escrever textos de ensaio que não tem tempo para escrever em livro.»

De acordo, é também isso. Mas creio que mais ainda. Creio que o enfocamento crítico já não tem a mesma graduação de há

(Continua na 2.ª página)

Intervenção a cada dia



(Continuação da 1.ª página)

dez anos, sequer. E que, por um lado, a crítica literária reflecte necessàriamente a crise que se está operando na ficção e por outro, procura ajustar-se aos novos instrumentos e às novas disciplinas que são postos ao seu dispor.

Os métodos científicos e as ciências sociais ganham terreno na apreciação da criação literária, sem que, por isso, os valores da escrita e da comunicação (as representações artísticas e as suas liberdades específicas de metáfora e de associação) sejam subestimadas. Mas todo o romance, toda a ficção. é uma resposta *significativa* ao meio, uma expressão-tipo do comportamento humano em crise de equilíbrio ou de integração — e daí que a crítica tenha atingido uma outra ambição e uma outra sistematização. O desajustamento entre os princípios deste tipo de análise e os condicionamentos em que ela se pode exprimir é, a meu ver, e no caso português, um factor quase impeditivo e uma das razões de deserção dalguns dos nossos melhores críticos.

«É possível que algum leitor *menos precavido contra* a espécie de escritor que eu sou seja obrigado a reconhecer *momentâneamente* que não foi de todo inútil a campanha a que me votei...» Quem fala assim (palavras datadas de agora, 1969) tem a serena consciência do espírito limitado da comarca. Conhece as tortuosidades do terreno, não espera sequer o reconhecimento elementar que é devido aos homens que, dia a dia, ano após ano, se situaram nele e que no interesse dele escolheram uma tarefa de incomodidade. Não. Diz isto como quem faz o seu próprio balanço numa frase de amargura. E prossegue.

Por esse motivo, a obra de João Gaspar Simões reveste-se ainda de maior significado. Tenho-a como um inventário crítico, atento e documentado, de uma das etapas mais válidas da nossa ficção e no qual seria impossível deixar de encontrar lacunas circunstanciais ou pontos de discordância. Inevitàvelmente que sim. Magoa-me, por exemplo, que *Barranco de Cegos*, de Alves Redol, lhe não tenha merecido, já não digo as honras de um dos primeiros romances portugueses contemporâneos, mas pelo menos o destaque representativo que lhe cabe; não partilho dos entusiasmos que por vezes lhe ocorrem; nem do ardor e simplicidade com que ocasionalmente limita o enquadramento social da obra de arte.

Mas nem estes nem outros desencontros me fazem esquecer a sua atenção para com os estreantes em que luz alguma réstia de fôlego; nem a certeza da sua aposta em escritores que o futuro iria comprovar indiscutìvelmente.

Neste homem de quarenta anos de intensa vida literária, o gosto pela qualidade da efabulação, a coragem de apostar e de se expor são atributos que nesta praça de intangíveis se sobrepõem sobranceiramente ao tempo. Quando o silêncio se institui como regra ele continua, metódica e regularmente, a elaborar o seu testemunho sobre a criação literária portuguesa, tão completo e tão documentado, tão ao correr das vicissitudes em que essa criação se processa, que dificilmente nos podemos aperceber da sua importância como capital do presente e como informação do futuro.

JOSÉ CARDOSO PIRES

Em 11 de Julho de 1936, como a gravura documenta, João Gaspar Simões subscreve a sua primeira crítica literária no «Diário de Lisboa»: Teixeira de Pascoaes («S. Jerónimo e a Trovoada») e Vitorino Nemésio («Isabel de Aragão, Rainha Santa») são os autores em foco. No entanto, data de 4 de Julho do mesmo ano a primeira colaboração de Gaspar Simões no «Suplemento Literário» deste jornal: «Das relações do cinema com a literatura», um tema que permanece actual 33 anos depois...

11-7-936 Suplemento literario do Diario de Lisboa 4

OS LIVROS DA SEMANA

Breves considerações sobre a critica
"S. Jeronimo e a Trovoada"
por Teixeira de Pascoais.
"Isabel de Aragão, Rainha Santa"
por Vitorino Nemezio

Afirmei, não ha muito tempo, neste mesmo jornal, que é condenavel o abandono a que os nossos grandes periodicos votam a critica literaria. Conquanto quasi todos se dêem ao luxo de contar, entre os seus colaboradores, com, pelo menos, um que ostenta o titulo de critico, a verdade é a sua actividade ser meramente decorativa. De estimação seria que é hão... Por mais insignificante que seja a produção literaria de um pais é materialmente impossivel um só critico lêr e comentar tudo quanto se escreve. Além de que não ha maneira duma mesma inteligencia abarcar proficientemente todos os ramos do saber humano. A critica nos jornais portugueses, por via de regra, é confiada a um só colaborador, que se vê a braços com obras de todas as especialidades, desde a poesia á matematica. Ora o certo é não ser admissivel que num pais civilizado a grande Imprensa descure um problema tão capital como o da critica. Se ha periodicos que blasonam de orientar a opinião publica, como lograrão o seu intento se a não encaminham num dos mais importantes sectores da vida mental?

Isto com respeito ao publico. Com respeito aos escritores, é facil de verificar as consequencias desta falta na desordem que lavra nos arraiais literarios. Só, em geral, consegue critica nos jornais quem de qualquer maneira obtém uma recomendação para o critico. Então a critica publica-se e o escritor será, pelo menos, ilustre. Caso contrario, só um milagroso acaso lhe permitirá tal gloria. Assim passam completamente despercebidos do publico alguns dos melhores livros que em Portugal se vão publicando. Assim se cria cepticismo no espirito de muitos jovens. No espirito de outros cria-se o genio louvaminheiro. E não se forjam de outra maneira falsas notabilidades.

Evidentemente que o mal é muito antigo. Este, como outros males nacionais, existe e existirá por muitos anos, de nada valendo o esforço de ... para o atalhar ... e o ambien...

todos são, porém, dessa opinião. Ha os que pedem que a critica julgue, escolha e seleccione. Para tomar partido no debate, direi que admito a existencia das duas. A critica interpretativa, que Santana Dionisio tão subtilmente tem defendido nos seus artigos da *Seara Nova*, deve, quanto a mim, virar-se para a essencia da obra—é sua função estudar os elementos ideologicos, psicologicos, esteticos, morais e sociais dela—enquanto que a critica judicativa não deve ultrapassar a sua realização como obra de arte. Que pretendeu fazer o autor? perguntar-se-á o critico judicativo. E uma vez de posse das intenções dêle, verificará se realmente elas foram realizadas. E' verdade que buscar as intenções de um escritor pressupõe já, de certo modo, interpretação; pelo que a critica judicativa engloba muitas vezes as duas maneiras fundamentais de toda a critica. Afigura-se-me, de resto, inadmissivel uma critica que não procure, acima de tudo, compreender. Quando falo em critica judicativa não me coloco evidentemente no lugar de certos escritores portugueses que a implearam para Portugal de mãos erguidas, tendo-se prèviamente passado para o lado de onde ela se exercerá, de forma a ... eles, e não outros, quem julgue, ... eles que vicejam exacta... do arrivismo nacional. ... do problema. O ... de o resol...

tudo quanto, em geral, não passa pelo crivo da razão. E a sua poesia é assim qualquer coisa como uma linguagem misterio-

TEIXEIRA DE PASCOAIS

...sa, gratuita, sem sentido imediato. Por exemplo:

breu, enche os ouvidos de pedras que se lhe vão cravar na memoria—pedras sagradas do Sinai. Mas o trabalho não o acalma. Jejua, macera o peito com um seixo, faz penitencia. Pior! A imaginação alimenta-se de fome; e a fraqueza fortalece-a. Logo, no entanto, Pascoais se evade dêste caminho meramente descritivo, no qual poderiamos encontrar S. Jeronimo mais ou menos subjectivado pelo poeta; como seria natural, mas não obstante ser vivo, alguem autonomo e objectivo. A Pascoais fascina-o o estilo sentencioso, onde Napoleão aparece constantemente, como um fantasma; e o poeta deixa de ser poeta para nos fuzilar com sentenças por vezes confrangedoramente banais. «A imaginação é uma mulher e lança-nos em aventuras arriscadas», eis um exemplo. Afigura-se-nos que *S. Jeronimo e a Trovoada* nada acrescenta á gloria de quem escreveu os poemas admiraveis do *Sempre*.

* * *

Se o *S. Jeronimo*, de Pascoais, é uma biografia malograda (e dou-lhe este nome porque não sei que outro lhe possa dar) *Isabel de Aragão, Rainha Santa*, a pequena biografia que Vitorino Nemesio acaba de publicar, pode dizer-se um modelo no genero. Ainda ha pouco tempo tive ocasião de conversar aqui mesmo com Nemesio acerca de biografia. Lembro-me que lhe predestinei um futuro largo de biografo, logo que ele se visse perfeitamente á vontade diante de um tema por ele livremente escolhido e livremente tratado. *Isabel de Aragão* tem todas as virtudes da obra biografica solidamente fundamentada, na qual os pormenores mais eruditos se dissolvem na trama natural da vida que se evoca. Estas virtudes, que ante a obra de Pascoais marcam um traço nitido entre duas gerações—a que improvisa e a que aprofunda pelo estudo—são grandes virtudes. A Rainha Santa que Nemésio nos dá a conhecer é uma mulher humana, mulher no proprio pormenor fisiologico que, pela sua humanidade ... tude. O quadro ... coloca.

Durrel espontâneo

«SPIRIT OF PLACE»
— *cartas e ensaios*
de Lawrence Durrell,
edições Dutton, N. Y., 1969

LAWRENCE DURRELL», disse um crítico, «escreve como se as paisagens fossem mais importantes do que as personagens».

O seu último livro, **Spirit of Place,** tem duas personagens importantes: o Mediterrâneo e o próprio escritor-colectânea de cartas, poemas e escritos em viagem, vale sobretudo pelas primeiras, já que as narrativas do viajante estão infectadas pelo tom expeditivo de certo jornalismo fácil, abundante nos suplementos dominicais ingleses. Mas a correspondência, sim, merece uma leitura demorada. São cartas enviadas da Grécia, da Jugoslávia, de Chipre, do Egipto, cartas vivas e brilhantes, carregadas de imagens arrebatadas, como se tais lugares não houvessem esgotado nunca a sua novidade, como se este andarilho moderno amasse indistintamente a beleza e o desconforto, o sol no zénite e as brumas de Dezembro.

Coube a Alan G. Thomas, um amigo e admirador de longa data, reunir todo este material. Antiquário e alfarrabista, Thomas conserva desde sempre uma completíssima «durrelliana», devendo-se-lhe já o repositório fundamental que é a correspondência trocada entre Durrell e Henry Miller (vd. tradução portuguesa de Daniel Gonçalves, Editora Ulisseia). Aliás, textos como os que integram **Spirit of Place,** embora menores na obra de Durrell, não são simples documentos: estamos diante dum criador na primeira pessoa, um autobiógrafo à maneira de Miller, mas apreciando a camuflagem, o mínimo de exposição para o máximo de progressão em campo aberto.

«No nosso tempo», disse ele há mais de trinta anos, «alcançámos uma fase na arte de escrever em que é possível ao escritor ser ele próprio no que escreve. É mais do que possível. É inevitável e necessário». Por isso Durrell, aparentado a Aldous Huxley e Charles Morgan pela crítica escolarizante, nega essa aproximação, preferindo ver-se como um continuador da linhagem dos William Blake e dos D. H. Lawrence. Exactamente nestes termos: «Quando eu **durrealizo,** peço que me compreendam — não estou a comparar-me aos Walpole, aos Morgan, aos Aldington deste mundo. Eu não concorro com ninguém. Em graduação posso ser menor; no género pertenço a outra raça. É uma diferença qualitativa na qual eu toco a trombeta **lawrenciana.** Eu, minha própria espécie, não comecei ainda. Ao lado de Lawrence, ao lado de Miller, ao lado de Blake. Sim, sou humilde, pràticamente ainda não parti. Mas estou metido no mesmo eléctrico». (in **Spirit of Place**).

Leitores do **Quarteto de Alexandria** ou de **Chipre — «Limões Amargos»** encontrarão neste novo livro um Durrell desprevenido, colhido de surpresa pelo perseverante Alan G. Thomas: os trechos não seriam talvez para publicação. Mas a espontaneidade é uma arma subtil. Num número recente da **Saturday Review** descobrem-se grandes elogios à colectânea assinados por John Unterecker, de tal forma que chegamos a ver no ex-diplomata o que ele sempre negou como categoria: o clássico vivo.

P. F.

Lawrence Durrell: um clássico vivo...

LIVRARIA BERTRAND

acaba de sair o

V VOLUME
OBRAS COMPLETAS
DE
TEIXEIRA DE PASCOAES

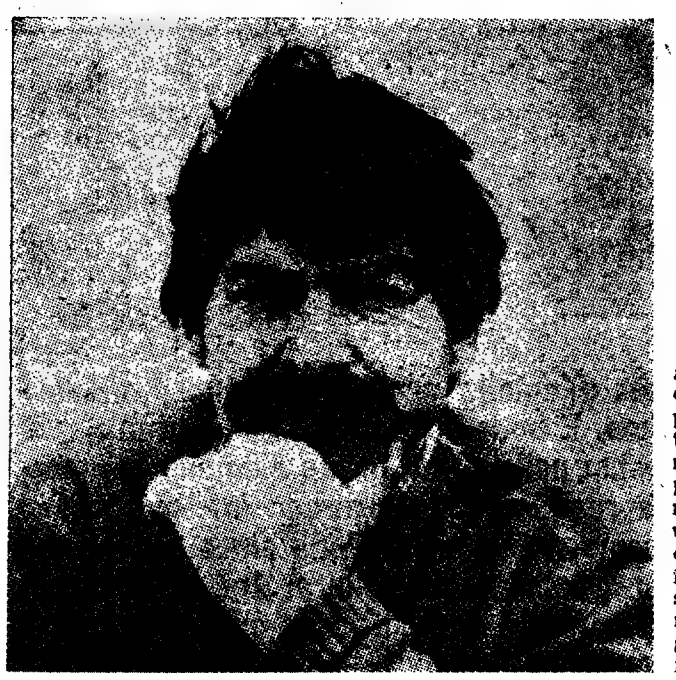
Um extraordinário poeta que, possuído do Verbo, soube exprimir como ninguém o esplendor da Natureza, a nostalgia fundamental do Homem e a atracção do Infinito

Edição parcialmente crítica, concebida e realizada pelo Prof. JACINTO DE PRADO COELHO

O V Volume contém

CANTOS INDECISOS
LONDRES
DOM CARLOS
CÂNTICOS
O POBRE TOLO

Volume de 332 páginas: 50$00



As personagens

por Rocha de Sousa

appeL

KAREL APPEL
Galeria 111

KAREL APPEL nasceu em Amesterdão, em 1921.

Estudou na Academia Real de Amesterdão de 1940 a 1946.

Primeira exposição individual em 1946.

É, em 1948, um dos fundadores do «Groupe Expérimental Reflex» na Holanda e do «Groupe International Cobra».

Instala-se em Paris a partir de 1950.

Possui um vasto «curriculum» de exposições, a nível internacional, foi várias vezes premiado em certames importantes, realizou diversas obras para edifícios e está representado em mais de vinte museus.

A ARTE de Karel Appel é o resultado de um temperamento singular, é o reflexo de uma força cuja raridade se reconhece pela forma como se liberta. E esse facto, se tem que ver com a revolução geral das artes no nosso século, se é na verdade consequência de um processo aberto sobretudo pela chamada civilização ocidental, aí se individualiza de maneira muito particular, definindo uma visão violenta da realidade e o retrato dramático da vida interior da pessoa humana.

Muitas das propostas da arte contemporânea, baseadas numa progressiva conquista dos seus valores intrínsecos, têm solidificado em correntes que depressa absorvem os autores para o domínio de uma estabilização contraditória de certas regras fundamentais. Esta necessidade de definição de princípios é por vezes impeditiva de um verdadeiro processo de aprofundamento das realidades individuais e colectivas, cercando o homem na comodidade de algumas descobertas que se transformam em lugares de doutrina e que nivelam as acções. Daí o abrandamento, muitas vezes desconfortante, do poder interventor da arte, com frequência virada para uma contemplação inócua das suas tensões formais e portanto alheada do centro vital das suas filiações e do sangue que lhe proporciona o aparecimento mais autêntico. Este problema, em grande medida resultante de uma larga revisão à natureza e ao fim da arte, ainda não foi resolvido no nosso tempo, apesar da rebeldia de algumas personalidades excepcionalmente dotadas e da obra singular por elas oferecida aos outros homens.

Karel Appel pode ser considerado como uma dessas personalidades e a natureza particular da sua escrita de representação funciona ainda no plano das grandes paixões que tudo incendeiam. A sua obra prende-se a um aparecimento anarquizante das formas, destruindo o mecanismo das regras e o estatuto enfático de certas correntes. Dela se desprende por vezes, como no caso das personagens grotescas que tece, o dramatismo das representações de um Rouault, friso de rostos e de corpos que indirectamente nos recorda um quotidiano povoado de «monstros» e ao mesmo tempo nos reinventa o apelo das metamorfoses primitivas, feitas de cores violentas e de uma força mágica que tudo perfura. O expressionismo dessas relações não se basta com as suas próprias descobertas, antes se abre para uma constante apreensão das formas da realidade do mundo exterior, ao mesmo tempo que se equilibra com a força expansiva das realidades interiores do homem, a fome e a violência da acção, o amor, o grito, o instinto de conservar a vida e de superar as coisas, todo um sonho que se exprime como num retrato da infância constantemente reassumida.

Falámos há pouco em personagens e são elas, efectivamente, os «monstros» que povoam a pintura de Karel Appel. Essa obra instaura no tempo um grande palco onde o grotesco se declara em termos de figuração expressionista, vivido nas transposições constantes de uma realidade social pressentida e nunca ilustrada. Nas litografias expostas na Galeria 111, alinhadas por um formato de pequenas dimensões, a violência dessa representação é necessàriamente mais epidérmica do que noutras obras conhecidas de Appel, em que a escala, o tratamento volumétrico e o tom feiticista das resoluções nos aproximam de uma visão quase trágica dos seres. Aí podemos reconhecer a acentuação mágica das formas, na memória obliquamente primitiva de certos rituais, na coisificação agressiva de uma experiência sonhada ou recuperada de um tempo perdido. Assim, as personagens dilaceradas pela raiva ou pelo humor, no gesto violento, emergem definitivamente para o nosso quotidiano, expostas ao nosso espanto e à nossa interrogação. De certo modo, elas destinam-se a uma representação em que somos forçados a participar, porque também as recuperamos e as retratamos segundo a nossa própria experiência, porque também as inventamos de acordo com o nosso apelo. É por isso que a obra de Karel Appel se pode descrever como **aberta**, justamente na medida em que propõe aproximações críticas diversas, através de um gestualismo e de uma figuração que permitem a descoberta plural dos rostos e das coisas. Essa figuração é desenvolvida a um nível de grande liberdade formal, **jogada** no domínio de sinais puros, de movimentos primários, no íntimo acordo de uma escrita ou de uma acção que primeiramente se identificam. As personagens coexistem com a malha de sinais logrados após um jogo essencial e decisivo. Esse jogo é a razão de ser do objecto, mas nós sabêmo-lo imediatamente enraizado na vida, imediatamente preso a uma justificação existencial que emerge do fundo das cores e das linhas, que se corporaliza no retrato insólito dos seres ou que largamente nos dá conta de uma sociedade grotesca, ritual e primitiva. Ela explica-se através das suas raízes mais remotas, bestializada na metamorfose que é simultâneamente humoral e trágica, que é jogo e é memória, que se define no burlesco quotidiano e se indefine no friso de personagens acéfalas e alinhadas.

Não se deve pensar, em todo o caso, que o carácter extrínseco destes resultados é o ponto de medida de uma finalidade ideológica em Appel. É sobretudo consequência porque é vital e paralelo ao exercício plástico. Mas este conta sobremaneira, identifica-se com uma acção irremediável que o artista decide. O artista tem consciência aguda da sua necessidade e do seu destino, e por isso a cumpre como se respirasse. Uma longa respiração, portanto, concentra-se nesta obra e reflecte-se também nas litografias expostas na Galeria 111, aí onde a cor aberta e dura se nos revela como uma voz e onde o traço violento circularmente explica rostos grotescos de um friso de «caricaturas». As personagens que essas «caricaturas» representam fitam-nos do palco em que se movem, e não sabemos então se nos encontrámos no lugar passivo do espectador ou se pertencemos também ao cortejo dos figurantes e dos figurados.

NUNO CÔRTE-REAL
Gal. «Diário de Notícias»

OS OBJECTOS de Nuno Côrte-Real dividem-se em dois grupos que ele próprio classifica de desenhos e colagens. Os desenhos, com a sua articulação floral, numa passageira aparência de «arte nova», resultam suficientemente discretos e pouco amadurecidos para que mobilizem uma particular indagação. Na sua frivolidade decorativa, ilustrações ou páginas de sabor meramente artesanal, eles documentam uma aprendizagem convencida, já contraditória nos meios, aqui e ali agitada por anotações rebeldes ou enfáticas. Morfològicamente desenraizadas de uma experiência vivencial localizada, cujo reflexo se pode quase medir nas colagens do autor, estes desenhos demonstram, em certos casos, a preocupação de um simbolismo literário excessivamente objectivado na dimensão poética de algumas imagens de recurso fácil.

No âmbito da colagem, Nuno Côrte-Real perde por completo o domínio das suas obsessões e a disciplina inerente ao processo de que decorrem os objectos. Estes são, apesar disso, incomparàvelmente mais ricos do que os desenhos, não pelo espectáculo um tanto gratuito dos seus materiais e das suas recuperações *barrocas*, mas sobretudo pela carga poética de certos elementos e pelo tipo de associação que eles propõem. Infelizmente, Nuno Côrte-Real não soube concentrar-se no que era essencial, no processo linguístico, nas relações de código que as imagens e os materiais tecem secretamente entre si. Teria sido necessário que ele percebesse, depois de descobrir as *coisas* isoladas, o material espantoso já recolhido e a densidade das suas significações. Teria sido necessário que usasse de cada vez as formas e as imagens indispensáveis, em muitos casos originárias de um relicário de sonhos, da antiguidade das arcas, de um passado religioso em que o pó e os santos de madeira pintada se confundem na memória, trespassados de vidro.

Nuno Côrte-Real alienou as potencialidades expressivas do fragmento e misturou-o arbitràriamente a outros fragmentos, mastigando até ao absurdo as relações conseguidas, enchendo tudo de uma trepidação desnecessária e retórica. Assim se perdeu, em grande medida, a comunicação imediata de certos achados curiosos que se podem ligar a uma estética popular, desde o plano das imagens à formulação de objectos de culto e de adereços semelhantes. Um certo carácter mágico parece envolver essas propostas na sua origem e na sua aparente aplicação feiticista. Um clima surreal, por outro lado, desprende-se de certas confrontações insólitas, na penetração do sonho ou da realidade mediata e na redescoberta das raízes antigas que subitamente emergem para a perspectiva quotidiana do viver. No entanto, tudo o que somos capazes de pressentir ou de imaginar nessa linha, soçobra ao pretenciosismo das composições, ao seu espectáculo gratuito, ao excesso, a uma adjectivação que explode um pouco por toda a parte e que tudo absorve na sua desnecessária estridência.

Nuno Côrte-Real: a desenecessária estridência das composições...

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bívar*	**ANTÓNIO FERRAZ, ANTÓNIO PAIZANA, DAVID EVANS, FÁTIMA, FERNANDO CALHAU, HELENA LAPAS, JORGE NESBITT, JOSÉ VAZ VIEIRA, MARIA BEATRIZ, VÍTOR POMAR** *
GALERIA BUCHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**EDUARDO NERY** *
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal Ribeiro*	**JOÃO FRAGOSO** E **FIGUEIREDO SOBRAL**, EXPOSIÇÃO A DOIS, POR MERO ACASO
GALERIA 111 *Campo Grande*	**KAREL APPEL**, AS PERSONAGENS IDENTIFICADORAS
GALERIA NÚCLEO *Rua José Relvas, Parede*	**HELENA ALMEIDA** *

* Ainda sem referência crítica.

Quem diz Alain Resnais diz «Guernica», «Les statues meurent aussi», «Nuit e Brouillard», «Toute la mémoire du monde», «Hiroshima, mon amour», «Marienbad», «Muriel», «La guerre est finie», «Je t'aime, je t'aime». E pode dizer mais. Pode dizer o que nele conflui: da banda desenhada ao «engagement» político, do novo romance ao folhetim policial, da ficção científica ao mergulho no subconsciente, da pesquisa das relações tempo-espaço à óptica múltipla da realidade, do rigoroso intelectualismo à exigência de uma ampla comunicação. Pode falar de «nouvelle vague», experimentalismo, vanguarda. Pode ainda recusar-se a entender e classificar Resnais de brumoso, confuso, escapista, estilista, reservado a «snobs» da cultura. Agora, aqui, em Portugal, quem diz Alain Resnais diz «Muriel» e «Amo-te, Amo-te», dois filmes contra a corrente da política de exibição, necessários e obrigatórios. Esta página fala deles para que «a noite e o nevoeiro» não possam cobrir de todo, aqui e agora, a importância e o significado da obra de Resnais, cineasta do nosso tempo, contemporâneo (arriscamos) do nosso devir.

DA TRAGÉDIA

por Manuel Machado da Luz

MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO
Realização:
Alain Resnais
Argumento:
Jean Cayrol
Interpretação:
Delphine Seyrig, Jean-Thierrée, Jean-Pierre Kerien, Nita Klein
Distribuição:
Castello Lopes. Estreado no cinema «Estúdio», de Lisboa

QUANDO «MURIEL» se apresentou, pela primeira vez em Portugal, em Março de 66, sofreu o mais lamentável ataque. Inaugurando a ultima (e melhor) edição do falecido festival de Lisboa, viu-se arbitràriamente contraposto ao brasileiro *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos, poucos dias mais tarde projectado, tentando uma parte do público assaz responsável (diversos críticos e cineclubistas nela se integravam) incensar este — filme positivo, actuante, progressista, etc. — em detrimento daquele — negativo, escapista nos seus malabarismos formais, decadente se não reaccionário, enfeudado ao *nouveau-roman* (!) e outras coisas do mesmo teor.

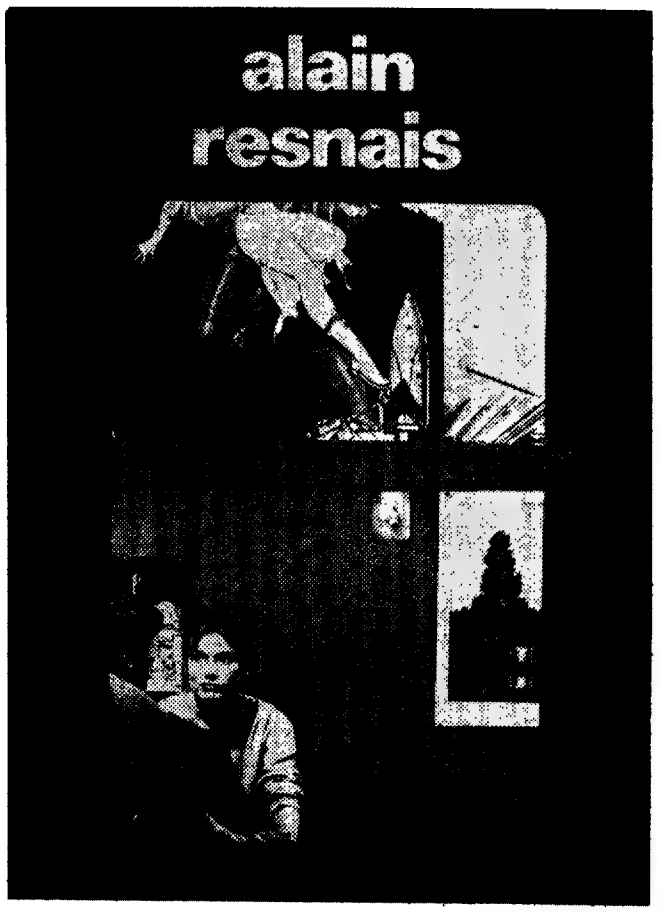
Os fautores do ataque eram, evidentemente, bem intencionados. Mas as boas intenções, de que — disse — está o inferno cheio, acabaram por concretizar-se (poderia ser de outro modo?) numa impudente exposição do nosso fundamental subdesenvolvimento cultural, num bombardeamento de chavões e num brandir de teorias mal assimiladas que, ao tentar legitimar uma comparação que *nada* podia legitimar, acabou por se colorir desse luso tom inquisitorial que, por osmose, tão contagioso é.

Forçoso — e doloroso — é recordar isto, no momento em que, por fim, *Muriel* entra no circuito comercial, para assinalar que tal ataque não era, na sua base, mais do que a afirmação algo histérica de uma concepção de realismo — estática e estreita, «utilitária» e cómoda, ainda contaminada por resíduos miserabilistas ou jdanovianos — de que o melhor cinema de então se havia libertado com impressionante rapidez e que encontrava entre nós um dos seus últimos bastiões.

É que, para semelhante concepção *Muriel* surgiu como o supremo escândalo e como uma espécie de golpe de misericórdia — como o explosivo de alta potência que se atira para o centro de umas discussões sobre o realismo como categoria artística que, na nossa paz lusitana, se haviam tornado profundamente académicas. Até porque era um filme que, em certos aspectos, se declarava abertamente político, coisa embaraçosa que não acontecia com, por exemplo, os de Antonioni, alvos de ataques semelhantes (a polémica sobre *Muriel* amplificava, com inesperada ferocidade a que se gerara, no anterior festival, em torno de *Deserto Vermelho*).

A discussão da aportação ao realismo de um filme como *Muriel* (e da obra de Resnais em geral) está como é evidente, fora do âmbito de um artigo de jornal e teria que decalcar diversos aspectos de discussões mais antigas que — processadas ao nível da literatura — pouco eco terão tido entre nós. Limitemo-nos, portanto, a referir que o choque produzido por *Muriel* vem, em parte, do repentino levar ao extremo, no nosso meio cinematográfico, de três factores: a negação de um realismo «em extensão» (de que o maior expoente será o Visconti de *Rocco e seus Irmãos*) acarretando a desse psicologismo que era como que um seu essencial andaime; a proposição de uma colecção de comportamentos exteriores e de relações (as personagens a isso são reduzidas) num momento privilegiado de crise que é

(Continua na 6.ª página)



Amo-te, Amo-te: *na sua dúvida, dilacerantemente belo*

Resnais e Jacques Sternberg, autores de Amo-te, Amo-te

Je t'aime, je t'aime, Olga Georges-Picot

OS RATOS

por José Vaz Pereira

AMO-TE, AMO-TE
(Je t'aime, Je t'aime)
Realização:
Alain Resnais
Interpretação:
Claude Rich, Olga Georges-Picot
Distribuição:
Fox. Estreado no cinema Estúdio, do Porto

A PARTIR DE NÓS PRÓPIOS, a experiência constroi-se. O material é o homem e o destino é o homem. Pior do que o nada, a resposta é a repetição: Ridder (Claude Rich) não é recuperado precisamente porque uma máquina de ficção científica trabalhou bem: o tempo conquistado para ele reproduz a sua insuportável solidão anterior.

Pensaríamos não apenas num rato dentro duma cobaia, mas em milhares deles. Insistentes, tenazes, demolidores destruindo uma a uma as raízes do homem. Pelo absurdo, pela náusea, pela impossibilidade de comunicação e confrontação, pelo desencanto. Encurralando o homem e forçando-o a engolir a sua própria sombra. A experiência de Ridder não tem sentido porque ele não actua sobre o tempo, sobre a memória, sobre a maldição das coisas: estas continuam a actuar sobre ele, no recuo de um ano que a máquina faz na sua vida.

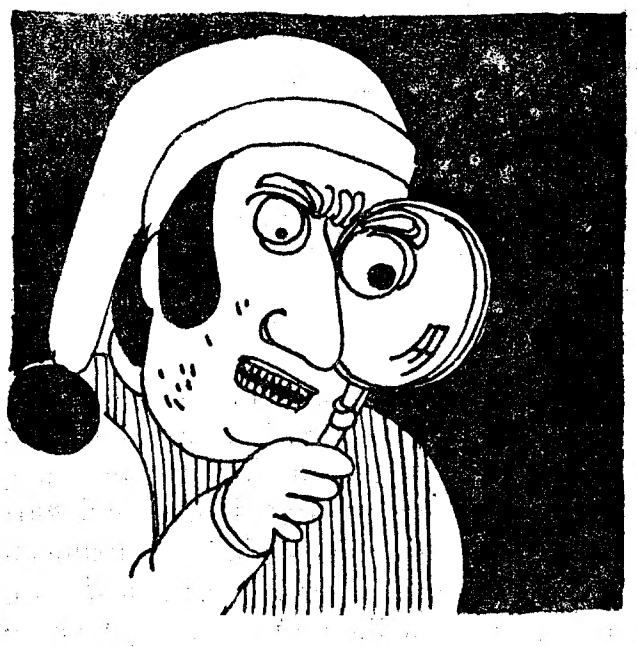
A visão é péssimista mas corresponde a algo de profundo. Sublinha a dificuldade da humanidade, a par de toda a poesia técnico-científica de que é capaz, de se desembaraçar inexplicàvelmente de velhos medos e velhas obsessões. Significa, talvez, «Apollo XI» e a solidão das cidades. Significa um homem só, fazendo o seu café e vendo na TV que desembarcamos na Lua. Ou, ainda mais além, significa o homem perpetuamente desempregado (até sob um ponto de vista de emoções) e a sua contemporaneidade desajeitada com a era espacial. Nada a fazer: os ratos passaram ao ataque.

E, contudo, a taça está cheia: as folhas, as flores, as marés, as mulheres e as outras mulheres, as hipóteses dos amigos povoam o Mundo. Estão, ali, próximos, ao alcance da mão. Longe e perto como a luz e o calor do Sol. Mas são as raízes entre nós e tudo isso que uma horda invisível de roedores implacáveis torce, violenta, mina, destrói, faz apodrecer por dentro.

Um filme de Alain Resnais representa sempre — isto já foi dito e redito — uma experiência e uma aventura. Mas essa aventura (e essa experiência) confundem-se com a fragilidade, com o tom descontínuo em que vivemos. Por isso os filmes de Resnais podem apresentar-se como vulneráveis quando, na verdade, abrem continuamente portas para a luz. Ninguém, no cinema, melhor do que Resnais percebe que as pessoas nunca acabam o que principiam a dizer, que interrompem constantemente o seu pensamento, que vivem o momento presente com a falcatrua das recordações, que nunca concluem verdadeiramente nada porque também nada começam, que mesmo à vida mais rotineira, presidem todas as divindades do absurdo, que repetimos julgando inovar.

Por isso, reencontramo-nos constantemente com um homem que se dirige a outro que fabrica documentos falsos e que, entretanto, falsificou a sua personalidade, e com um homem cuja tentativa de resistir lùcidamente mais parece fazer avançar a progressão inexorável da sua loucura: a existência é uma esplêndida mulher de roupão que vai tomar um lento e langoroso banho, como nos anúncios de sabonetes, na sala ao lado da nossa vida e que os nossos dedos, as nossas mãos, os nossos braços não tocam nem acariciam. Ou a água do mar sempre

(Continua na 6.ª página)



SAI DE LISBOA o português interessado pelo teatro como, outrora, o marujo que partia para as Índias, porventura menos interessado na cristã salvação das almas: olho reluzente ao imaginar as riquezas que o esperam.

Mais terríveis as desilusões que vai colher: eis que regressa o marujo, perdida a fazenda e as mãos vazias. Mesmo com exagero, a situação aqui imaginada não anda muito longe da realidade (sobretudo se misericordiosamente esquecermos o que nos espera ali para as bandas do «Parque-Mayer!).

À procura de Teatro (1)

por Carlos Porto

Não esqueçamos que é de Lisboa que partimos: em vão (enfim, quase em vão) aqui passamos os dias e os meses, e se somam os anos, tentando descobrir o que não existe, ou o que só raramente existe: o teatro. O teatro tal como nos parece dever ser entendido: uma actividade regular cujo leque deve ser suficientemente largo para interessar os vários publicos interessáveis e ou disso passíveis. E aqui se dirá: mas que publicos? que publico? Não punhamos os bois adiante do carro: o publico não pode aparecer sem que alguma coisa lhe seja dada, sem que seja o próprio teatro a despertá-lo, a entusiasmá-lo, a criá-lo a partir de uma existência hipotética ou potencial.

Pois, o teatro em Portugal. Também nós não acreditamos que possa surgir por milagre, por um fenómeno de espontaneidade: acontecem é verdade alguns fenómenos (vejam-se certos espectáculos de teatro universitário) mas é como tal que devem ser estudados, não como manifestação regular e normal. Por isso não interessam para aqui. Que o teatro implica certas condições de vivência colectiva não criadas entre nós; que o teatro exige uma respiração que os nossos pulmões ignoram — e por isso tão deficientemente trabalham; que o teatro é como o peixe que morre fora da água (água onde os movimentos são livres) — lugares-comuns que convém lembrar neste momento em que com a ingenuidade de provinciano apaixonado vamos tentar de novo o prazer da descoberta, da aventura que nos deve levar á conquista de riquezas que imaginávamos sumptuosas.

Por isso diziamos: mais terríveis as desilusões que (nos) esperam. Compreenda-se: tenho os olhos suficientemente abertos para saber que as condições propiciatórias á existência de um teatro forte, á altura do nosso tempo e do nosso mundo, não estão por preencher apenas aqui. Mas, enfim, sempre há diferenças por vezes abismais: diremos, não tive sorte, não soube escolher a oportunidade. Embora, algo esteja, possivelmente, errado.

E vamos a factos.

■

Foi, na realidade, em Espanha que principiaram os meus trabalhos de procurar teatro. É fácil dizer porquê. Basta para isso deitar uma olhadela aos autores presentes nos teatros madrilenos: Joaquin Calvo Sotelo (mais de 400 representações); Victor Ruiz Iriarte (200 representações); Alonso Milán (6.º mês); o inevitável Alfonso Paso (em três teatros!); José Maria Peman; Emílio Romero; Jaime Salom; Barillet y Gredy; Peter Ustinov. Positivamente, não me deslocava a Madrid para ver representar estes autores!

Pouco, para além deles, me ficava: um Pirandello; um jovem autor cujo espectáculo se integrava no Festival de Teatro, das Festas de Santo Isidro; acabei por ver um terceiro, uma peça de um autor anteriormente citado: Alonso Millán, que se estreava no drama como uma peça de estranho título: «Estado Civil: Marta».

Estranho título para uma estranha história, na verdade. Imagine-se um advogado que, retirado na sua casa de campo, recebe por noite de tempestade a visita de uma mulher que não conhece. A peça, cujo tempo de acção corresponde ao tempo de representação, narra a luta dessa mulher para arrancar a verdade ao homem que era, afinal, marido de sua irmã, cujo paradeiro ignorava. Para isso, vale-se de vários subterfugios desde fazer-se passar por louca até fingir-se apaixonada pelo advogado. Este, acaba por revelar-se aquilo que na realidade é: um assassino, e prepara-se para a liquidar quando os polícias, de atalaia, intervém. O que impele este homem, inteligente e culto, a matar a mulher que amava e a tentar matar a mulher que podia vir a amar? Um problema de amor irrealizado, um problema de desfazamento entre uma grande capacidade afectiva e a incapacidade de fisicamente a concretizar, em suma um problema de impotência. A razoável audácia deste tema — embora limitado por evidentes restrições patológicas — permitiria a criação de um espectáculo com algum interesse humano. Infelizmente, o autor que é, pelos vistos, um festejado criador de teatro comercial, não conseguiu ultrapassar um nível ao mesmo tempo literário e convencional: as pretensões filosofantes que a peça patenteia destroiem o clima dramático que poderia ter sido criado. E a faceta erótica que parece querer aflorar acaba igualmente por diluir-se em excessos verbalistas nem sempre de boa qualidade.

Fica, pois, do espectáculo ùnicamente um tipo de representação a que não estamos habituados. Os actores que vivem as principais personagens do drama — Ismael Merlo e Vicky Lagos — fazem-no com aquilo a que se convencionou chamar naturalidade que começa por chocar e acaba por nos arrastar para um clima de intimidade que se liga à maravilha com aquele tipo de peça. A representação transforma-se numa espécie de confissão, sobretudo por parte de Ismael Merlo que agarra hàbilmente a sua personagem até a transformar no pobre diabo que é.

Pelo contrário, a interpretação da peça de Pirandello «Testigo Usted, testigos todos» («Il Barreto a Sonaglia») colocava-se no pólo oposto: toda voltada para fora. Notava-se, por vezes, até um representar para a plateia que me fazia lembrar, dolorosamente, teatro de outras paragens.

Trata-se de uma peça típica da maneira «pirandellina» em que o jogo de espelhos que a define se concretiza na história de uma mulher que é acusada de louca graças à sua invenção de uma pretensa traição do marido. O jogo de verdade de mentira a que é levada — ou seja: o jogo de aparência e de realida-

(Continua na 6.ª página)

Vicky Lagos e Ismael Merlo, os dois protagonistas da peça de Alonso Millán «Estado civil: Marta»

Da Galeria de Março (R. I. P.) até hoje

Folhetim artístico de José-Augusto França

HA EXACTAMENTE quinze anos terminou as suas actividades a *Galeria de Março*, que durara 27 meses, entre Março de 1852 e Junho de 1954. Vinte e sete milagrosos meses, se diria, dadas as circunstâncias da então vida artística nacional. A *Galeria de Março* foi, na verdade, a primeira galeria de arte a teimar em como tal existir em Portugal — depois da experiência da *UP* de António Pedro e Tom, nos anos 30, e da meia experiência da *STOP*, nos anos 40.

Nasceu ela, em certa medida, como consequência da agitação suscitada pela tripla exposição de Vespeira, Fernando Azevedo e Fernando Lemos, em Janeiro de 1952, na Casa de Móveis Jalco, ao Chiado — pequeno e saboroso escândalo lisboeta. O Lemos foi, então, contactado por um homem ligado à publicidade, Manuel das Neves, que lhe propôs a formação de uma galeria, com secção ou «atelier» publicitário, para a qual já dispunha de capitalista. Os dois me procuraram então — e, nos últimos dias de Março, a galeria abriu a porta, na Avenida António Augusto de Aguiar, com uma grande exposição de Almada Negreiros, que há doze anos não mostrava obras suas. Directores da galeria, o Lemos e eu (e eu sòzinho, em 63, após a emigração do Lemos); gerente e proprietário o M. Neves; colaboradores na obra, o Vespeira, o Azevedo e logo muitos mais, que a galeria ràpidamente se tornou «rendez-vous» de amigos. Ali e, depois, na Rua D. Pedro V, para onde mudou, em melhores instalações, e com uma pretendida ligação com um livreiro que queria especializar-se em livros de arte. Nunca este cumpriu as promessas, nem tão-pouco funcionou o «atelier» de publicidade — e a *Galeria de Março* foi só galeria, firme no seu propósito de o ser, de arte moderna.

Definia-se, então, a «arte moderna» portuguesa de maneira vaga e naturalmente ecléctica, ainda no rescaldo do «neo-realismo» e sob as ameaças do «surrealismo» — e, já, das primeiras propostas «abstractas». Enquanto subsistiam ecos da «segunda geração» cosmopolita de António Ferro. Ecléctica e livre foi, propositadamente, a acção da *Galeria de Março*, com uma programação firme, mas aberta: Almada, Botelho, Sara Afonso, António Pedro e Dacosta (três retrospectivas), Pomar, Lima de Freitas, Resende, Lanhas (a sua única exposição individual), Menês (a sua primeira exposição), Jorge de Oliveira, Hogan, Cargaleiro, outros ainda — e quadros de Amadeo de Souza-Cardoso (o único exibido desde 1916, *antes que se redescobrisse o pintor*) e de Vieira da Silva (então bem desconhecido em Portugal). E, também, o Salão do Prémio da Jovem Pintura e o da I Exposição de Arte Abstracta, que teve considerável importância no contexto português, em certa medida marcando uma nova fase estética.

Assim, assás brilhantemente, viveu e morreu a *Galeria de Março*, à míngua de compradores. Um excelente quadro de Almada não era, então, comprado por 3500$00 (hoje valerá perto de cem), os guaches de Vieira da Silva, ninguém os queria a 2500$00 (valem agora, daquelas pequenas dimensões, 60 contos)... E com perda de uns 70 contos, arranjados a custo, aqui e ali, na modéstia de um apertadíssimo orçamento comercial, a Galeria fechou mesmo. Depois foi o vazio.

Um vazio que teve a mobilá-lo a *experiência da* Galeria Pórtico, *ao Camões*, cerca de 1956 (orientada por jovens escolares de Belas-Artes, que seriam o René Bertholo, a Lourdes Castro, o Escada, o Costa Pinheiro — a promoção dos emigrantes de 1958-59. A eles se deve uma pequena (mas única desde sempre) exposição de obras de Vieira da Silva, o «Salão do Jazz», e várias exposições mais ligadas à própria geração dos promotores. E, também, por falta de clientes, fechou em breve esta galeria. A seguir (1958), o «Diário de Notícias» abriu a sua sala de exposições, ao Chiado — que só mais tarde, sob a direcção de Faria de Carvalho, teria a sua hora notável, expondo tudo quanto era então de expor em Portugal. Entretanto, uma Livraria do Porto, a *Divulgação*, abriu uma galeria, ligada ao comércio de livros, à Estefânia, que concorreu com a do Chiado, tomando maiores riscos estéticos, por vezes. Mas ela fechou (para reabrir recentemente — e mais modestamente) — e a sala do «Diário de Notícias» perdeu, também, pé, em nova conjuntura.

Nova conjuntura marcada, a partir

(Continua na 7.ª página)

Da tragédia

(Continuação da 4.ª página)

inscrita num minucioso quadro de objectos e de espaços (em sentido simultâneamente arquitectónico e sociológico); a organização do anterior numa estrutura narrativa que não apenas lhe confere o seu significado ultimo como também, pràticamente, todo o seu significado (a leitura de *Muriel* releva, ao contrário do que nos haviamos habituado adentro do realismo cinematográfico «tradicional», quase que exclusivamente da constatação e em radical detrimento da deustação: um plano ou uma linha de diálogo, quando isolados, não só são raramente significantes como chegam a ser incompreensíveis).

Apressadamente enunciadas, estas questões (que, além de envolverem a mutação da natureza do filme em geral, implicam a reformulação com efeitos retroactivos, dos métodos da sua análise), sublinhemos que contrariamente ao que possa parecer, *Muriel* já não será um filme difícil, se alguma vantagem se pode extrair do atraso com que se estreia, ela consiste em que, pelo menos para uma parte do nosso publico, ele se terá tornado muito mais acessível do que o era no momento em que foi rodado.

Será, isso sim, um filme *exigente*, tão exigente quanto foi Resnais para si próprio ao construir — eis o fruto do seu método e da sua «heterodoxia»—o mais devastador, implacável e pessimista (logo, o mais constructivo) panorama do quotidiano de uma pequena-média burguesia que o dado nestes anos sessenta que estão a findar. *Muriel* revela-se, de resto, sem que Resnais o tenha premeditado, como obra susceptivel de lançar esclarecedora luz sobre o que levou a posteriores e mais recentes acontecimentos do seu país (isto para nada dizer do que, nela se acaba por referir á nossa própria realidade: veja-se o caso do jovem Bernard, interpretado por Jean-Baptiste Thierrée).

Por contrastar violentamente com o refinamento plástico de *O Ultimo Ano em Marienbad* a feira e a vulgaridade voluntárias das imagens de *Muriel* serão talvez uma das caracteristicas mais imediatamente notadas do filme e bom ponto de partida para um rápido enunciado dos seus temas». Trata-se precisamente, da feiura e da vulgaridade que mais directamente significam a atrocidade e o horror subterrâneos do quotidiano já aludido, do quotidiano conformado pelos «prazeres» que a pequena-média burguesia francesa extrai dos seus primeiros passos numa sociedade de consumo: no espaço arquitectónico (o apartamento em que grande parte da acção decorre, atravancado de móveis de estilo para vender, a incrivel caixa de escadas que a ele conduz, o casino e os cafés repelentemente decorados) e no espaço urbano (Boulogne-sur-Mer, uma cidade arrasada em 39-45 e reconstruida «racionalmente» por empreiteiros de baixo nivel — em Portugal, chamar-lhes-iamos patos bravos —, anónima, desumana nas suas paralelepipédicas e prosaicas construções de betão indefinidamente repetidas). Desta feiura e vulgaridade *típicas* arranca a temática de *Muriel*: como sobreviver ou não sobreviver em semelhante ambiente quando se pertence ao estrato social indicado e se foi marcado pela guerra mundial ou pela da Argélia, que acaba de terminar?

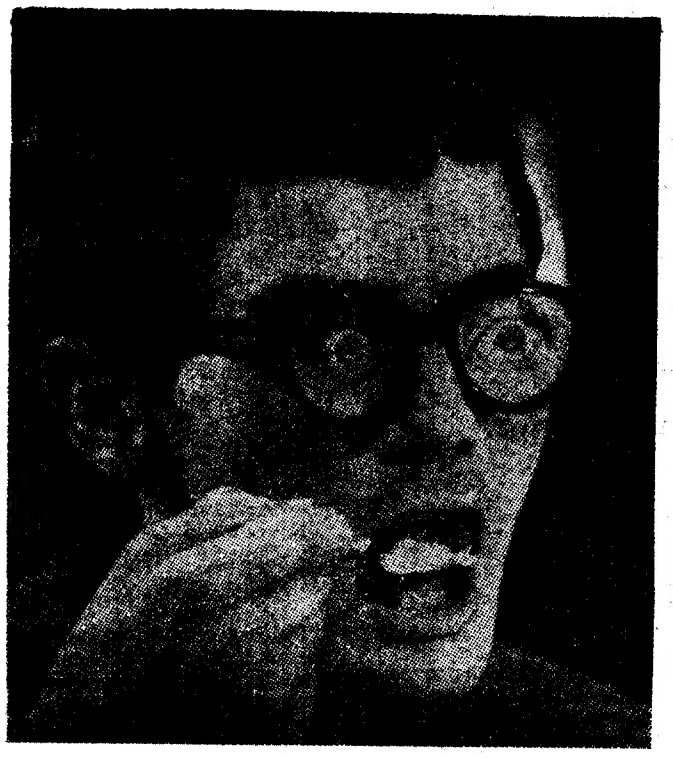
Quando muito, colecciona-se recordações (que se mitificam: Héléne, a viuva negociante de móveis de estilo que também encontra um derivativo nos jogos de azar), tenta-se o seu esquecimento (o que não é possivel: Bernard, o enteado que «fez» a Argélia) ou inventam-se vivências conpensatórias (e é-se mitómano como se poderia ser opiómano: Alphonse, o antigo amante, *restaurateur* falido). As consciências desintegram-se na angustia passiva (o acariciar das recordações em Hélène) ou activa (os esforços de Alphonse para que os outros acreditem nas suas invenções) ou num desespero que nem a violência anula (o assassinato de um ultra seu antigo camarada de armas, por Bernard). Eis o que, por seu lado, a construção quase caleidoscópica de *Muriel*, com a sua sucessão vertiginosa de planos brevíssimos de falsos *raccords* e de multiplicações do ponto de vista, significa com a máxima felicidade.

Radica-se aqui o que foi convencionado chamar de obsessão pela memória e pelo tempo em Alain Resnais, a qual, longe de ser uma preocupação «metafísica» ou uma componente decadentemente bergsoniana (como tem sido dito), é parte integrante do método realista do cineasta.

O problema, proposto genèricamente e noutros termos, desde *Toute la Mémoire du Monde* (c. m. de 1956) recebe em *Muriel* (como já em *Hiroshima, Mon Amour*) uma formulação extremamente concreta. Quais as possibilidades objectivas de as personagens assumirem, num exercício de lucidez, o seu passado e, em particular, as suas mais traumatizantes experiências? Quais as possibilidades de exorcizar esse passado de modo a que ele se não transforme em fantasmagórico obstáculo á efectivação do presente? Ou de modo a que ele — como experiência vital assimilada em todas as suas implicações — promova essa efectivação?

E *Muriel* acaba por ser um filme trágico a tragédia por excelência da nossa época. Na medida em que os seus protagonistas são impelidos a encerrar-se na insegurança, no medo ou em círculos de arame farpado individuais (é, por uma alucinante ironia, o resumo dado com macabro jubilo, por um ultra, da *grandeur* que, na época começa a ser propagandeada); na medida em que este facto, conjuntural e de classe, os impede do exorcismo ou da assimilação. Hélène, tentando mistificar os seus amores de juventude, destrói-se na óbvia impossibilidade de os reatar: não lhe resta senão envelhecer nessa sua agitação frenética que, de há muito, é falsa vivacidade. Alphonse prosseguirá indefinidamente o seu jogo mitomaniaco, perseguido pela esposa e pelo cunhado, referindo-se sempre aos mais acanhados preconceitos (sem ter estado na Argélia, é, por exemplo, tão racista quanto qualquer *pied-noir*). Bernard não poderá esquecer *Muriel*, a jovem argelina que ajudou a torturar e que é clara réplica da Djamila Boupacha celebrada por Simone du Beauvoir (o cumulo do horror e da coragem no *engagement* é, nesta obra aterrorizante, a descrição do seu suplício, em voz-off e sobre um filme de amador que evoca as *gaietés de l'escadron:* trata-se, de resto e quanto a nós, de um dos mais admiráveis momentos de toda a história do cinema). E nem isso nem algumas lucidas reflexões, apressadamente escritas nos seus cadernos, sobre a Argélia, conduzem a outra coisa que a uma masturbatória busca de «provas» ou a um assassinato politicamente ineficaz...

MANUEL MACHADO DA LUZ



Jean-Baptiste Thierrée em «Muriel», actualmente em exibição num cinema de Lisboa

Os ratos

(Continuação da 4.ª página)

neutra na persistência da sua temperatura. Ou os quartos em que nos encerramos, espiados por objectos hostis. Ou estar numa cidade da Irlanda, numa pensão de 3.ª ordem, sem ser J. Joyce. Ou reencontrar-te, perder-te, ganhar-te, perder-te novamente, descobrir-te para te esquecer.

Compreender este balbuciar humano é uma coisa. Colocá-lo e desenvolvé-lo em imagens é muito mais e Resnais sabe executá-lo com um terrivel mistério e uma desencantada realidade. *Amo-te, Amo-te* torna-se dilacerantemente belo na sua dúvida. Como esse plano do rato erguendo-se nas suas patas traseiras e deitando o focinho de fora do tubo onde está encerrado. Por um segundo apenas. Antes de ficar imóvel — para sempre.

JOSÉ VAZ PEREIRA

À procura de Teatro

(Continuação da 5.ª página)

de — mete-a irremediàvelmente nesse beco sem saída: só aceitando o papel de louca (mas o que é a loucura?) a mulher encontra uma solução para o embróglio. Com aquela afinação que faz das suas peças o mecanismo feroz e implacável que acabam por se revelar, Pirandello construiu uma peça aparentemente fácil e ligeira mas tornando-se pouco a pouco duma crueldade quase insuportável.

Infelizmente, a marcação toda virada para o público, sem ter em conta as exigências do texto, não sublinhava devidamente as suas tensões internas. Como dissemos acima, os actores embora me parecessem de uma maneira geral senhores do ofício e até talentosos representavam muito para a galeria, o que tornava mais patente um certo estilo caduco e ultrapassado.

Devo acrescentar, entretanto, que Asunción Sancho, Manuel Dicenta e Pedro Hurtado (o segundo era também encenador), me pareceram bons actores.

CARLOS PORTO

Da Galeria de Março até hoje

(Continuação da 5.ª página)

de cerca de 1964, por três galerias sucessivamente inauguradas, e todas elas ligadas a livrarias pré-existentes: a *Buchholz*, à Rua Alexandre Herculano, a *111*, no Campo Grande, a *Quadrante*, nas Avenidas Novas. Entre as três galerias se tem definido e informado a evolução da arte contemporânea portuguesa — a *Buchholz* com maior coerência programática (é seu director artístico o crítico Rui Mário Gonçalves), e com um apoio profissional que lhe vem de fazer parte de uma rede de galerias do mesmo proprietário, em Munich e na Colômbia estabelecido também. A acção de Manuel de Brito, gerente da *111*, tem sido notável, pela sua parte, no que apresenta e na rede que vai tecendo, influindo compradores, criando já o que começa a ser um mercado. A *Quadrante*, dirigida por Artur Rosa, toma, por seu lado, riscos estéticos maiores, em face das outras galerias, ousando apresentar exposições de vanguarda mais polémica.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer o esforço de revalorização da S. N. B. A. com a sua «Galeria de Arte Moderna», assás pouco aproveitada; da *Gravura*, com as suas exposições específicas; do *Interior*, com manifestações escassas, até à recente formação de um grupo de artistas «atittrés». De outras galerias que haja, sujeitas aos artistas que sobejam destas todas, não valerá a pena falar — da mesma maneira que, em Paris, das 200 e tantos, só se fala numa vintena. Nisto (pelo menos...) Lisboa não poderia ser melhor que Paris.

... Há, porém, um outro caso mais recente (1968), que, arredado do esquema que serve as principais galerias citadas (Livraria-galeria), merece uma especial atenção, sociológica até: trata-se da *Galeria S. Mamede*, na Rua da Escola Politécnica que tem ligação com comércio de antiguidades, defendendo a meritória política de fazer deslizar para a compra de obras contemporâneas uma clientela poderosa, até aqui limitada ao gosto do quadro, do móvel e da cerâmica antiga.

Meritória política, por três razões que importa considerar: por ser apoiada numa boa selecção de artistas (Paula Rego Calvet, José Rodrigues, Cesariny, Cruzeiro-Seixas, por enquanto) — e essa é *condição «sine qua non»* que, não respeitada, malogrará, fatalmente, esquemas similares —; por resultar pedagògicamente importante junto de certo público; por ter consequências economicamente valorizadoras do trabalho (penoso, ignorado, desprotegido...) dos artistas.

Tudo isto marca uma considerável evolução na vida artística nacional — mas outros aspectos do «marché» (a dificultada importação!) em outro folhetim serão abordados. Que este assunto é vital. A menos que os artistas queiram permanecer ao nível do amadorismo. Suavemente queixosos, aliás, à portuguesa...

Quatro poetas

(Continuação da 8.ª pág.)

precursor um número especial, m'u i t'o volumoso, *connaissance de Pierre Albert-Birot* (número em que colaboraram, entre outros, Claude Aveline, A n d r é Lebois, Pascal Pia, Louis Guillaume, Marie-Jeanne Durry, Henri Chopin, Max Pons, o pintor Severini e o escultor Zadkine, recentemente desaparecidos), que, depois do *Albert-Birot*, de Jean Follain (Seghers) e da publicação simultânea (Gallimard) de *Poésie I* (onde são reunidos os poemas escritos entre 1916 e 1924) de uma edição revista e aumentada de *Grabinolour* acabará por levantar a cortina de silêncio estranhamente caída sobre o poeta durante toda a vida, ou quase.

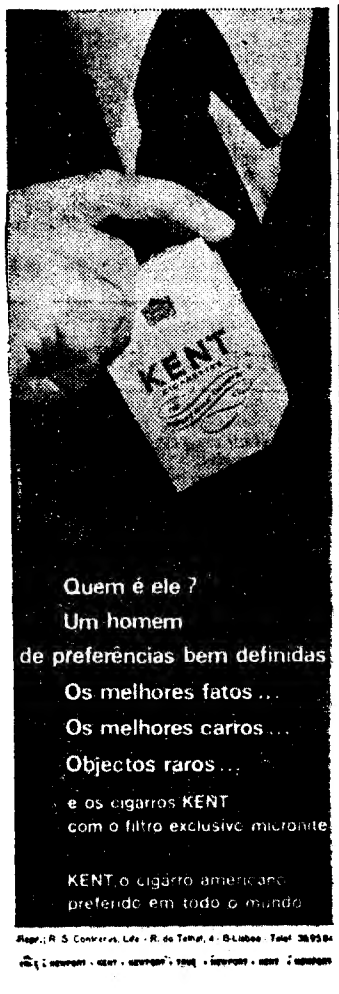
*

Estamos muito longe de crer que o destino de Aragon tinha sido igualmente secreto ou misterioso. Por informados que nos suponhamos acerca d e tudo quanto lhe diz respeito, a verdade é que é sempre com agrado que tornamos a ouvir (ou a ler) os encontros que teve há uns meses com Dominique Arbau perante os microfones da O. R. T. F. Aqui e além a l g'u'n s ínfimos retoques sintéticos; algumas notas em rodapé, nada no entanto que chegue a alterar a sua espontaneidade. Aragon «fala» de verdade com o leitor. É dele e da sua obra que ele fala, como, aliás, o exige o princípio em que estas emissões assentam. Fala com o arrebatamento que lhe conhecemos. Boa ocasião esta para um homem, que, há 50 anos, vem ocupando um lugar tão vasto na história política e literária da França, vir destruir certas lendas tão ligadas à sua personagem, restabelecer certos factos e revelar-nos outros — especialmente de natureza privada — boa ocasião, enfim, para deixar bem claros os objectivos e os meios do seu caminho, para nos dar até alguns dos seus «segredos de fabrico».

Para escolhermos de entre as revelações e as explicações que tornam este livro (Seghers) u m documento picante e, ao mesmo tempo, enriquecedor, ficaremos perante um verdadeiro embaraço da escolha. P i c a n t e será, por exemplo, sabermos, p e l a mãe, Aragon descende de Massillon e que, quando abandonou os estudos de M e d i c i n a, o fez para «se não integrar n u m a sociedade q u e recusava, como qualquer estudante de 1968», que em 1930 andava a distribuir colarinhos feitos por Elsa, pois tinha de viver. Ou então ouvirmos Aragon a explicar-se quanto a esta sua frase, escrita em 1929: «Não gosto das pessoas». O enriquecimento é aquilo que ele diz sobre a sua maneira de compor — «um livro escreve-se ao acaso de mim mesmo» — sobre o nascimento das suas personagens e sobre as relações que com elas mantém; finalmente — e muitas vezes retoma o tema — sobre a poesia e o romance, as suas diferenças e a sua possível cooperação, e, mais geralmente, sobre a evolução mais recente das formas literárias. Eis uma lição t a n t o mais substancial quanto é certo vir-nos ela de um escritor permanente interessado em se «contestar» e se renovar.

JEAN ROUSSELOT

(1) Tudo passa — só a arte robusta / tem eternidade / o busto / sobrevive à cidade.



O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

Uma teoria do realismo

(Continuação da 8.ª pág.)

todas as interpretações idealistas e psicologistas do fenómeno estético.

N otemos, por agora, um ponto importante. Esta concepção do realismo diverge em muitos aspectos de outras que entre nós se tem defendido (por exemplo, da de Pinheiro Torres). Para Óscar Lopes, realismo não é categoria artística, mas fundamento de estética e princípio interpretativo. Quer dizer, portanto, que *toda a verdadeira obra de arte é realista*. Esta tese é capital, porque nela se radica a disponibilidade e abertura dos juízos e gosto de Óscar Lopes Mas tal disponibilidade e tal abertura não excluem, antes implicam, firmeza nas opções ideológicas.

O primeiro ensaio de Óscar Lopes procura chegar a uma definição de realismo. Parte da noção de *mimesis* em Aristóteles, e elimina as interpretações que tradicionalmente a desvirtuam. Defende depois um princípio importante: todos os realismos supõem sempre uma concepção científica (ou pré-científica) da realidade. Poderíamos aqui apontar o paralelismo desta hipótese com a de Althusser, que relaciona os grandes períodos da história da filosofia com as várias rupturas epistemológicas que constituíram novos domínios e objectos de ciência. Mas continuemos por agora. Se os realismos reagem ás concepções científicas que lhes são contemporâneas, a noção de real está em permanente transformação. O real é material para trabalho. Isto, não exclui, no entanto, a permanência do realismo e do materialismo. E Óscar Lopes explica: «Chamarei, portanto, materialista aquela tradição filosófica segundo a qual tudo, no mundo, será, uma vez conhecido, material disponível de trabalho humano». A unidade de uma ciência ou de uma doutrina é a unidade de um projecto que continuamente se refaz.

No momento seguinte da sua exposição, Óscar Lopes afirma que «nenhum plano da realidade que nos representamos se pode cabalmente reduzir a outro plano» e que o conflito entre os vários planos não pode ser ignorado. Mais adiante, opondo-se ás tendências existencialistas (entre nós associadas a Vergílio Ferreira), Óscar Lopes diz aceitar como irredutíveis e importantes desvendamentos do real certas vivências, mas recusa-se a tematizá-las em qualquer teoria que não tenha em conta os conhecimentos jproduzidos p e l a prática científica. Ponto decisivo no diálogo com o existencialismo — que, sobretudo nas suas versões mais reaccionárias, ignora a prática científica para assim garantir a existência de uma *reserva* como material disponível para reflexão e auto-reflexão.

Prosseguindo nesta linha de raciocínio, Óscar Lopes conclui que «as verdades estéticas podem e devem, estar em conflito com as verdades científicas, e que não podem é ser-lhes dialéctica, historicamente inferiores». E mais adiante: «A arte, mais do que reprodutora, é (em certa medida) produtora do real. Uma obra de arte cria sempre, em certa medida, o seu objecto, e por outro lado, insinua uma certa convicção de realidade, não directamente, mas sim através de uma certa evidência de valores, de uma certa atitude judicativa ou prática a que nos afaz». Neste enunciado, notemos a expressão «em certa medida». Ela está ali a assinalar uma de duas coisas: ou a indicação de um problema que ainda não foi resolvido; ou a aceitação de um compromisso que torne menos radical o efeito de ruptura atrás aludido.

Partindo destes princípios, Óscar Lopes diz-nos que a função da arte consiste em «contestar as evidências quotidianas tais como ela espontaneamente se apresentam, (...) consiste em refazer ou readequar através de uma recriação da nossa própria atitude interpretativa e judicativa perante elas. A arte lança «um repto áquilo que *concebemos* como sendo o mundo real» (o sublinhado é meu). Donde, a arte é transformação da ideologia.

O «real» (que o anterior realismo considerava como necessário referente) é apenas o lugar de passagem duma realidade já realizada para uma realidade realizável (isto é, do reino da necessidade para o reino da liberdade). «Tudo, em nós, tende a realizar, pelo trabalho social um real realizável a partir das disponibilidades do real realizado e suas leis.» A questão estética é a da transformação e intensificação da realidade cada vez mais real, visando a plenitude de alegria e convivência humana que é a afirmação incluída em todas as nossas negações. E por conseguinte: a arte que nós fruímos quando sabemos o que ela nos *não diz* é o nome do inominável que em todos os mitos se persegue: «metáfora de uma esperança que, no fundo, continua á procura de nome, imagem e ensejo». E por isso também não é a arte separada da vida; ela é algo que a cada momento emerge de viver quotidiano e o projecto na claridade dum mundo possível.

No segundo ensaio, excepcional pelo esforço de síntese de elementos das mais diversas proveniências, Óscar Lopes procura interrogar o sentido da metáfora «mundo interior». A tese fundamental é a seguinte: ao iniciar-se o processo de conhecimento, em determinada fase da cultura do homem, este tende a atribuir as causas dos fenómenos naturais a agentes psíquicos, por uma analogia, de raízes mágicas, entre o natural e o humano. Temos assim que: um «espírito» habita o sujeito que conhece as coisas e as coisas que o sujeito conhece são habitadas por um «espírito». Isto é: «há uma correlação entre a intuição de um *mundo interior* e a de causa também, a seu modo, *íntima* (mas exterior a esse tal *mundo)* para qualquer fenómeno natural». Ora sucede que este gigantesco e distorcido quiasmo se vai progressivamente reduzindo: «reduziu-se a interioridade intangível, a essência oculta do mundo, ao admitir-se uma larga *exterioridade* comum, neutra, inerte, causal, obediente a leis, entre a intimidade humana e a intimidade divina». Esta exterioridade (metáfora agora inadequada, uma vez concluído o processo que a tornou ilegítima) é o mundo de trabalho, o universo da produção em que a arte se insere.

As consequências desta análise extremamente complexa são inumeras. Elas orientam-se ou no sentido de uma teoria da leitura, que nos diz que a compreensão do outro passa pela objectivação das suas circunstancias, ou no sentido duma escatologia de raiz progressista, em que, definido-se o «verdadeiro *mundo interior* como um *ser juntamente*, se verifica uma objectivação total do sujeito no mundo irradiante que o transporta e uma subjectivação total desse mundo na transparência da sua plenitude possível.

Detenho-me um pouco. Procurando falar de *Ler e Depois* e seguir as notas que durante a sua leitura fui tirando, apenas consegui ocupar-me, e muito esquemáticamente, das primeiras setenta páginas. É realmente pouco. Mas isto pode servir de indicação para o leitor. A densidade dos problemas abordados no livro de Óscar Lopes faz deste livro, como já anteriormente pude dizer, um verdadeiro acontecimento. E não o sei até que ponto seremos nós capazes de entrever toda a sua importancia.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Óscar Lopes, *Ler e Depois— Crítica e interpretação literária*— 1; Editorial Inova, Porto, 1969.

crítica

Uma teoria do realismo

por Eduardo Prado Coelho

Voltemos á análise de *Ler e Depois* A teoria estética de Óscar Lopes designa-se a si mesma como «realista». Eis um ponto importante. É em torno de certas palavras, do modo como delas nos apropriamos, que a luta (de posições de classe) se trava. É absurdo ouvir dizer, em certos colóquios, que é preciso ultrapassar a discussão desta ou daquela palavra e entrar em matéria concreta. Ou ainda: que é preciso abandonar teorias e passar á prática. Ora esta ansia do concreto é também, e ainda, e sobretudo, uma teoria —cujas consequências são, por vezes, graves. Uma dessas consequências é o esquecimento de que é no terreno de uma prática discursiva que o combate se desenrola: entre palavras que excluimos, palavras que escolhemos e palavras que transformamos.

Se Óscar Lopes adopta a designação de «realismo», é porque tem várias razões para o fazer. Em primeiro lugar: pretende estabelecer assim uma continuidade e uma tradição. Por exemplo: indicar a importancia de Antero, de Oliveira Martins e de Eça de Queirós, para a história do realismo português. Por conseguinte, o termo «realismo» começa por marcar um lugar, gravar uma opção fundamental. Porque delimitar as balizas ideológicas é um trabalho prévio indispensável

Mas o termo «realismo», adoptado por Óscar Lopes numa época em que tal termo aparece frequentemente desvalorizado, designa algo de mais valioso. Ele não é apenas uma palavra de referência, uma senha «de identificação de grupo» que se continua a usar para «apologia de posições adquiridas». Nada disso. O «realismo» aponta, no domínio da teoria da arte (em que as ideias circulam com uma fluidez e um empirismo assustadores), uma estética extremamente sistematizada, e, no entanto, como em todo o verdadeiro sistema, dinamica e aberta.

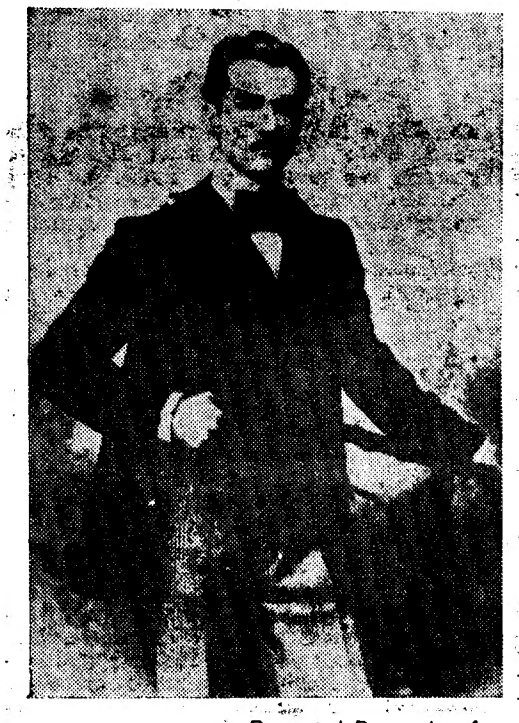
Se hoje em dia existe uma certa tendência para desvalorizar as opções realistas, ela deriva duma pesada tradição que leva a associar-se ao «realismo» *uma teoria de refluxo, uma estética da imitado reflexo, uma estética da imitação e uma filosofia da representa-*

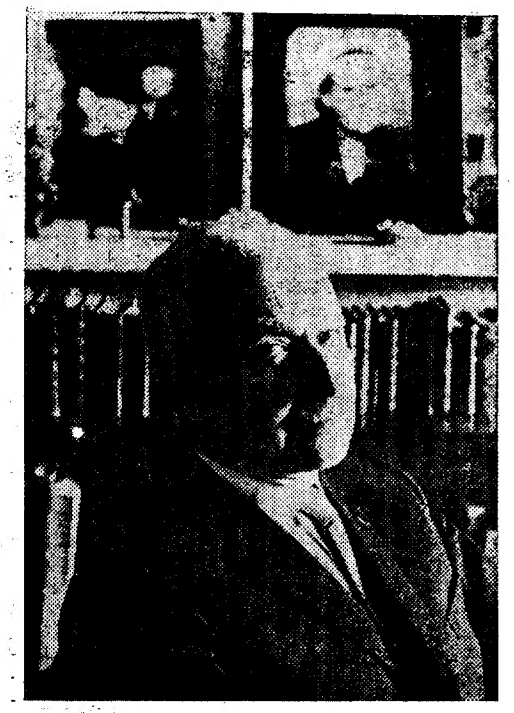
A crítica da estética da imitação é hoje um lugar-comum. A crítica da *teoria do reflexo* é já frequente (e Óscar Lopes aflora-a nas páginas que dedica a Sérgio). Habitualmente, a teoria do reflexo é salva *in extremis* por um recurso á «dialéctica». Mas recurso excessivamente fácil, até porque esta «dialética» se especializou demasiadamente em salvamentos em ultima instancia. A crítica da teoria do reflexo deverá passar pelos desenvolvimentos actuais da psicologia materialista (de um Rubinstein, por exemplo), da linguística geral e da filosofia da linguagem, e ainda do materialismo freudiano, que através duma ciência e duma prática (que a palavra *psicanálise* procura conjugar), põe em causa muitos dos pressupostos da psicologia tradicional. Como o faz notar Moustafa Safouan «importa que vejamos até que ponto a perspectiva freudiana implica uma contestação da realidade, nunca igualada por qualquer sistema filosófico» *(Qu'es-ce que le structuralisme?*, Seuil, p. 255) E, ainda: «é na medida em que se inscreve numa rede de linguagem que o real surge na luz do ser e se diferencia na variedade dos entes» (id., p. 257). Não se trata aqui duma hipóaste da linguagem (que Óscar Lopes pertinentemente critica em vários pontos do seu livro), mas duma crítica da representação como categoria filosófica. É essa crítica que aparece, no domínio da epistemologia, com Bachelard, Koyré e outros. É essa crítica que surge no terreno da filosofia, nas obras admiráveis de Foucault e Deleuze Toda a estética contemporânea nos aparece em revolta contra o totalitarismo da representação. Toda a estética contemporânea se insere naquela corrente de pensamento que nos diz que nada existe anterior ao trabalho que tudo produz: que nenhum sentido preexiste à letra que como sentido o inscreve, que nenhum modelo a representar preexiste à *re-presentação*, que nenhum espírito existe fora da materialidade em que se situa o seu processo produtivo.

O que torna insólito, difícil e apaixonante o projecto de Óscar Lopes é o seguinte conjunto de factos. Em primeiro lugar, nenhuma estética realista portuguesa levou tão longe a crítica do reflexo, da imitação e da representação, e afirmou tão claramente que o real é produção e a arte produção do real. Por outro lado, e por razões perfeitamente justas, nenhuma estética realista portuguesa procurou vincular-se mais a uma tradição de realismo. Ora esta tradição insere-se necessáriamente na problemática (por vezes altamente elaborada) do reflexo e da representação. A dificuldade e o mérito de Óscar Lopes consiste em *articular* estas duas exigências: em acentuar a ruptura entre uma estética realista pré-modernista e uma estética realista modernista, sem quebrar, no entanto, a continuidade frágil de um só projecto realista.

Para Óscar Lopes, é a prática (como conjunto articulado de práticas com função produtiva) a unica realidade a ter em conta. Para manter esta tese, é preciso uma dupla crítica. Por um lado, crítica dum «real» exterior e alheio ao homem e a ele concedido duma vez para sempre (a «imaterialidade» dum «real» dado por um dador que apenas pode ser um «espírito»). Por outro lado, crítica dum «real» interior ao homem, de um «mundo interior» que exista na pura imaterialidade dum sujeito. Esta dupla crítica aparece nos dois primeiros ensaios de *Ler e Depois*. O primeiro aspecto surge no texto «Abordagem ao realismo de experiência portuguesa» e o segundo em «O mundo interior». A conjugação entre os dois aspectos afigura-se-me evidente: num crítica-se a concepção da arte como representação, que está na origem de todas as interpretações mecanicistas e sociologistas da arte; noutra crítica-se a noção de «interioridade», que está na origem de

(Continua na 7.ª página)





Raymond Roussel e Aragon: permanência de poesia

Quatro poetas

Théophile Gautier/Raymond Rousset/Pierre Albert-Birot/Aragon

por Jean Rousselot

O COLETE VERMELHO, as calças verdes e os longos cabelos de Théophile Gautier (a «Jovem França» usava então os cabelos tão compridos como hoje) ficaram célebres. Uma das suas quadras, que é uma obra-prima de concisão e uma magnífica profissão de fé, senão uma verdade-prima, anda em todas as memórias:

Tout passe — l'art robuste
Seul a l'éternité
Le buste
Survit à la cité (1).

Mas isso é práticamente tudo quanto vem à tona da sua obra poética, e, no entanto, toda a gente conhece, pelo menos de nome, *'O Capitão Fracasse, Mademoiselle de Maupin* e outras obras de ganha-pão desse poeta «condenado ao folhetim»

Bernard Delvaille teve a feliz ideia de lhe prestar justiça, num ensaio muito amigável e muito vivo (Seghers). Se não nos convence de que Gautier foi esse «poeta impecável» e esse «perfeito mágico das letras» que Baudelaire dizia ver nele, por uma grata humildade, que hoje nos indispõe, o certo é que não tem dificuldade em nos obrigar a admitir que o autor de *Emaux et Camées* foi um grande artista do verso — um artista cuja influência no estrangeiro (veja-se Pomed, Fliot, os «armeistas» russos) continuou muito para além do fim do Parnesianismo francês — um excelente cronista, e, finalmente, um autêntico percursor de Largand e dos «cosmopolitas» do nosso tempo.

*

Nascido em 1877, cinco anos depois da morte de Gautier, Raymoud Roussel foi, ele também, um poeta dominado por preocupações de forma. *Dandy* muito rico de muito belo, consagrou toda a sua vida a uma obra aparentemente lunática cuja compreensão é, no dizer de Pierre Schneider, «uma corrida ao tesouro». O seu processo consistia, como ele explicou em *Comment j'ai écrit certains de mes livres*, em «fazer surgir uma espécie de equações de factos que, depois, havia que resolver lògicamente». Roussel resolveu milhares de equações dessas, ao longo de todos os seus romances, poemas e dramas *(La Doublure, Impressions d'Afrique, La Vue, Loues Solus, Poussiéres de Soleils, Nouvelles Impressions d' Afrique*, etc.) conseguindo a criação de um mundo fantástico, barroco, de estranha e, por vezes, inquietante beleza.

Bernard Caburet, amigo dos surrealistas (os quais não deixaram de reconhecer em Raymond Roussel, um viajante dos mesmos caminhos por eles trilhados) estabelece (com muita justeza), entre Roussel e os surrealistas certas pontes muito úteis para a história literária. Sublinha que a exploração sistemática a que Roussel procede da riqueza semântica da linguagem e da sua realidade metafísico prenuncia as mais recentes demonstrações da linguística estruturalista. O seu ensaio ágil e penetrante (Seghers) é um modelo no seu género.

Se Roussel não teve paciência para ficar à espera de sua glória (suicidou-se em Palermo, no ano de 1938). Pierre Albert-Birot, mais novo que ele um ano, esperou pelo começo da sua glória até 80 anos, dela retirou renovado vigor e veio a morrer apenas em 1967, aos 91 anos

Poeta, romancista, autor dramático, cujas audácias estapafúrdias não foram ainda ultrapassadas, mas também escultor, pintor, tipógrafo, tradutor de Homero e encenador (foi ele que, em 1917, montou as *Mamelles de Tirísias*, de Apollinaire), tinha, no entanto, direito ao nosso reconhecimento e à nossa admiração, por ter sido, a partir de 1916, com a revista *Sic* (Sons, Imagens, Cores) e *pirogéneo*, onde todos os vanguardistas vieram «acender os fósforos», na expressão de Apollinaire, e por ter erigido, com *Grabinoulor* o grande, e talvez único, monumento épico do nosso tempo

A revista «La Barbacain», editada pelo círculo cultural e artesanal de Bonagúil, consagra a esse grande poeta e a esse notável

(Continua na 7.ª página)

acaba de sair
INTERNATO
Romance
2.ª edição

RECORTE DA CRÍTICA

...as reacções que vêm finamente descritas no romance de João Gaspar Simões culminam por fim no desespero e na revolta.
M. RODRIGUES LAPA
Seara Nova, 15-III-47

...a figura de Ramiro ficará na literatura portuguesa como uma das mais perfeitas realizações que um artista pode conseguir.
João Gaspar Simões, com o seu Internato, *enriqueceu a literatura portuguesa com um livro de excepcional valor e revelou-se, definitivamente, um dos nossos primeiros romancistas.*
DOMINGOS MONTEIRO
Mundo Literário, 22-II-47

Quando for necessário dar como exemplo de crueza e verosimilhança um romance vivido por rapazes na idade liceal, o melhor é esse que aí está — Internato, *de João Gaspar Simões.*
FERNANDO MENDONÇA
(in O Romance Português Contemporâneo)

COL. CONTEMPORÂNEA 380 págs. 60$00
PORTUGÁLIA EDITORA